

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

Instituto de Ciências Biológicas

Instituto de Física

Instituto de Química

Faculdade UnB Planaltina

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências

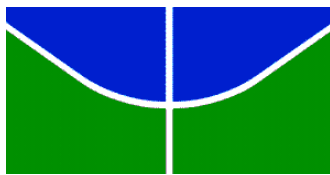
Mestrado Profissional em Ensino de Ciências

LUANA MARIA OLIVEIRA

**SEXUALIDADE: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA FORMAÇÃO
INICIAL DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS NATURAIS**

Brasília, DF

2018



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

Instituto de Ciências Biológicas

Instituto de Física

Instituto de Química

Faculdade UnB Planaltina

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências

Mestrado Profissional em Ensino de Ciências

LUANA MARIA OLIVEIRA

**SEXUALIDADE: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA FORMAÇÃO
INICIAL DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS NATURAIS**

Dissertação elaborado sob orientação da Prof.^a
Dr Alice Melo Ribeiro e coorientação do Prof
Dr Maria de Lourdes Lazzari Freitas,
apresentado à banca examinadora como
requisito à obtenção do Título de Mestre em
Ensino de Ciências pelo Programa de Pós-
Graduação em Ensino de Ciências da
Universidade de Brasília.

Brasília, DF

2018

LUANA MARIA OLIVEIRA

**SEXUALIDADE: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA FORMAÇÃO
INICIAL DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS NATURAIS**

Projeto de Dissertação elaborado sob orientação da Prof.^a Alice Melo Ribeiro e coorientação do Prof. Maria de Lourdes Lazarri Freitas , apresentado à banca examinadora como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Ensino de Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Universidade de Brasília.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2018.

Prof.^a. Dr.^a. Alice Melo Ribeiro

Prof.^a. Dr.^a. Jeane Cristina Gomes Rotta
(Membro interno vinculado ao Programa – IQ/UnB)

Prof.^a. Dr.^a. Viviane Aparecida Da Silva Falcomer
(Membro Externo – UnB/FUP)

Brasília, DF
2018

A sexualidade, enquanto possibilidade e caminho de alongamento de nós mesmos, de produção de vida e de existência, de gozo e de boniteza, exige de nós essa volta crítico-amorosa, essa busca de saber de nosso corpo. Não podemos estar sendo, autenticamente, no mundo e com o mundo, se nos fecharmos medrosos e hipócritas aos mistérios de nosso corpo ou se os tratamos, aos mistérios, cínica e irresponsavelmente. Paulo Freire.

RESUMO

A sexualidade, no ensino de ciências, foi por muito tempo deixado de lado ou apresentada aos estudantes de forma equivocada, associando a sexualidade apenas aos conceitos relacionados à anatomia humana, reprodução e doenças sexualmente Transmissíveis. Atualmente um movimento referente à educação sexual está crescendo no âmbito educacional evidenciando a sexualidade como algo pertencente à natureza humana. Esta pesquisa consistiu em propor e avaliar uma disciplina na perspectiva de discutir temas sobre sexualidade e construir recursos didáticos na universidade de Brasília no curso de Licenciatura em Ciências Naturais. Durante a oferta da disciplina foram construídos cinco recursos didáticos com os temas: Teoria Queer, violência sexual, preconceito, adolescência, autoestima e saúde íntima. Os estudantes relataram que a disciplina contribuiu para a reflexão, sensibilização e consciência sobre os temas relacionados à sexualidade.

ABSTRACT

Sexuality in science teaching has long been overlooked or misrepresented to students, associating sexuality only with concepts related to human anatomy, reproduction, and sexually transmitted diseases. Currently a movement regarding sex education is growing in the educational field evidencing sexuality as something belonging to human nature. This research consisted in proposing and evaluating a subject in the perspective of discussing topics about sexuality and constructing didactic resources at the University of Brasilia in the course of Licenciatura in Natural Sciences. During the course offer, five didactic resources were built with the themes: Queer Theory, sexual violence, prejudice, adolescence, self-esteem and intimate health. The students reported that the discipline contributed to reflection, awareness and awareness on issues related to sexuality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Captura de Tela: Reportagem no sítio UOL onde os pais acionaram o MP para retirada de livro com ilustrações de órgãos sexuais	56
Figura 2 - Fotografia: Caixa para cartas do jogo	58
Figura 3 - Fotografia: Cartas do jogo	58
Figura 4 - Fotografia: Cartas do jogo	58
Figura 5 - Fotografia: Modelo feito em sala (feminino).....	60
Figura 6 - Fotografia: Modelo feito em sala (masculino).....	60
Figura 7 - Fotografia: Idealização do Recurso	62
Figura 8 - Fotografia: Bloco com personagem	62
Figura 9 - Fotografia: Bloco com personagem	62
Figura 10 - Fotografia: Bloco com personagem	62
Figura 11 - Fotografia: Bloco com personagem	62
Figura 12 - Fotografia: Modelo de recurso feito pelo grupo	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Nomes Fictícios e Idades.....	39
Tabela 2 - Divisão dos Grupos e Temas e Textos	48
Tabela 3 - Ficha Técnica do Livro (Higiene Íntima e Auto-estima)	51
Tabela 4 - Ficha Técnica do Livro (Preconceito e Teoria QUEER)	52
Tabela 5 - Ficha Técnica do Livro (Exploração, Violência e Assédio Sexual).....	53
Tabela 6 - Ficha Técnica do Livro (Papel da Mulher da Sociedade e Educação Sexual)	54
Tabela 7 - Ficha Técnica do Livro (Sexualidade e Adolescência)	55
Tabela 8 - Ficha dos Envelopes	63

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	10
2. INTRODUÇÃO.....	14
3. BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DE TRABALHOS ACADÊMICOS PRODUZIDOS SOBRE O TEMA SEXUALIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES	17
4. REFERENCIAL TEÓRICO.....	29
4.1. ASPECTOS DO ENSINO DE SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR.....	29
4.2. ABORDAGEM DO ENSINO DE SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL DO LICENCIADO EM CIÊNCIAS NATURAIS.....	31
4.3. ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DE SEXUALIDADE.....	33
5. OBJETIVO	37
5.1. OBJETIVO GERAL	37
5.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	37
6. CAMINHO METODOLÓGICO	38
6.1. CONTEXTO DOS PARTICIPANTES	38
6.2. PROCEDIMENTOS DE CONSTRUÇÃO DE DADOS	39
6.3. PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E APLICAÇÃO DA DISCIPLINA.....	40
6.4. PROCESSO DE COLETA DE DADOS	41
6.5. PROCESSO DE ANÁLISE DOS DADOS	42
7. RESULTADOS E DISCUSSÕES	43
7.1. DELINEANDO CAMINHOS: UM CONVERSAR COM OS LICENCIANDOS EM CIÊNCIAS NATURAIS.....	43
7.2. DELIMITANDO TEMAS: A ESCOLHA DOS TEMAS A SEREM ESTUDADOS E DISCUTIDOS NA DISCIPLINA.....	46
7.3. SEXUALIDADE NOS LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADOS NO DISTRITO FEDERAL	51
7.4. CONSTRUÇÃO DOS RECURSOS DIDÁTICOS PARA TRABALHAR COM OS TEMAS DE SEXUALIDADE NA ESCOLA.....	57
7.5. CONTRIBUIÇÃO DA PROPOSIÇÃO PARA OS LICENCIANDOS EM CIÊNCIAS NATURAIS.....	70

7.6. O TEMA DE SEXUALIDADE COMO EIXO NORTEADOR DA DISCIPLINA OFERTADA.....	73
7.7. UM OLHAR ACERCA DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS – SEXUALIDADE EM FOCO.....	79
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85

1. APRESENTAÇÃO

Nasci em Bitupitá, ilha do interior do Ceará (CE). Me recordo que em minhas séries iniciais sempre tive um relacionamento muito próximo com a natureza. Morava em uma ilha onde era comum baleias encalharem, o que sempre possibilitou os professores de levar os alunos para a beira da praia, no intuito de ensiná-los na prática sobre a vida dos animais. Aos 8 anos de idade vim para Planaltina/DF, região administrativa do Distrito Federal, morar com familiares, na expectativa de ter facilitado o meu acesso aos estudos.

Toda minha fase escolar foi em escolas públicas, e desde do início sempre chamei atenção dos professores face a minha vocação educacional, capacidade de liderança e participação ativa nas salas de aula.

Aos 10 anos de idade, fui reconhecida como uma aluna com altas habilidades na área de matemática e produção de textos. Dessa forma, passei a frequentar a Sala de Recursos, oportunidade na qual escrevi o meu primeiro (de muitos) livro, sob o título "Coletânea de Talentos". Durante essa época, diversos professores e orientadores pedagógicos me auxiliaram e ofereceram diversas ferramentas que subsidiaram o desenvolvimento das minhas habilidades para estudo e pesquisa.

No Ensino Fundamental, participei de uma Feira de Ciências, onde tive a oportunidade de conhecer a Professora Juliana Viegas que, de um jeito único, me mostrou o quão apaixonante pode ser a área da educação e a profissão de professor.

Durante o ensino médio, participei da Iniciação Científica Júnior, em uma pesquisa sobre ervas medicinais, sob a orientação do Professor Paulo César, no Centro de Ensino Médio Stella dos Cherubins Guimarães Tróis - Planaltina/DF. Nessa etapa da minha formação, pude vivenciar grandes experiências de ensino e aprendizagem. Os professores e os orientadores sempre ofereciam aos alunos a oportunidade de participar de projetos de pesquisa, fazendo com que a nossa aprendizagem fossem bem diversificada.

Em 2008, fui aprovada no vestibular para o curso de Licenciatura Plena em Ciências Naturais, na Faculdade UnB de Planaltina/DF - FUP/UnB. Essa conquista trouxe grande orgulho para mim e toda minha família, pois fui a primeira a entrega em uma Universidade Federal.

Durante toda minha vida acadêmica, sempre fui uma aluna atuante da Universidade de Brasília - UnB. No segundo semestre do curso, fiz parte da chapa eleita para o Centro Acadêmico de Ciências - FUP/UnB, oportunidade em que representamos os alunos e, durante os dois anos como membro do conselho, organizamos diversos eventos na Universidade, como a Semana Acadêmica de Ciências Naturais.

Ainda no segunda semestre, participei também do Programa Prodocência (Programa de Consolidação das Licenciaturas), sob a orientação da Professora Dr^a Melo Ribeiro. O programa tinha como objetivo compreender e qualificar a profissão docente para a inserção e inovação nos conteúdos curriculares por meio do desenvolvimento de projetos em disciplinas, principalmente nos estágios e práticas, bem como a formação dos licenciandos com maior articulação entre teoria e prática.

Durante a atuação no Prodocência, tive meu primeiro contato com a sala de aula. No Centro de Ensino Fundamental 01 de Planaltina/DF implantamos um subprojeto, intitulado Educação para o Meio Ambiente - Sensibilização e Ação. O subprojeto consistia em diversas abordagem práticas, palestras e oficinas com os professores e os alunos da escola. O objetivo era provocar a reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem e sua prática docente.

No início do ano de 2011, fiz co-participação em um dos capítulos do livro do Prodocência, intitulado "Formação docente e ensino de ciências naturais in: Trajetórias das Licenciaturas da UnB - A experiência do Prodocência em foco". A experiência de escrever parte de um capítulo desse livro foi inexplicável e me fez refletir sobre todo o trabalho realizado.

No ano de 2011, ainda no Prodocência, a equipe estava sob a orientação da Professora Dr^a Jeane Cristina Gomes Rotta e da Professora MSc. Anete Maria de Oliveira. Nessa fase no projeto, iniciamos uma pesquisa intitulada INTERGEO, que visava inserir e interligar os conteúdos do ensino de geociências, complementando a formação dos professores de Ciências Naturais do 6º ano do Ensino Fundamental das escolas de públicas de Planaltina/DF. Neste projeto, procuramos averiguar se os professores da educação básica tinham dificuldades em ministrar os conteúdos de Geologia.

Durante minha participação no Prodocência, pude vivenciar experiências únicas na escola em que trabalhei, com os alunos e com os professores, além de confirmar que tinha escolhido a profissão certa pra mim.

Durante todo o ano de 2012, tive a oportunidade de trabalhar como monitora voluntária na Área de Laboratório de Ciências e Acompanhamento Escolar, no programa de Educação Integral do Centro de Ensino Médio Stella dos Cherubins Guimarães Tróis - Planaltina/DF.

Durante as monitorias, trabalhamos no laboratório com práticas experimentais em ensino de ciências, o que proporcionou aos envolvidos um arcabouço grande de experiências. Ainda no Ensino Integral, fui monitora de acompanhamento pedagógico, onde observei e conversei com os alunos sobre as suas dificuldades escolares, buscando junto a escola e aos próprios alunos meios para solucionar esses empecilhos.

Desde 2012, atuei no Projeto de Extensão "Projetos Interdisciplinares para o Ensino de Ciências - a Universidade (FUP) vai para as Escolas Públicas", nos Editais DEG CAIS nº 6/2014 e nº 5/2015 - Programa de Fomento para Projetos de Aprendizagem e Inovação Social no Paranoá/Itapoã e no Projeto Novos Talentos CAPES nº 055/2012 - Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente na Escola e na Formação Continuada de Professores (vigente até 2016), sob coordenação da Professora Dr^a Maria de Lourdes Lazzari de Freitas.

O projeto teve como objetivo trabalhar temáticas ligadas à sexualidade, com atividades de mini-cursos e oficinas para alunos da educação básica. As abordagens se davam de maneiras diversificadas, os recursos e modalidades didáticas eram diferenciadas. Por meio desta experiência foi possível sensibilizar os alunos quanto à conscientização e tomada de decisões relacionadas à saúde do corpo e da mente (saúde reprodutiva).

A temática relacionada à sexualidade sempre me deixou inquieta, pois desde minha primeira experiência na escola pude observar quão necessário é a discussão deste tema nas salas de aula. Durante o mini-curso, identificávamos o interesse dos alunos em participar, tirar as dúvidas e construir um conhecimento sobre o assunto. Foi nesse momento que comecei a pensar nesse projeto. O objetivo era capacitar os professores e equipá-los de recursos, transformando estes educadores em multiplicadores, possibilitando assim discutir estes temas com responsabilidade e inovação metodológica.

Assim, no ano de 2016, iniciei o Mestrado em Ensino de Ciências, e na perspectiva de continuar trabalhando este tema, mas com multiplicadores, idealizei uma disciplina no curso de Ciências Naturais, buscando desenvolver subsídios para que os licenciandos possam trabalhar com o tema de sexualidade na sala de aula. A intenção é

capacitar os futuros professores para que, durante o ano letivo, tenham conhecimento e segurança para realizar atividades e projetos envolvendo as questões relacionadas à sexualidade.

2. INTRODUÇÃO

A constante mutação no comportamento dos jovens, com o passar dos anos, trouxe para o contexto educacional modificações significativas. É notório que os assuntos, hoje em pauta entre os adolescentes, percorrem eixos que os educadores ainda não se encontram preparados para debater, sobretudo quando desrespeito à sexualidade.

Nesse ínterim, os questionamentos relacionados à sexualidade não poderiam ser negligenciados pelos professores ou qualquer profissional da área de educação, visto que estes já fazem parte do cotidiano dos jovens, seja no âmbito escolar, seja no âmbito social.

Nessa linha, observa Louro (1997, pg. 81):

Essa presença da sexualidade independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de "educação sexual", da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se despir. (grifo nosso)

Face a observação de Louro e as transformações sociais vivenciadas pelas crianças e adolescentes, se necessário faz uma discussão sobre as questões relacionadas à sexualidade nas escolas.

Assim, como indicam inúmeras experiências pedagógicas, ressaltada nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PNC:

A abordagem da sexualidade no âmbito da educação precisa ser clara, para que seja tratada de forma simples e direta; ampla, para não reduzir sua complexidade; flexível, para permitir o atendimento a conteúdos e situações diversas; e sistemática, para possibilitar aprendizagem e desenvolvimento crescentes. (BRASIL, 1998, p. 23)

Nessa linha, debater sobre o tema nas escolas torna-se primordial uma vez que a sexualidade deve ser conhecida como um espaço sociocultural. Segundo Silva (2013), é durante a fase escolar que os jovens se deparam com as diferenças, sendo nesse período que os diferentes comportamentos sexuais se encontram, se desenvolvem e são reformulados.

Contudo, a realidade é outra. Nas escolas, a sexualidade é tratado de forma restrita, sendo enfaticamente abordada nas aulas de aparelho reprodutor na disciplina de Ciências Naturais. A discussão sobre a reprodução humana traz informações ou noções relativas à anatomia e a fisiologia do corpo humano (Brasil, 1998).

Nesse sentido, Figueiró (2006, p. 42):

[...] a sexualidade não pode ser restringida à sua dimensão biológica, nem à noção de genitalidade, ou de instinto. Ela é, pelo contrário, uma energia vital da subjetividade e da cultura, que deve ser compreendida como uma construção social que é condicionada pelos diferentes momentos históricos, econômicos, políticos e sociais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1998, p. 292) destacam ainda que "essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, nem o interesse dos adolescentes, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui a dimensão da sexualidade. Assim, infere-se ser necessário uma abordagem social da sexualidade no âmbito escolar. Vejamos:

[...] que a Orientação Sexual oferecida pela escola aborde as repercussões de todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade, com as crianças e os jovens. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança já possui e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhe é ou foi apresentado. [...] propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e explicitar os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade. (BRASIL, 1998, p. 122)

No entanto, o número de professores que abordam a sexualidade na sala de aula ainda é consideravelmente reduzido. Muitos afirmam que discutir o tema durante as aulas extrapola sua formação inicial, o que não os torna aptos para levantar tais discussões.

Nessa linha, Figueiró (2001) corrobora que os próprios professores admitem que sentem dificuldades em abordar o tema com os alunos. Segundo o autor, durante o exercício do seu trabalho, as questões relacionadas à sexualidade têm trazido inúmeras dificuldades, problemas e desafios para os educadores.

Barreto e Araújo (2016, p. 02) destacam que os professores declaram "se sentir intimidados a promover uma discussão sobre temas ligados à sexualidade por causa da reação dos alunos e/ou pais, receio de embate com a direção da escola e por não possuírem formação sobre alguns temas ligados à sexualidade".

Desse modo, depreende-se ser necessário que "os educadores tenham acesso a formação específica para tratar de sexualidades com as crianças e jovens na escola" (BRASIL, 1998, p. 123). É de grande importância que os cursos de licenciatura ofereçam disciplinas que abordem o tema, preparando os futuros professores para lidar com estas questões em sala de aula.

No que diz respeito à formação inicial, Diniz (2015) destaca os licenciados em Ciências Naturais, uma vez que, culturalmente, a responsabilidade para abortar o assunto nas salas de aula fica a cargo dos professores que atuam nessa área. Contudo, isso não reduz a importância de todas as disciplinas abordarem a sexualidade em seus múltiplos aspectos.

Face o exposto, a presente pesquisa consiste em realizar um diagnóstico sobre as disciplinas e os recursos pedagógicos na faculdade UnB Planaltina, no curso de Licenciatura em Ciências Naturais, com relação à educação sexual, e propor uma disciplina para promover discussões, além da elaboração de materiais e métodos para o ensino de sexualidade no ensino fundamental.

3. BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DE TRABALHOS ACADÊMICOS PRODUZIDOS SOBRE O TEMA SEXUALIDADE E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Com a finalidade de averiguar as produções bibliográficas existentes acerca do da abordagem do tema na formação dos professores, foi realizado um levantamento bibliográfico no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

O foco para o levantamento bibliográfico foi o estudo de aportes teóricos sobre a temática em teses, monografias, dissertações e artigos científicos, em língua portuguesa, disponíveis na plataforma, compreendendo o período de publicação entre 2009 a 2016.

Foram introduzidas palavras identificadoras voltadas para o assunto nos campos de pesquisa. Dentre os termos utilizados, destacam-se "sexualidade", "formação de professores" e "sexualidade + formação de professores". Nesta pesquisa foram encontrados 62 (sessenta e dois) documentos.

Posteriormente, foi realizada uma leitura dos títulos e resumos dos trabalhos encontrados com a intenção de selecionar as produções que apresentassem uma vertente de sexualidade relacionada à formação de professores, sendo descartados dessa fase analítica os conteúdos de sexualidade abordados em sala de aula e os relacionados a conceitos da sexualidade, uma vez que não era a linha de pesquisa pretendida no momento.

Após a realização da pesquisa e leituras dos resumos foram selecionados 09 (nove) documentos, sendo 05 (cinco) artigos, 02 (duas) dissertações de mestrado e 02 (duas) teses de doutorado.

Ao realizar a leitura, procurou-se identificar os textos que tivessem ênfase com a formação inicial e continuada de professores relacionados à sexualidade, da qual destaca-se a dissertação de mestrado intitulada "Metodologia da problematização como encaminhamento da temática de sexualidade na escola: implicações para a formação inicial de professores" (Lando, 2010). Esta configura-se como uma pesquisa qualitativa, que avaliou se a metodologia de problematização era um caminho para os professores utilizem na abordagem da sexualidade em sala de aula.

O autor trás um panorama geral sobre sexualidade e como esta pode ser desenvolvida no âmbito educacional. Vejamos:

Educar sexualmente não é somente oferecer ao estudante informações sobre sexo, mas também a interpretação das relações referentes a sexualidade existente dentro de uma cultura e seus significados, pois oferecer aos estudantes somente informação, orientação e aconselhamento, não significam exatamente o desenvolvimento da educação sexual. (LANDO, 2010, p.16)

Lando (2010) acrescenta que, embora houvesse demandas para debater a sexualidade, tanto a escola quanto os professores tratavam os estudantes como seres assexuados e, conseqüentemente, não abordaram a temática nas aulas.

Contudo, com o aumento da demanda as escolas tiveram que assumir a responsabilidade de ensinar e discutir o tema, haja vista a importância na realização da educação sexual para orientar os estudantes, não só nas questões de saúde, mas também no respeito ao próximo.

Para tanto, tratar este assunto em sala de aula não é fácil. Lando (2010) entende que a interação professor-aluno é de suma importância para a abordagem do tema de sexualidade em sala de aula.

Segundo a autora, é necessário que o professor trate o tema de forma espontânea, transmitindo confiança na relação entre ele e o aluno, devendo compreender que a sexualidade é algo cotidiano na vida do estudante para que ambos construam o conhecimento juntos. Este tipo de confiança pode levar o aluno a uma aprendizagem emancipatória.

No contexto atual, é observado que os educadores têm receio de abordar o tema com os alunos. Muito entendem que a responsabilidade caberia a outros profissionais como psicólogos, terapeutas sexuais, médicos, entre outros. Elucida Lando (2010) que os professores que atuam na área das Ciências Naturais não abordam a sexualidade voltada para as questões sociais, mas somente as questões biológicas.

A pesquisa de Lando (2010) teve como objetivo investigar as possibilidades e os eventuais limites da utilização da metodologia de problematização no ensino de sexualidade na escola. Para tanto a autora realizou uma pesquisa qualitativa junto a 42 (quarenta e dois) alunos do curso de licenciatura em biologia. Foram realizados 10 (dez) encontros com os alunos, sendo 02 (duas) aulas por semana, com duração de duas horas. A coleta de dados foi realizada com a gravação dos debates e discussões feitas pela pesquisadora e os alunos e também um questionário com cinco perguntas abertas.

Em um primeiro momento os graduandos observaram aulas de professores atuando sobre o tema e em um segundo momento, foram realizadas discussões em sala de aula. Após a observação e as discussões os graduandos elencaram algumas situações problemas as quais tiveram que buscar embasamento teórico para resolvê-las. Por fim, os participantes deveriam aplicar em sala de aula as soluções encontradas para as situações problema evidenciadas por eles na primeira etapa.

Com o estudo preliminar, a pesquisadora observou que para muitos dos graduandos de Biologia o assunto de sexualidade é, por vezes, constrangedor. Contudo, com a utilização a metodologia problematizadora, os mesmos puderam aproximar mais a teoria da prática por vivenciarem as situações. Esta metodologia facilita o ensino de temas relacionados a sexualidade. Ainda, Lando (2010) ressalta a importância dos graduandos terem este contato com o tema desde sua formação inicial, não só a teoria, mas também a prática em sala.

Outro documento importante foi a tese de doutorado intitulada "Sexualidade e orientação sexual na formação de professores: uma análise da política educacional" (SILVA,2010). Esta trata da ausência de conteúdos de sexualidade e orientação sexual na formação inicial de professores, nos cursos de pedagogia. Assim, a autora investigou a orientação sexual como política educacional, o lugar que o tema ocupa na formação docente, e como instituições formadoras de professores em Porto Velho/RO estão preparando os futuros professores para lidar com o tema em sala de aula.

Neste sentido, Silva (2010) realizou um estudo que buscou descrever os mecanismos, estratégias ou procedimentos de ensino utilizados pelos cursos de formação inicial de professores pesquisados, analisando as facilidades e dificuldades apresentadas por alunos e professores do curso de pedagogia para lidar com o tema sexualidade.

A autora adotou a abordagem qualitativa, descritiva, com análise do conteúdo das respostas dadas por coordenadoras, professores e alunas líderes de turma, totalizando 16 (dezesseis) participantes, de três cursos de pedagogia de instituições pública e privadas.

Após a realização da pesquisa, Silva (2010), identificou três categorias: a sexualidade ausente ou negada, a sexualidade proclamada e a sexualidade idealizada. A sexualidade ausente ou negada pretende que a sexualidade esteja ausente ou não apareça nas relações sociais, no cotidiano das escolas, em sala de aula e na formação dos professores.

A primeira categoria, entendida como a sexualidade ausente ou negada, é representada pela ausência de respostas. Para Silva (2010, p. 146):

Talvez o alegado despreparo para se lidar com o tema na formação inicial não seja, em alguns casos, tão determinante quanto a ideologia que sustenta a indisponibilidade para lidar com questões sexuais. É uma ideologia conservadora que quer a reprodução das atitudes e comportamentos que negam a sexualidade, que esta esteja ausente da vida das crianças, dos jovens, dos adultos e dos idosos, desde antes do nascimento até a morte, e serve à manutenção da ignorância e dos mecanismos de opressão social.

A sexualidade proclamada "designa o que é tratado sobre sexualidade e orientação sexual nos cursos de pedagogia pesquisados". (SILVA, 2010, p.155).

Assim, Silva (2010, p. 155) coloca que:

Os professores reproduzem em sala o que consideram adequado como conteúdo e estratégias de ensino sobre sexualidade e orientação sexual, na sua atuação docente cotidiana na formação inicial real, que se distancia do que é preconizado pelos autores até aqui estudados, inclusive do conteúdo dos PCN.

A categoria de sexualidade idealizada "recusa a realidade do ensino sobre sexualidade e orientação sexual existente, em favor de um ideal de ensino destes conteúdos que não ocorre nos cursos de formação inicial de professores" (SILVA, 2010, p. 131).

A autora elucida ainda que chamou de idealizada porque a mesma nega a realidade como ela é, buscando uma perfeição, um campo ilusório. A mesma destaca que isso ocorre pelo fato dos pesquisados não terem uma formação para lidar com os assuntos de sexualidade. Assim ressalta a importância de abordar o tema na formação inicial e continuada dos professores.

Silva (2010, p. 146) ainda trás a seguinte comparação:

As três categorias levantadas nesta pesquisa podem ser confrontadas com o currículo (MOREIRA, 1997), sendo a primeira – a sexualidade proclamada - com o currículo real; a segunda – a sexualidade ausente ou negada – com o currículo nulo ou vazio; e a terceira – a sexualidade idealizada - com o currículo formal. O texto formal é apenas o idealizado, o que se planeja e almeja, mas que só algumas vezes e em alguns aspectos se torna realidade, como aqui se apresenta esta terceira categoria.

Nesta perspectiva a inserção da sexualidade e orientação sexual na formação inicial dos professores e na atuação docente, no cotidiano escolar e como parte das prioridades da gestão educacional necessita de uma criatividade capaz de contagiar e dinamizar não só a escola, mas a própria realidade da educação pública brasileira. O preparo do professor desde a formação inicial é pré-requisito para que isso se efetive.

Assim, Silva (2010, p. 147) afirma que:

Os professores formadores de professores precisam estar e se sentir preparados para lidar com o tema. Maiores investimentos na formação inicial, e não só na formação continuada, aguardam ser destinados e aplicados, para que essa política pública de avanço da cidadania possa se tornar efetiva, fazendo parte do dia a dia dos currículos das escolas brasileiras.

Por fim, Silva (2010) conclui que há uma grande necessidade de investimento na formação inicial dos professores com a relação ao tema, para os mesmos possam atuar em sala de aula de maneira mais efetiva quando forem tratar do tema como os alunos, haja vista que atualmente é algo inevitável.

Sobre o assunto de formação inicial de professores envolvendo pedagogos relacionados a tema de sexualidade, cabe destacar também a dissertação "As concepções de sexualidade de alunos do curso de pedagogia: uma análise a partir do recorte de gênero" (COSTA, 2009).

A autora buscou investigar, a partir do recorte de gênero, as concepções de sexualidade de um grupo de alunas do curso de pedagogia que já atuam na educação escolar como professoras, considerando as mediações e intervenções desse curso, na ideia que fazem de sexualidade e como esse conceito adquire formato na prática pedagógica dessas professoras.

A pesquisa foi de cunho qualitativo, tendo como instrumentos metodológicos a descrição dos programas das disciplinas que compõem o currículo do curso de pedagogia e a realização de entrevista semi-estruturada com as universitárias escolhidas.

Após fazer as entrevistas e estudar os documentos da faculdade pesquisada Bonfim (2009, p. 112) observou que:

O curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr), campus de Araraquara, referente à Reestruturação Curricular, processo 342/06/89 de 2002, nos indicou, em uma primeira análise, que os temas sexualidade e relações de gênero não são conteúdos trabalhados de maneira direta na formação do (a) pedagogo (a) desta instituição, uma vez que nos tópicos objetivos, conteúdo programático e ementa não encontramos nada referente à aprendizagem destas temáticas.

Com relação a outro ponto importante que foi a concepção das professoras sobre orientação sexual, a autora concluiu que as mesmas acreditam que "orientar sexualmente refere-se a ensinar o modo correto de se portar frente ao sexo [...] medidas preventivas, o que significa evitar uma gravidez e não contrair doenças advindas da prática sexual". (Bonfim, 2009, p. 107).

Quando as professoras pesquisadas foram confrontadas sobre as relações de gênero em sala de aula, algumas afirmaram o fato de não se depararem com essas questões em seu ambiente de trabalho. Para a autora, isto ocorre pela "ideia de que a criança, por ainda não conhecer as diferenças físicas e subjetivas entre o masculino e o feminino, é desprovida de sexualidade e gênero". (Bonfim, 2009, p. 102)

Observou-se ainda, que tanto professores quanto os diretores e os coordenadores negam a manifestação da sexualidade e das relações de gêneros com a esperança de que estas se afastem do ambiente escolar. Este fato já havia sido observado na tese anterior na questão de sexualidade ausente ou negado (Silva, 2010).

As professoras pesquisadas possuem duas atitudes diante das manifestações de sexualidade e relações de gênero dos alunos, sendo a primeira não enfrentarem e negarem a existência dessas na escola e a outra seria optarem pelo desafio de orientar sexualmente, tratando essas temáticas pela perspectiva biológica, discutindo-as nas aulas de ciências e fazendo uso do ensinamento de preceitos morais, estipulando o que consideram "certo" ou "errado" à vivência sexual e de gênero de cada sujeito. (BONFIM, 2009).

Por fim, Bonfim (2009) conclui que na utilização dos recursos teóricos e metodológicos, a formação das professoras analisadas carece de disciplinas e discussões voltadas para a sexualidade e questões de gênero:

A falta de subsídios teóricos e pedagógicos para o trabalho com tais temas na escola torna-se um problema para essas futuras profissionais da educação, uma vez que esses assuntos aparecem com frequência em suas salas de aula. (BONFIM, 2009, p. 9).

As questões de relações de gêneros também foi encontrada no artigo "Professora, vem ver! O Paulo vai ter neném!": gênero, sexualidade e formação de professores. (DUQUE, 2014). Neste artigo, o autor levanta uma discussão de diferentes experiências que o mesmo observou na escola e também suas próprias experiências, que revelam compreensões, dilemas e facilidades diante da questão de gênero e sexualidade na formação de professores.

Para tanto, Duque (2014) colheu as experiências e relatos nas disciplinas que ministrava como professor das turmas vinculadas ao Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), do curso de Pedagogia na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas), e como tutor do curso Gênero e Diversidade na Escola (GDE), oferecido à distância pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e a Universidade Aberta do Brasil (UAB), voltado a professores de diferentes anos do Ensino, também nas oficinas junto a estudantes e diferentes profissionais da educação desenvolvidas pelo Identidade – Grupo de Luta pela diversidade sexual –, no qual o mesmo ainda atua.

O autor ainda buscou refletir a partir do trabalho de campo feito durante o estudo qualitativo sobre a homofobia no ambiente escolar em 11 capitais brasileiras, realizado

pela Organização Não Governamental Reprolatina – Soluções Inovadoras em Saúde Sexual e Reprodutiva. O foco da pesquisa foram autoridades educacionais, equipe docente e estudantes do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Duque (2014) ressalta que as experiências vividas por ele e as referentes a relatos - seus contextos e significados - foram colhidas durante o seu trabalho como professor universitário, pesquisador no campo do gênero e da sexualidade e militante em prol da diversidade sexual. O mesmo começa com uma narrativa, que inclusive dá nome ao artigo. Vejamos:

Uma aluna contou-me a seguinte situação vivida em sala de aula: Paulo, de seis anos, durante uma atividade, resolveu ir brincar de boneca com as meninas, deixando de lado os demais meninos e os carrinhos. De forma discreta e inteligente, a professora observou sem intervir, até que foi chamada aos gritos por duas ou três crianças da turma para ir lá ver o Paulo que tinha engravidado: "Professora, vem ver! O Paulo vai ter neném!". Ela respirou fundo e se aproximou. Meninos e meninas estavam afoitos em torno do Paulo, que havia colocado uma das bonecas embaixo da camiseta enquanto outro pedia para ele deitar "pra fazer a criança nascer". A professora prosseguiu sem intervir até que, ao ver a encenação da boneca sendo retirada da barriga do Paulo, meio sem jeito, resolveu perguntar qual era o nome da criança: "Que linda. Como ela vai se chamar?". Paulo rapidamente respondeu: "Vitória!". Na tentativa de acabar com a encenação sem demonstrar todo o estranhamento que estava sentindo, e com certo pânico de outras professoras da creche verem que ela havia entrado no jogo transgressivo das crianças, tentou desviar a atenção do grupo fazendo outra pergunta: "Que legal. E agora o que você vai fazer com ela?". Paulo pensou, fez um instante de silêncio e disse, levantando-se e entregando a boneca para a menina que estava ao seu lado: "Eu vou dar pra mãe dela cuidar e vou trabalhar". (DUQUE, 2014, p. 02)

Sobre a narrativa, Duque (2014) tange muitas reflexões com relação as questões de gêneros. Assim, explana que "esse e outros relatos que refletem o quanto a temática da sexualidade e do gênero é pertinente diante da formação de professores/as". (DUQUE, 2014, p. 02).

Nessa linha, Duque (2014, p. 03) complementa:

Ao pensarmos em sexualidade e gênero, é fundamental compreender que é um equívoco acreditar em uma base natural que é binária e sexuada (entendida como uma diferença sexual pautada em dois sexos opostos e complementares, dos quais não teríamos como fugir), onde a cultura simplesmente age sobre o que já está definido como macho ou fêmea.

O autor reflete, ainda, sobre a formação dos professores da educação do Ensino Fundamental ao afirmar que "a formação dos profissionais ligados a este período é essencial para a garantia do reconhecimento à diversidade, inclusive a de gênero e a sexual". (DUQUE, 2014, p. 04).

Para Duque (2014), a formação dos professores das séries iniciais é muito importante, porém os professores que atuam nos anos finais da Educação Básica também

necessitam de formação, tendo em vista que também irão lidar com situações referentes ao tema em sala de aula.

A questão de formação é algo observado nos relatos colhidos pelo autor, já que os próprios professores afirmam que uma das recomendações, frequentemente dada pelos participantes da pesquisa foi a de "capacitar educadores para implementar a educação sexual que inclua as diversidades sexuais e a identidade de gênero". (DUQUE, 2014, p. 04).

Por fim, Duque (2014, p. 14) conclui:

Um início possível para discutir formação de professores/as e questões de gênero e sexualidade é, a partir dos estranhamentos às transgressões nas salas de aula, deixar emergir a diferença e pensá-la criticamente em busca de experiências ainda não vividas, e não necessariamente em busca de um respeito à diversidade.(Duque, 2014, p. 10).

Ainda sobre as questões relacionadas ao tema com alunos das series iniciais, destaca-se também o artigo "Integração Saúde e Educação: Contribuições da Psicologia para a Formação de Educadores de uma Creche em Sexualidade Infantil". (CIAFFONE E GESSER, 2014). Este trabalho retrata um relato de experiência de formação em serviço de educadores de uma creche. Para tanto, o trabalho foi realizado por integrantes do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde/Saúde da Família (PET/Saúde da Família) em uma creche inserida no território de abrangência onde a equipe atuava.

Em um primeiro momento do trabalho foi visitada uma creche, oportunidade em que foi identificada a necessidade de delimitar os temas a serem tratados, sendo o de sexualidade infantil o mais solicitado. Assim, foram realizadas oficinas com o tema que tiveram como principal referencial teórico a metodologia de Círculos de Cultura.

Neste sentido, Ciaffone e Gesser (2014, p. 04) esclarecem:

Instrumentalizar professores de uma creche a compreender as expressões relacionadas à sexualidade como inerentes ao desenvolvimento das crianças pode contribuir para o rompimento do processo de patologização dessas expressões e, conseqüentemente, para a promoção de saúde dessas crianças e dos educadores.

Observa-se que, quando os temas relacionados a sexualidade emergem nos espaços de educação infantil, estes são abordados sem um caráter histórico e crítico, e sim de forma espontânea quase que sem compromisso o que acaba por desencadear a repetição dessas prática em sala de aula. (CIAFFONE E GESSER, 2014)

Ciaffone e Gesser (2014, p. 13) concluíram que as oficinas realizadas pelos professores os instrumentalizaram "para lidar de forma mais potencializadora dos direitos

humanos com as expressões de sexualidade na infância, bem como para atender os pais em suas dúvidas relacionadas ao tema".

Observa-se também, na literatura, a temática de sexualidade relacionada não só a professores de pedagogia, mas também a professores de ciências e de biologia como é o caso da tese "Educação sexual e a formação de professores de ciências biológicas: contradições, limites e possibilidades" (BONFIM, 2009).

Esta tese buscou compreender as contradições, possibilidades e limitações da Educação Sexual na disciplina de Ciências nas Escolas de Ensino Fundamental. Para tanto, abordou a trajetória histórica e os marcos epistemológicos da universidade brasileira, as políticas de formação do professor de Ciências Biológicas e a Educação Sexual no Brasil, da matriz colonial à proposta da universidade liberal, do patriarcalismo às políticas educacionais leigas e a concepção médica-higienista.

Buscando cumprir com os objetivos, a pesquisadora analisou as concepções de sexo e sexualidade no discurso e prática dos professores de Ciências Biológicas e também analisa vários documentos como matrizes curriculares dos cursos de ciências biológicas de três universidades, buscando fazer uma passagem histórica da sexualidade como tema do campo biológico para as Ciências Humanas.

Bonfim (2009) também trouxe um estudo sobre a identidade biológico-reprodutiva matricial e suas legitimações a partir das teorias de Lamarck, Mendel e Darwin e por fim, buscou compreender a ruptura moderna com o naturalismo biológico de Havelock Ellis e Freud.

Depois dos estudos dos documentos, das entrevistas realizadas e das comparações feitas, Bonfim(2009, p. 124) pontua que:

A educação sexual escolar ainda não foi capaz de superar as matrizes e paradigmas oriundos da tradição médico-biologista. As novas abordagens da educação, as pesquisas no campo das Ciências Humanas e Sociais e a ampliação da investigação sobre a Sexualidade e suas dimensões apontam para uma nova etapa da circunscrição científica e política dessa temática e suas implicações sociais.

Outro ponto importante encontrado na literatura está relacionado às concepções dos professores relacionados aos temas de sexualidade. Dentre os encontrados está o artigo "Problematizando discursos heteronormativos de professores/as dos anos iniciais do ensino fundamental: algumas questões para pensar a formação". (Vargas & Carvalho, 2011).

Este trabalho buscou problematizar questões de gênero e sexualidade presentes em discursos de docentes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, sobre comportamentos de

alunos e alunas entendidos como desviantes de padrões heteronormativos. Assim, o artigo é constituído a partir das contribuições dos Estudos Culturais em Educação e dos Estudos de Gênero.

Os comportamentos e os discursos dos professores são construídos social e culturalmente. Desde crianças, os jovens estão acostumados a ter as tarefas de homens e mulheres bem definidos pela sociedade.

Assim, Vargas & Carvalho (2011, p. 04) destacam que:

[...] em nossa sociedade, meninos aprendem desde muito cedo a jogar futebol, enquanto meninas, aprendem a brincar com bonecas". Inclusive o discurso de que os homens tudo podem nas relações, as mulheres ao fazerem o mesmo, são tidos pelos professores como meninas que não valorizam seu corpo, neste sentido, "é possível perceber a existência de uma necessária preservação do corpo e da moral feminina, como ilustra uma professora ao afirmar que: não existe a preocupação com o pudor, de preservar o próprio corpo, muito menos de ficar "mal" falada.

Desta forma, Vargas e Carvalho (2011) concluem que os discursos dos docentes apresentam algo comum, o qual diferencia os comportamentos esperados de alunos e alunas, na expectativa que os mesmos vivenciem masculinidades e feminilidades a partir de modelos heteronormativos.

Outro artigo encontrado com relação as percepções dos professores sobre sexualidade temo "Sexualidade e educação sexual na percepção docente".(Quirino & Rocha, 2012), Este artigo objetivou conhecer a percepção sobre sexualidade e educação sexual dos professores do Ensino Fundamental e Médio de uma escola pública de Juazeiro do Norte/CE.

Neste sentido, foi realizado um estudo descritivo, de natureza qualitativa, no período de de setembro de 2009 a fevereiro de 2010, com sete professores, por meio da observação e entrevista semiestruturada, com os seguintes questionamentos: o que é para você sexualidade? O que você entende por educação sexual?

Após a coleta dos dados, QUIRINO E ROCHA (2012, p.07) observaram que:

O conceito de sexualidade entre os/as professores/as esteve dividido em duas categorias: sexo e opção sexual. A primeira categoria refere-se à diferenciação sexual em seus aspectos físicos (macho/fêmea) e psíquicos (masculino/ feminino), à relação sexual e afetiva entre os seres, sendo inerente à natureza humana, tendo um caráter essencialista. Nela, há supremacia dos atributos biológicos em relação aos socioculturais, embora reconhecessem que não se poderia pensá-la exclusivamente através destes.

O estudo também demonstrou que os professores percebem a educação sexual na escola como um assunto voltado para a prevenção de gravidez e doenças sexualmente transmissíveis. Assim, os elucidam que na concepção dos professores "a relação sexual, em

que por meio dela os/as adolescentes seriam preparados/as para o ato sexual com responsabilidade, evitando a gravidez na adolescência e as infecções sexualmente transmissíveis". (QUIRINO E ROCHA, 2012, p.12)

Quirino e Rocha (2012) concluem que é importante trabalhar a educação sexual pautada sobre três eixos: relação sexual, fisiologia corporal e comportamento social, e não só de forma biológica. Pontuam também que trabalho docente necessita de constante formação continuada acerca do tema e que o mesmo precisa urgentemente superar o modelo biomédico/científico na sexualidade e levar em consideração as dimensões histórica, social e cultural do tema.

As concepções dos professores são muito importantes e essas influenciam na forma como estes organizam sua prática pedagógica. Assim, outro trabalho que busca se debruçar sobre estas concepções é o artigo intitulado "Raça, gênero e sexualidade interrogando professores(as): perspectivas QUEER sobre a formação docente". (MELO; ROCHA; SILVA JÚNIOR, 2013).

Este projeto objetivou discutir como as Teorias Queer podem ser articuladas à discussão sobre raça no âmbito da educação, focalizando, especialmente, a pré-formação e em serviço de professores de línguas e de educação artística. Para tanto, foi realizado uma pesquisa bibliográfica para realizar o estudo.

Assim, os autores apresentam inicialmente um breve histórico sobre a Lei Federal n. 10.639 (BRASIL, 2003), e também se embasaram nos pressupostos das teorias para discutir raça e educação. Melo, Rocha e Silva Júnior (2013) observaram que é relevante considerar a raça na perspectiva Queer, já que ela pode contribuir na efetivação da Lei Federal n. 10.639, de 2003, e reinventar negros como sendo perpassados por raça, gênero, sexualidade.

Por fim, tem uma perspectiva na formação de professores sobre o tema, em um curso a distância com o artigo "Gênero, sexualidade e raça/etnia: desafios transversais na formação do professor" (ROHDEN, 2009). O artigo apresenta uma experiência piloto de formação à distância de profissionais de educação nas temáticas de gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais, resultado de uma articulação entre diversos ministérios do Governo Federal (Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e o Ministério da Educação), o British

Council e o Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Para tanto, foi ofertado um curso no ano de 2006, com professores do ensino fundamental em seis municípios da rede pública. Este curso tinha como objetivo ampliar a compreensão sobre a dinâmica dos processos de discriminação na sociedade brasileira, especificamente o racismo, o sexismo e a homofobia, possibilitando o fortalecimento de ações de combate a essas discriminações. Assim foi realizado na modalidade de Ensino à Distância (EaD) com carga horária de 200 horas, sendo dividida em 30 horas presenciais e 170 horas na plataforma virtual *Moodle*.

Após a realização, os autores concluíram que o curso cumpriu com o objetivo fundamental que era sensibilizar os profissionais para os temas em questão. Segundo os autores, as enfáticas discussões produzidas nos fóruns durante o curso refletem o quanto os/as cursistas foram concretamente mobilizados a refletir sobre assuntos delicados como preconceito e discriminação.

Face ao exposto, é possível perceber que dos artigos encontrados relacionados a sexualidade e a formação inicial e continuada dos professores, a maioria deles está relacionado a formação de pedagogos.

Assim, em consonância com a literatura, reconhece-se que existe uma imensa escassez de trabalhos na área pesquisada, principalmente no que diz respeito a formação de professores de ciências. Deste modo, infere-se que existe uma lacuna a ser preenchida na formação de professores e pesquisadores sobre o tema sexualidade, especialmente com os que atuam no Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1. ASPECTOS DO ENSINO DE SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

As discussões sobre a inclusão de temas relacionados à sexualidade no meio educacional começaram na década de 1960 e 1970 com a mudança comportamental dos jovens da época. Mesmo em meados da década de 1980 o tema já era pauta entre as crianças, jovens e adultas, mas nas escolas a abordagem deste era quase inexistente.

Não obstante, no mesmo período houve o aumento da proliferação do Vírus da Imunodeficiência Humana (VIH ou HIV) na população mundial, e também casos de gravidez na adolescência, trazendo a baila a necessidade de discussão sobre o tema, bem como políticas públicas na área (Brasil, 1988).

Contudo, foram poucos trabalhos produzidos com a temática e pouca aceitação pela sociedade, professores e as famílias em geral. Deste modo, a temática embora tivesse importância e a sociedade observasse que era necessária a discussão da mesma, não houve êxito nas discussões e os debates relacionados a sexualidade continuaram sobrestados, principalmente pela resistência familiar de que as escolas promovessem discussões sobre estes temas.

Com o PCN (Brasil, 1988) as discussões e preocupações sobre o tema retornaram para a escola, mas a adesão aos documentos oficiais foram quase irrisórias, tanto da rede pública quanto da rede privada.

Atualmente, os pais têm reivindicado a abordagem da educação sexual nas escolas. Abramovay, Castro e Silva (2004, p. 33) demonstram que para "alguns pais acham que a escola não é lugar para ensinar saliências, mas também a maioria dos pais, e em maior proporção professores e alunos, são favoráveis à discussão sobre sexualidade nas escolas". Isto ocorre por reconhecerem a importância do tema para crianças e jovens e também pela dificuldade que os mesmos tem de falar abertamente sobre o assunto em casa com seus filhos (Brasil, 1988), transferindo, muitas vezes, esta responsabilidade para os professores e os profissionais da educação.

Ainda assim, na prática, toda família realiza a educação sexual de suas crianças e jovens, mesmo aquelas que nunca falam abertamente sobre isso. Isto ocorre na vivência familiar, no comportamento dos pais, nos cuidados recomendados por eles, na

relação com os filhos, nas proibições, nos valores religiosos, que na maioria das vezes estão relacionados à sexualidade que o adolescente ou criança apreendem.

Apesar do primeiro modelo de educação sexual ser a família, são diversos agentes sociais e estímulos que fazem parte do processo de formação da expressão sexual da criança ou do adolescente, incluindo o meio e as pessoas com quem convivem, isto inclui o papel da mídia ao expressar diversas manifestações da sexualidade:

A mídia, nas suas múltiplas manifestações assume relevante papel, ajudando a moldar visões e comportamentos. Ela veicula imagens eróticas, que estimulam crianças e adolescentes, incrementando a ansiedade e alimentando fantasias sexuais. Em outra vertente, veicula campanhas educativas, contudo nem sempre são dirigidas e adequadas a esse público. Muitas vezes também moraliza e reforça preconceitos. Ao ser elaborada por crianças e adolescentes, essa mescla de mensagens pode acabar produzindo conceitos e explicações tanto errôneos quanto fantasiosos. (Brasil, 1988, p. 292)

Assim, ressalta-se o importante papel que a escola tem na educação sexual, mesmo que "ignorar, ocultar ou reprimir sejam respostas habituais dadas por profissionais da escola" (BRASIL, 1988, p. 291).

Ainda assim, faz-se necessária a inserção do tema no ambiente escolar de forma crítica e reflexiva e não apenas o estudo do corpo humano, como se o mesmo não tivesse nenhuma influência do meio social e cultural e sexualidade fosse algo separado desse contexto.

É evidenciado por meio do conteúdo do livro didático que em quase todas as escolas ensinam sobre aparelho reprodutivo nas aulas de Ciências Naturais, dando aos educandos noções de anatomia e fisiologia humana, porém estas informações não abarcam os anseios e sanam as dúvidas que os educandos possuem e este tipo de abordagem não inclui toda a dimensão da sexualidade.

Nos Documentos Oficiais da Educação (BRASIL, 1988, p. 293), embora reconheçam que trabalhar o tema sexualidade tem grande importância para a prevenção e para a saúde, ressaltam também que:

É um dos fatores que contribui para o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos. Estes dizem respeito à possibilidade de que homens e mulheres tomem decisões sobre sua fertilidade, saúde reprodutiva e criação de filhos, tendo acesso às informações e aos recursos necessários para implementar suas decisões. (grifo nosso)

Deste modo, é importante não só que se conheçam os sistemas reprodutores, mas também que se trabalhe um aluno reflexivo, pois, se os mesmos desde cedo tiverem acesso a informações corretas, sobre prevenção, respeito a diversidade, respeito ao corpo e a

sociedade que o cerca, o mesmo será capaz de tomara decisões, o que leva as escolas a atingirem o objetivo crucial de formar um cidadão crítico.

Aqui entramos nos valores sociais da educação sexual, educar as crianças para tomada de decisões sobre sua vida, seu corpo, sua realidade. Educação sexual vai muito além do conhecimento do aparelho reprodutivo, é se reconhecer como ser que interage e que respeita as decisões de cada ser humano, reconhecendo a subjetividade de cada um.

Nesta perspectiva, faz-se necessário e importante discutir temas atuais e que estão no auge tanto na mídia quanto na vida cotidiana dos adolescentes e crianças, como: a homossexualidade, o abuso sexual, a masturbação, o aborto, as disfunções sexuais, os relacionamentos, a prostituição, a pornografia dentre outros "dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, contribuindo para o bem-estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura" (BRASIL, 1988, p. 293).

4.2. ABORDAGEM DO ENSINO DE SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO INICIAL DO LICENCIADO EM CIÊNCIAS NATURAIS

Diante da realidade atual do espaço escolar, é evidente os temas transversais trazidos pelos parâmetros curriculares nacionais são de extrema relevância no âmbito educacional, e geralmente fica a cargo do professor trabalhar estes temas como os alunos. O professor é sem dúvida um dos principais agentes desta educação, pois o mesmo "atua diretamente com o aluno e é um dos atores principais deste ambiente". (LEÃO, 2009, p. 93).

Porém, para que o professor possa discutir sexualidade em sala de aula, seria necessário que o mesmo trabalhasse seus preconceitos e seus valores morais, para que não impusesse aos educandos estes valores ou preconceitos tendo em vista que não é eficaz programas de imposição de opiniões com relação a sexualidade (LEÃO, 2009).

Leão (2009, p. 95) ainda afirma que :

Em virtude dos adolescentes geralmente não apresentar uma opinião formada sobre a sexualidade, eles podem adotar como sua a opinião do professor, devido à procura de seus próprios parâmetros. Portanto, compete a este profissional ter cautela em suas ações, buscando sempre confrontar conceitos, crenças, opiniões, por fim, acender a autocrítica.

Em contraponto, Figueiró (2003, p.02) elucida:

[...] que todo o processo formativo dos professores, tanto no Magistério, quanto nas licenciaturas, não os tem preparado para abordar a questão da sexualidade no espaço da escola. Portanto, é compreensível o sentimento de insegurança e a preocupação.

Portanto, faz-se necessária atenção aos comportamentos e discursos feitos pelos professores em sala de aula, para que os mesmos não influenciem de forma negativa a expressão de sexualidade de seus alunos.

A literatura especializada aponta que os professores não tratam de assuntos relacionados a sexualidade por estarem despreparados para lidar com estes temas. Diante desta premissa, é necessário um espaço nos cursos de graduação para que os professores possam discutir temas relacionados a sexualidade, uma vez que os mesmos terão que lidar com estas questões na escola. O futuro professor teria, nesses casos, a oportunidade durante a sua formação, de se confrontar com seus preconceitos, suas crenças e seus valores morais.

Diniz, et al. (2015, p. 04) elucida:

Diante desta realidade, a universidade teria o papel de formar indivíduos que (re) pensem e (re) produzam conhecimentos desvinculados de preconceitos próprios, preparando profissionais completos, que saibam discutir e trabalhar naturalmente questões como a sexualidade que fazem parte não só do cotidiano escolar, mas do indivíduo como um todo.

Deste modo, é imperioso repensar os modelos de formação inicial dos professores de Ciências Naturais para que se possam formar profissionais preparados para lidar com assuntos relacionados à educação sexual.

Nesse sentido, Bonfim (2009, p. 87) esclarece:

Estarmos atentos aos modelos de currículo para a formação docente, e analisarmos suas matrizes de modo a construir um currículo capaz de contemplar a formação do professor, para que seja possível trabalhar de forma interdisciplinar com os conteúdos das diversas ciências no Ensino Fundamental e, sobretudo, em relação ao tema da sexualidade.

Portanto, é necessário que os professores tenham uma formação específica para tratar de sexualidade, tendo em vista que na maioria dos casos não tiveram nenhum contato com a temática em questão, o que dificulta o processo de adquirir os saberes necessários sobre o tema e aplicá-los em sala de aula. (FRISON, 2002)

Neste sentido, a introdução da educação sexual nos currículos do ensino superior é fundamental, podendo associar, na ementa das disciplinas, debates que embora não sejam obrigatórios contribuem de modo significativo para reforçar com os licenciandos a importância da abrangência desta temática. (SILVA, 2004).

Um ponto importante com a introdução de temas relacionados a sexualidade no Ensino Superior esta relacionado a prática do futuro professor, pois o mesmo não poderá interpretar como verdades absolutas o que lhe é transmitido em sala de aula. Deve haver

autonomia para formar suas próprias concepções e didáticas relacionadas a temática. Segundo Leão (2009 p. 99) o professor "deve questionar seus procedimentos e não os interiorizar e cristalizar em suas concepções".

Cabe ressaltar que a falta de discussão deste tema na escola não se dá somente pelo fato dos professores não terem em sua formação inicial contato com o tema, existem diversos outros fatores que devem ser levados em consideração.

É importante salientar que não há receitas prontas de como realizar uma educação sexual eficaz na escola, porém é necessário que este tema seja antes discutido nas licenciaturas para que possa chegar até a escola de forma a tentar abrigar os anseios dos alunos e professores.

Deste modo, Leão (2009, p. 115) salienta:

O que justifica a necessidade de disciplinas específicas de sexualidade nos cursos de licenciaturas é a urgência do preparo dos futuros profissionais que atuarão no cenário escolar, em que deverão abordar este assunto, precisando, portanto, ser devidamente preparados. Outro aspecto que esclarece esta necessidade é a escassez de espaço dentro da Universidade para se tratar deste assunto. Não é plausível crer que os docentes universitários irão abrangê-los, principalmente porque a maior parte destes também não teve acesso a informações específicas deste assunto.

A autora ainda busca salientar que sem esta formação não será dado subsídios e nem serão possibilitados o devido preparo dos professores, que continuarão com entraves à inserção da orientação sexual nas escolas. Assim, segundo Leão (2009, p. 116) é imprescindível a inserção de disciplinas com temáticas relacionadas à sexualidade, a fim de "reverter esta situação cíclica caótica, é essencial os cursos de licenciaturas".

Face o exposto, os professores de Ciências devem ter a oportunidade de não somente discutir temas relevantes e relacionados a sexualidade, mas também produzir materiais e diferentes estratégias para abordar o tema quando estiverem em sala de aula, seja em estágios ou como professor após terminar sua graduação.

Segundo Leão (2009, p. 118), o educador poderá observar que "a abordagem da sexualidade não é mais uma incumbência pedagógica, mas sim, uma possibilidade de aprimorar, enriquecer e diversificar seu trabalho". Para tanto, é preciso "se mostrar disponíveis para conversar a respeito dos temas propostos e abordar as questões de forma direta e esclarecedora" (BRASIL, 1988, p. 302).

4.3. ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA O ENSINO DE SEXUALIDADE

Como já foi mencionado anteriormente não existe uma receita pronta para abordar educação sexual, mas existem algumas indicações que podem ser tomados de acordo com a literatura e os documentos oficiais da educação. Exemplo disso são os próprios parâmetros curriculares nacionais que colocam que a Educação Sexual deve ser inserida como um tema transversal, devendo ser ministrado nas várias áreas de conhecimento.

Assim, a sexualidade pode ser ensinada nas aulas de Língua Portuguesa, História, Geografia, Matemática, Ciências Naturais, Arte, Educação Física e Língua Estrangeira. (BRASIL, 1998).

Lima e Almeida (2010, p. 729) afirmam que a "metodologia utilizada pelo professor pode ser a mais variada possível observando e avaliando qual melhor didática sobre sexualidade lidar em cada sala de aula".

As estratégias para a educação sexual, segundo Figueiró (2007, p. 07), estão ancoradas em alguns princípios. Vejamos:

Educar sexualmente é muito mais que ensinar os conteúdos de biologia e fisiologia da sexualidade; - educar sexualmente é criar oportunidades para o aluno expressar seus sentimentos, angústias e dúvidas, refletir sobre suas atitudes e rever preconceitos; - para educar sexualmente é preciso saber ouvir; - o aluno deve ser visto como sujeito ativo no processo ensino aprendizagem e deve ter muito espaço para falar e ouvir seus colegas; - o professor deve ser a pessoa que cria as condições para o aluno aprender, ao invés de ser um simples transmissor de conhecimentos.

Desta maneira, é importante também que o professor estimule a espontaneidade dos estudantes. Um exemplo seria antes de iniciar um assunto sobre o tema, começar com as dúvidas que o grupo tem e com o que já sabem sobre o assunto, para então prosseguir. (Figueiró, 2007).

Deste modo, segundo Lima e Almeida (2010, p. 726), umas das alternativas para abordar o tema seriam discussões em sala de aula tendo. Vejamos:

A alternativa mais usual para o adolescente compreender essa fase é discutir com outros jovens que passam pela mesma circunstância, pois se sentem a vontade para conversar sobre o assunto, pois jovem gosta mesmo é de compartilhar fora do ambiente escolar ou familiar experiências que enriquecem seu domínio de conhecimento sexual, logo os amigos são fundamentais nesse compartilhamento informal de informações, substanciando a ideia de buscar no outro adolescente uma possibilidade de juntos buscarem respostas pouco satisfatórias e soluções não plausíveis.

Desta forma, cabe ao profissional da educação fazer com os alunos possam também discutir estes temas em sala de aula, fazendo com que o ambiente esteja propício a discussão e a formação de cidadão críticos capazes de tomar decisões.

Deve-se ressaltar que aulas sobre sexualidade não devem ser apenas expositivas, onde o professor apenas expõe suas opiniões ou o conteúdo biológico, deve ser realizado de forma dinâmica, buscando a participação do aluno.

Alguns professores até se surpreendem "ao constatar o quanto os alunos participam ativamente, se lhes é dada a oportunidade de falar, de perguntar e de expressar o que pensam e o que sentem". (FIGUEIRÓ, 2007, p. 7).

Ainda com relação às discussões em sala de aula sobre o tema, outra estratégia relevante é o debate aberto que "consiste em dispor os educandos, na classe como um todo, para debater e trocar ideias com seus colegas sobre o tema em estudo". (FIGUEIRÓ, 2007, p. 08). Este permitirá que o estudante entre em conflitos com diferentes pontos de vista, diferentes opiniões, fazendo com o mesmo possa se preparar para tomadas de decisões. Neste tipo de debate é muito importante que o professor esteja mediando de forma clara e objetiva as perguntas, que podem começar com uma pergunta lançada pelo próprio professor ou por algum outro estudante da classe.

Outra estratégia, nos dizerem de Figueiró (2007), vem crescendo ao longo dos anos na Educação Sexual: a dramatização. Esta abordagem permite que qualquer tema relacionado ou não a sexualidade seja trabalhado em sala de aula, com a orientação do professor.

Segundo Figueiró (2007, p. 09):

É útil repetir a encenação com as pessoas trocando de papéis e, sempre ao final de uma dramatização, tanto os atores, quanto os alunos que assistiram, devem ter oportunidade para falar sobre como se sentiram e que pensamentos elaboraram durante o momento em que a encenação ocorreu.

Segundo o autor, fazer entrevistas com pessoas sobre algum tema relacionado a sexualidade é outra estratégia que tem funcionado no ensino de sexualidade:

Pode-se entrevistar avós, tios e pais [...].O material colhido nas entrevistas é levado para a sala de aula e explorado. Outro lado positivo deste exercício, apontado pelos próprios professores, é a possibilidade que traz de abrir espaço de comunicação entre a criança e a família sobre este tema tão pouco abordado em casa.(FIGUEIRÓ, 2007, p. 12).

Este tipo de atividade pode proporcionar uma aproximação ainda maior do estudante com sua respectivas famílias, podendo abrir espaços para diálogos em casa, que depreende-se ser algo que acontece com pouca frequência. Podem ainda ser utilizados desenhos, vídeos, caixas com dúvidas, modelos, jogos, filmes, músicas, cenas de novelas, livros de literatura, pesquisas, manchetes de revistas e de jornais. (FIGUEIRÓ, 2007).

Pelo conteúdo apresentado, importante se faz promover a diversificação das estratégias de ensino, não só para sexualidade, mas para todos os componentes, tendo em vista que cada aluno aprende de maneira diferente e singular. Além disso, a mediação do professor também é de suma importância para o sucesso de qualquer atividade relacionada ao tema de sexualidade.

5. OBJETIVO

5.1. OBJETIVO GERAL

A proposta do presente estudo consiste em propor e aplicar uma disciplina no curso de Licenciatura em Ciências Naturais da Faculdade UnB Planaltina, bem como promover discussões e elaborar materiais e métodos para o ensino da sexualidade no Ensino Fundamental.

5.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Propor uma disciplina para o curso de Licenciatura em Ciências Naturais da Faculdade UnB Planaltina;
- Discutir estratégias metodológicas com os estudantes de Ciências Naturais para o ensino de sexualidade em suas práticas docentes;
- Analisar cinco livros didáticos utilizados na cidade de Planaltina-DF com relação ao tema de sexualidade;
- Desenvolver material didático para o ensino de sexualidade.

6. CAMINHO METODOLÓGICO

Projetando o êxito nos objetivos traçados, a presente pesquisa foi de cunho qualitativo, na qual os dados e informações serão obtidos com o contato direto da pesquisadora com os participantes, proporcionando "um conhecimento mais aprofundado de um fenômeno, as dimensões complexas de um problema ou tema, envolvendo um número restrito de participantes". (BARBATO, 2008, p. 16)

Nessa linha, corroboram Lüdke e André (1986, p. 12):

O pesquisador deve manter o contato estreito com a situação onde o fenômeno ocorre, pois este é influenciado pelo seu contexto. Sendo assim, as circunstâncias particulares em que um determinado objeto se insere são essenciais para que se possa entendê-lo. Da mesma maneira as pessoas, os gestos, as palavras estudadas devem ser sempre referenciadas ao contexto onde aparecem.

Deste modo, é importante que a pesquisadora esteja imerso em seu ambiente de pesquisa, buscando observar o maior número de fatos possíveis para responder a sua questão de pesquisa pois, conforme afirmam Lüdke e André (1986), o enfoque principal da pesquisa qualitativa é o seu processo. Neste sentido, a pesquisadora deve estar atenta a todos os acontecimentos ao longo do processo de pesquisa.

Com relação aos procedimentos, a pesquisa se caracteriza como metodologia professor-pesquisador, pois o pesquisador está imerso no contexto do estudo, propondo intervenções para solucionar as questões relativas aos fenômenos em interesse, coletando dados e interpretando com base em um referencial teórico-conceitual. (MOREIRA, 1988).

6.1. CONTEXTO DOS PARTICIPANTES

Para o desenvolvimento da disciplina, primeiro houve um anúncio inicial nas redes sociais convidando a todos os estudantes de Ciências Naturais que cursavam entre o segundo e o último semestre do curso. Na oportunidade, foi explicado sobre qual seria a temática trabalhada na disciplina.

Foram abertas 30 (trinta) vagas, sendo todas preenchidas, porém somente 26 (vinte e nove) alunos frequentaram as aulas. Dentre os participantes, estavam alunos com faixa etária entre 19 (dezenove) e 41 (quarenta e um) anos, todos licenciandos do curso de Ciências Naturais da Faculdade UnB Planaltina, cursando entre o quarto e o nono semestre.

Face o tema da presente pesquisa, a liberdade, em todos os aspectos, se tornou decisiva para o andamento do projeto. Desse modo, foi concedido à cada aluno participante a possibilidade de escolha do nome o qual seriam chamados. Assim, os nomes utilizados foram escolhidos pelos próprios estudantes para que estes também possam se identificar com o texto descrito em relação a participação de cada um. Vejamos:

Tabela 1 - Nomes Fictícios e Idades

Nome	Idade
Alicia	22 anos
Buffay	39 anos
Catherine	34 anos
Dandara	27 anos
Ester	32 anos
Eva	22 anos
Heloá	20 anos
Janaína	22 anos
Jeane	21 anos
Joana	26 anos
Jorge	41 anos
Klaus	26 anos
Laura	19 anos
Lily	20 anos
Lukke	22 anos
Luna	29 anos
Mag	20 anos
Pepe	34 anos
Petrus	26 anos
Ragnar	25 anos
Regina	24 anos
Samatha	24 anos
Sara	20 anos
Sol	25 anos
Sophia	22 anos
Vênus	24 anos

6.2. PROCEDIMENTOS DE CONSTRUÇÃO DE DADOS

Com o desdobramento desta investigação, foi confeccionado em conjunto aos participantes, um diário de bordo, os alunos poderiam descrever as aulas, apresentar suas concepções e ideias, e associá-las ao cotidiano de cada um.

Elucida, nesse sentido, Alves (2001, p. 224):

O diário pode ser considerado como um registro de experiências pessoais e observações passadas, em que o sujeito que escreve inclui interpretações, opiniões, sentimentos e pensamentos, sob uma forma espontânea de escrita, com a intenção usual de falar de si mesmo.

Assim, ao final da pesquisa, os diários de bordo foram entregues à pesquisadora para análise dos dados, buscando associar o que foi escrito ao que foi vivenciado na disciplina. pois é a partir dos diários que é possível identificar, principalmente, as intercorrências encontradas pelos estudantes durante o processo de pesquisa.

Nessa linha, esclarece Bertoni (2006, p. 4):

[...] podemos identificar as dificuldades encontradas, os procedimentos utilizados, os sentimentos envolvidos, as situações coincidentes, as situações inéditas e, do ponto de vista pessoal, como se enfrentou o processo, quais foram os bons e maus momentos por que se passou e que tipos de impressões e de sentimentos apareceram ao longo da atividade, ao longo da ação desenvolvida. É uma via de análise de situações, de tomada de decisões e de correção de rumos.

Também foram realizadas entrevistas semi-estruturadas a cada final de módulo da disciplina, buscando compreender os pontos positivos e negativos das atividades realizadas, e como os estudantes buscavam trabalhar os temas.

Manzini (1991, p. 154) explica:

A entrevista semi-estruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

6.3. PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E APLICAÇÃO DA DISCIPLINA

A proposição educativa consistiu no desenvolvimento e implementação de uma disciplina no curso de licenciatura em Ciências Naturais na Faculdade UnB Planaltina intitulada "Recursos Didáticos para o Ensino de Ciências". O público-alvo foi os licenciandos de Ciências Naturais do segundo ao oitavo semestre do curso. A disciplina foi construída com a colaboração de licenciandos matriculados.

Deste modo, a disciplina foi ministrada com encontros presenciais. Nos encontros foram realizadas discussões teóricas dos conceitos relacionados à sexualidade, à

materiais didáticos para trabalhar o tema, à construção de estratégias e à outros materiais relacionados ao tema, sendo organizada seguindo o seguinte cronograma/módulos:

- I. Entrega do termo livre esclarecido;
- II. Escolha dos temas a serem trabalhados na disciplina;
- III. Busca de textos que estejam relacionados aos conteúdos encontrados no diagnóstico feito pelos estudantes e nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PNC relacionados a sexualidade;
- IV. Discussões e apresentação dos textos;
- V. Apresentações de materiais didáticos já existentes sobre o tema;
- VI. Construção de materiais inéditos e adaptação dos já existentes;
- VII. Avaliação da disciplina.

Deste modo, o objetivo da disciplina foi fornecer contribuições teóricas-práticas para os estudantes do curso de Ciências Naturais no que tange ao ensino de sexualidade.

6.4. PROCESSO DE COLETA DE DADOS

Para coletar os dados adquiridos por meio da aplicação da disciplina, foram utilizados três instrumentos diferentes:

a) Diário de bordo: caderno digital ou impresso no qual os estudantes podiam anotar suas concepções com relação aos temas discutidos em sala, aos materiais, bem como apresentar suas emoções, dentre outras finalidades.

b) Entrevista semi-estruturada: realizada antes e após cada etapa concluída da disciplina. as entrevistas versava sobre os temas, a construção dos materiais as associações dos temas as vivencias dos estudantes.

c) Gravações e fotografias: para complementar e fornecer fidedignidade aos dados foram realizadas gravações e fotografias de todos os encontros da disciplina, pela professora pesquisadora. As gravações se apresentaram extremamente importantes já que complementaram os registros das observações e também as afirmações feitas pelos alunos durante os diários e entrevistas.

6.5. PROCESSO DE ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta de dados, propiciada pelos registros do diário de bordo, entrevistas semi estruturada, gravações e fotografias, foi realizada uma análise qualitativa destes. Segundo Lüdke e André (1986, p. 45), "a tarefa de análise implica em um primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-se em partes, relacionando essas partes e procurando identificar neles tendências e padrões relevantes". Em seguida, foram categorizados estes dados e realizados o estudo sobre os mesmos.

7. RESULTADOS E DISCUSSÕES

7.1. DELINEANDO CAMINHOS: UM CONVERSAR COM OS LICENCIANDOS EM CIÊNCIAS NATURAIS

Inicialmente, foi entregue um questionário a cada licenciando com o objetivo de avaliar o seu conhecimento sobre a sexualidade e conhecer como era o seu contato com a educação sexual. O questionário versava sobre a escolha da disciplina, as dúvidas sobre o tema e o convívio que eles tiveram com a sexualidade durante a vida escolar ou familiar. Cada licenciando deveria responder as questões em forma de texto que abordava tanto uma auto-descrição quanto as perguntas sobre o assunto.

Infelizmente o tema sexualidade ainda é trabalhado com estranheza na sala de aula, também por ser um tema difícil que mexe com uma parte cultural da sociedade. Porém abordar isso é essencial para que todo preconceito e tabu sejam quebrados (Jeane).

Depreende-se que a falta de abordagem da sexualidade seja um reflexo de que as escolas sempre rejeitaram, quase instantaneamente, o tema. É o caso dos PCN (1988), por exemplo, que traziam uma necessidade de abordagem das questões relacionadas à sexualidade, contudo não teve uma adesão significativa no meio escolar, tanto na rede pública quanto da privada.

Deste modo, as escolas limitaram-se a uma abordagem da sexualidade somente numa linha biológica, não adentrando no mérito social onde, na maioria das vezes, residia as dúvidas dos alunos. Da análise da literatura especializada, é possível inferir que esses questionamentos têm atravessado gerações, onde as inseguranças dos jovens de hoje são as mesmas dos jovens das décadas passadas.

Eu temia a gravidez, conhecia pouco meu corpo e achava errado me masturbar. (Vênus)

Na adolescência as dúvidas giravam muito em relação a primeira vez. (Buffay)

A minha preocupação era se eu ia me encaixar na sociedade, tinha medo de nunca encontrar um namorado. (Ester)

Na adolescência como todos os meus colegas tínhamos bastante curiosidade sobre sexualidade e éramos oprimidos em relação a conversar com adultos (pais e professores). As descobertas eram por nós mesmos. (Dandara)

Na minha adolescência sempre fui retraída quando se tratava de sexo, meus pais sempre foram flexíveis, mas na escola não. (Eva)

Desde nova sentia atração por meninos e meninas, mas o assunto era um tabu em casa e na escola, nunca veio a tona. (Sara)

Deste modo, observa-se que as respostas aos questionamentos dificilmente estarão presentes em livros didáticos. Portanto, entende-se a importância dos professores estarem preparados para discutir sobre esse ou qualquer outro tema da atualidade - homossexualidade, pornografia, abuso sexual, masturbação, aborto, relacionamento, prostituição etc. - que esteja ao alcance dos alunos, seja pelos meios de comunicação, seja pelo fácil acesso a rede mundial de computadores, seja pelo dia-a-dia das crianças e dos adolescentes.

A preparação do educador pode e deve ser efetivada durante a sua formação acadêmica. Segundo Frison (2002), existe a necessidade de uma formação específica dos futuros professores para tratar das questões relacionadas à sexualidade. O não contato com o tema, principalmente durante a formação, dificulta a abordagem em uma perspectiva democrática, pluralista, que possa contribuir de forma eficaz para que crianças e adolescentes possam vivenciar sua sexualidade de forma segura e mais tranquila. (Brasil, 1988).

Nesse ínterim, necessário se faz observar ainda que a sexualidade é considerada um tema restrito tanto pelos pais e professores quanto pelos próprios estudantes. Isso fica ainda mais evidente quando analisamos a manifestação das estudantes que sentem-se constrangidas em falar sobre o tema e, em alguns casos, considerando a abordagem do tema como algo errado, censurado e por vezes proibido. Vejamos:

Na minha adolescência não pensava sobre isso e quando era abordado na escola eu me sentia retraída e constrangida. (Sol)

[...] não procurada pensar muito nisso, pois achava que poderia ser uma coisa errada. (Sophia).

A sexualidade, segundo Klein () ainda é algo inalcançável, abordada de forma superficial, embora esteja presente "em todas as faixas etárias, nos mais diversos meios de comunicação, e mesmo entre a família e a escola". Segundo o autor, sempre que o tema é posto em discussão, existe uma certa receio e um cuidado para falar sobre o assunto, como se a sexualidade não estivesse presente na vida de todos os seres vivos, humanos ou não.

Durante o projeto, os estudantes também foram questionados sobre a escolha da disciplina para cursarem no semestre. Nesse caso, houveram diversos posicionamentos, por vezes até esclarecedores. Vejamos:

Tenho muito interesse em recursos didáticos, pois pretendo fazer meu Trabalho de conclusão de curso nessa área e nessa temática e como encontro pouca oportunidade de conhecer mais sobre a temática, a disciplina veio como uma luva. (Petrus)

A escolha da disciplina recursos didáticos para o ensino de ciências se deu pelo fato de que seria abordado recursos sobre sexualidade, coisa que é muito difícil de acontecer nas disciplinas que já cursei. Me chamou atenção o tema e metodologia. (Samantha)

Achei o tema relevante, e é um tema que não é muito abordado no nosso curso (Ragnar)

A disciplina veio como forma abordar algo importante, mas que não é tão abordado no curso mesmo sendo um tema que teremos que abordar na sala de aula como futuros professores. (Joana)

Nessa linha, Diniz et al. (2015) ressalta a falta ou a pouca oportunidade de debater o tema na universidade embora a própria tenha o importante papel de formar indivíduos que repensem conhecimentos desvinculados de preconceitos próprios, preparando professores que tenham um amplo conhecimento para trabalhar de forma natural como os temas relacionados a sexualidade, tendo em vista que estes fazem parte do cotidiano escolar de todos os indivíduos.

Imperioso salientar, neste ponto, que da leitura das opiniões apresentadas pelos estudantes participantes do projeto é possível inferir que estes têm tanto interesse no tema quanto em trabalhar as questões da sexualidade na sala de aula. Contudo, carecem de suporte para o exercício dessa atividade de forma mais eficaz.

Assim como na época da escola, muitos deles também não encontram oportunidades na universidade para debater sobre o tema, o que estaria impossibilitando os mesmos de progredir nesse quesito, de modo a estagná-los ao ponto de repetir os métodos aplicados pelos professores atualmente que resume-se a uma abordagem da sexualidade numa esfera estritamente biológica. Nessa linha, observa-se as opiniões dos licenciandos:

Foi uma disciplina que me chamou atenção devido ao tema que seria abordado e importância que o mesmo tem na formação como futuro professor. (Lukke)

Entre um dos motivos para escolha da disciplina foi a falta de materiais para trabalhar esse assunto em sala de aula. (Alicia)

Figueiró (2003) elucida que o tema é pouco abordado o processo formativo dos professores, de modo que a licenciatura não tem preparado os futuros educadores para abordar as questões de sexualidade, fazendo com que seja compreensível a insegurança e preocupação com essa abordagem.

Neste sentido, Silva (2004) entende que a introdução da educação sexual nos currículos do ensino superior é fundamental, podendo associar debates que, embora não sejam obrigatórios, contribuem de modo significativo para reforçar com os licenciandos a importância da abrangência desta temática. Assim, torna-se inevitável a abordagem da

sexualidade no ambiente escolar. Os participantes também emitiram opinião sobre como encarariam o tema em sala de aula. Vejamos:

Medindo as palavras e tentaria controlar os alunos mais exaltados, tendo em vista que este tema desperta inúmeros sentimentos. (Mag)

Sinceramente não sei como encararia a sala de aula em relação a sexualidade, mas como não me sinto a vontade com esse tema seria uma aula séria. (Sophia)

Seria tranquilo falar sobre sexualidade, existem várias maneiras de abordar o assunto, que apesar das piadinhas prende a atenção dos alunos. (Jorge)

Seria um pouco difícil, pois não sinto que tenham conhecimento para falar sobre o tema e tenho medo de acabar por falar alguma bobagem. (Heloá)

Eu não gostaria de ter que falar do tema em uma sala de aula, pois não estou preparada, mais iria me esforçar, estudar e procurar pessoas nessas áreas para me dá ideias. (Luna)

Depreende-se, da leitura das opiniões supracitadas, que os licenciandos, e futuros professores, ainda possuem certo bloqueio para tratar do tema. No caso da Sophia, que considera que abordar a sexualidade na sala de aula não é "uma aula séria" por não se sentir a vontade com o tema, deixa claro que o professores sentem-se, por vezes, intimidados a promover essas discussões. Segundo Barreto e Araújo (2016), dentre os motivos que provocariam essa intimidação estaria a reação dos alunos, o receio de embate com a direção e com os pais, além da insegurança por não possuírem uma formação nessa área.

Pontos de vista como o de Heloá são incomuns, considerando os demais participantes e até outros professores. No entendimento de Figueiró (2001) as questões relacionadas à sexualidade são aquelas que apresentam um maior nível de dificuldade, e por vezes as mais desafiadoras, no exercício da profissão.

Face o exposto, nesse primeiro momento do projeto, foi possível depreender que muitos dos licenciandos possuem dificuldades ou dúvidas com o tema, mas possuem anseio pelo conhecimento, não somente em seu aspecto teórico mas em metodologias para se trabalhar na sala de aula, buscando o aprimoramento das técnicas e de novas maneiras de abordar o tema de forma ampla, sem reduzir sua complexidade.

7.2. DELIMITANDO TEMAS: A ESCOLHA DOS TEMAS A SEREM ESTUDADOS E DISCUTIDOS NA DISCIPLINA

Durante a primeira e segunda aula foi organizado junto aos alunos os temas que seriam discutidos e trabalhados em sala. Num primeiro momento, foi discutido com os

licenciandos como o tema seria abordado: segundo os PCN, a Base Nacional ou o currículo da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal - SEE/DF. Diante da escolha, aos estudantes foi possibilitado também propor textos que seriam trabalhados em cada tema. Deste modo, após as discussões, foi definido que o tema seria abordado de acordo com os PCN, uma vez que os estudantes os consideraram mais completos e dinâmicos.

Os conteúdos encontrados nas orientações nacionais - Parâmetros Curriculares Nacionais - foram Corpo: matriz da sexualidade, relações de gênero, prevenção a doenças sexualmente transmissíveis/AIDS. (Brasil, 2001, p. 138).

Para o bloco "Corpo: Matriz da Sexualidade" os licenciandos elencaram os temas para serem trabalhados na disciplina: adolescência, exploração e assédio sexual e educação sexual. Para o PCN neste bloco busca-se "construir noções, imagens, conceitos e valores a respeito do corpo em que esteja incluída a sexualidade como algo inerente, saudável, necessária e desejável da vida humana" (Brasil, 2001, p. 140).

O documento também aborda que este tema deve ser abordado em todas as disciplinas e que em Ciências Naturais, ao abordar o corpo, o professor deve deixar claro não somente sua anatomia, mas que os sentimentos, as emoções e os pensamentos também são produzidos pelo corpo e que estes também se expressam nele. (Brasil, 2001).

Assim, faz-se necessário a discussão mais aprofundada dos temas, buscando não restringir a sexualidade na disciplina de Ciências Naturais à anatomia do aparelho reprodutor masculino e feminino, mas ampliar os estudos para os sentimentos, emoções que são expressos pelo próprio corpo. Outro ponto importante trazido pelos PCN, e destacado pelos alunos, é a de que a sexualidade é inerente ao ser humano, ou seja, não há como fugir desta discussão.

O segundo bloco proposto pelos PCN é o "Corpo: Relações de Gênero". Após a leitura e um debate como os licenciandos, eles optaram pelos temas: diversidade, preconceito e equidade, Teoria Queer, violência, papel da mulher na sociedade. Os participantes acreditaram se encaixar no bloco, tendo em vista que "as discussões sobre relação de gênero tem como objetivo combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecido para homens e mulheres e apontar para sua transformação". (BRASIL, 2001, p.144).

Cabe salientar, neste tópico, a importância destes temas em nossas escolas e também em nossa universidade, tendo em vista que somos formadores de opiniões, pois a

intolerância e o desrespeito as questões relacionadas a gênero têm aumentado gradativamente. Na mídia, por exemplo, é recorrente vermos mortes ou outras violências relacionadas a questões de gênero.

O terceiro e último bloco elencado pelos PCN é "Corpo: Prevenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis". Nesse bloco os licenciandos optaram, após calorosa conversa, por trabalhar com os temas: cuidados com a saúde íntima e sua influencia na auto-estima. Segundo os estudantes, a forma como é abordada nas escolas as questões relacionadas às doenças sexualmente transmissíveis é, em sua maioria, assustando os estudantes, fazendo com que os alunos sintam medo, e não trabalhando com informações mais amplas. Segundo os PCN (BRASIL, 2001, p. 147), o "enfoque deve ser coerente com os princípios gerais e não deve acentuar a ligação entre sexualidade e doença ou morte".

No segundo momento, os estudantes foram divididos em cinco grupos. Cada grupo ficou com um tema para ser estudado mais profundamente, como a leitura de artigos, documentos, matérias sobre o tema e também construindo um recurso didático sobre o tema. Nesse ínterim, a professora pesquisadora indicou textos sobre cada assunto e os alunos também puderam indicar textos e documentos que consideram relevante sobre o tema. Durante a atividade, os textos eram lidos pela professora pesquisadora para poder avaliar se estava de acordo com tema.

Tabela 2 - Divisão dos Grupos e Temas e Textos

Tema
Sexualidade/Adolescência
Cuidados com a saúde íntima e suas implicações na vida/ Auto Estima
Exploração, violência e assédio sexual.
Preconceito e Teoria QUER
Papel da mulher na sociedade/Educação Sexual.

Diante do exposto, observa que os estudantes estão preocupados e consideram importante os temas de cunho mais social relacionados a sexualidade e não só com aparelho reprodutor masculino e feminino, que observam já ser o único assunto contemplado nas escolas atuais. Diante disso, os professores "não podem se furtar de discutir questões relativas à sociedade atual que geram demandas educacionais, numa perspectiva pós-crítica e pós-estruturalista" (SANTOS, 2004, p. 60).

Nessa linha, Louro (2004, p. 30):

Muitas e variadas transformações nas práticas e nos arranjos sociais, nas formas de organização da família e do trabalho; transformações nas possibilidades de comunicação entre os indivíduos, estados e grupos; enfim, todo um enorme conjunto de condições foi se modificando ao longo do tempo – o que nos leva a construir hoje um olhar mais complexo sobre a sexualidade.

Infere-se das elucidações de Louro (2004) a possibilidade de enfatizar a importância dos temas escolhidos pelos licenciandos, tendo em vista as mudanças na sociedade, nos indivíduos e meios de comunicação. Porém, mesmo sabendo da importância de abordar os temas, os alunos relataram as dificuldades quando foram procurar recursos para trabalhar com alguns dos temas escolhidos. Vejamos:

Meu tema é cuidado com a saúde íntima e sua influência na auto-estima, fizemos uma busca grande em sites, livros e revistas sobre o tema e não encontramos nenhum recurso didático que trabalhasse o tema. Apenas tutoriais ensinando como fazer a higiene íntima. (Vênus).

Ao procurar recursos sobre abuso sexual, foi bem complicado, pois até encontramos vários artigos sobre o assunto, porém recursos para trabalhar o tema encontramos apenas um jogo, que até virou livro depois. (Sophia)

Não encontramos nenhum recurso para trabalhar com a teoria Queer, penso que ninguém quer mesmo tocar neste assunto na escola. (Klaus)

Levando em consideração o exposto pelos participantes, observa-se que o tema sobre saúde íntima e auto-estima trouxe muitas dificuldades, não somente em relação a encontrar recursos que possibilitariam a execução das atividades, mas também para encontrar textos sobre o assunto, pois as pessoas não associam a higiene íntima com a auto-estima das pessoas. Deste modo os alunos tiveram que fazer várias associações até mesmo para convencer os outros licenciandos de que esses assuntos tinham total ligação e seria de relevância trabalhá-lo na escola.

Os temas de abuso sexual e Teoria Queer, também foram tema aos quais os licenciandos relataram as dificuldades para encontrar recursos, embora para abuso sexual tenham encontrado um jogo e uma pequena cartilha, os mesmos consideraram superficial e quase impossível de introduzir na escola.

Nessa sentido, afirma Santos (2004, p. 61):

Há a necessidade urgente de problematizar as práticas sociais de alunos/as e professores/as para que os conhecimentos discutidos na escola façam sentido na prática social dos sujeitos históricos que a constituem e são, por ela, constituídos.

O tema de abuso sexual, por exemplo, contra crianças e adolescentes é algo alarmante em nosso país tanto que "não se consegue precisar exatamente o número de casos

que ocorrem por ano no Brasil, uma vez que grande parte dos abusos sexuais contra crianças, principalmente a pedofilia, ocorre no âmbito doméstico" (MARTINS et al., 2004, p.99).

Deste modo, o papel do educador seria discutir, informar, problematizar o tema, pois muitas vezes o jovem ou a criança não tem consciência de que está sendo abusada. Quando questionados sobre a possibilidade dos alunos não se interessarem a debater sobre esse assunto, uma das participantes relatava diversos abusos sofridos em um determinado momento de sua vida e apresenta um importante relato. Vejamos:

[...] se eu tivesse ouvido falar disso na escola, e se a professora tivesse me explicado" (Sara).

Deste modo, oportuno se faz destacar a importância de trabalhar estes temas em sala de aula. Promovendo essas discussões, podem surgir na universidade mais pesquisas na área, trazendo para mais subsídios para professores que possuem interesse em trabalhar com estes temas nas salas de aula.

Outro tema que os alunos relataram dificuldades em encontrar recursos foi o tema de violência contra a mulher e as questões de equidade. Vejamos os relatos:

Para falar sobre equidade não encontramos nenhum recurso para trabalhar, desta forma tivemos que adaptar um para poder apresentar. (Luna)

Até encontramos algumas cartilhas falando de violência contra a mulher, porém achamos que não estava adequada para levar para a escola, pois a linguagem muitas vezes estava ambígua, em uma delas até parecia culpa da mulher o fato dela apanhar. (Sol)

Registra-se, neste momento, que já era esperado essas dificuldades na captação dos recursos nesta área para o desenvolvimento das atividades uma vez que esses temas não são abordados nas escolas haja vista a sua complexidade. Questões relacionadas à violência contra a mulher ou ao papel delas na sociedade não seriam considerados importantes dentro do meio escolar.

Deste modo, é necessário que "os professores assumam o papel de discutir os conhecimentos sobre esse assunto, o que pressupõe um discurso pedagógico desprovido de preconceitos e discriminações". (SANTOS, 2004, p. 63).

Cabe também ressaltar que violência contra a mulher não é um tema fácil de ser trabalhado em qualquer que seja o ambiente, na família, no grupo de amigos ou na escola. Nessa linha, Martins et al. (2004, p. 99):

Falar sobre violência contra a mulher requer uma abordagem múltipla, que englobe aspectos históricos, sociais, jurídicos e médicos. A violência contra a mulher assume

diferentes formas, exigindo assim uma análise cuidadosa que atente para as peculiaridades de cada uma: física, psicológica, patrimonial, sexual e moral.

Assim, depreende-se a obrigação de tratar o tema com cuidado, seriedade e responsabilidade. Deste modo, os professores precisam ter uma formação adequada para trabalhar com estes temas já citados, buscando englobar os problemas e buscando junto aos alunos possíveis soluções para estes.

7.3. SEXUALIDADE NOS LIVROS DIDÁTICOS UTILIZADOS NO DISTRITO FEDERAL

Diante do que já foi abordado, questiona-se como estão abordados esses temas nos livros didáticos utilizados pela escola. Tendo em vista que "ele serve de alicerce para o profissional professor no desenvolver de seu trabalho e faz o papel de guia para os estudantes no aprendizado dos conteúdos". (CARVALHO et al., 2012, p. 03).

Nessa linha, foi realizada uma avaliação de 05 (cinco) livros utilizados pela SEE/DF no ano de 2017. Deste modo, cada grupo, de acordo com seu tema, ficou responsável por fazer a avaliação de um livro. Os alunos tiveram que formular uma ficha de avaliação dos livros analisados. Os livros foram escolhidos de acordo com o que estava sendo utilizado pela SEE/DF nos períodos entre o 6º e o 9º ano e na Educação de Jovens e Adultos - EJA.

Tabela 3 - Ficha Técnica do Livro (Higiene Íntima e Auto-estima)

Ficha de perguntas para o livro acerca da Higiene Intima e Auto-estima	
1.	Como é trabalhado o tema higiene intima e auto-estima no livro?
2.	Tem exercícios? Se sim, como são?
3.	Como são abordados os textos?
4.	Contém ilustrações que contribuam para o aprendizado?
5.	A linguagem é de fácil compreensão?
6.	O livro estimula o debate reflexivo sobre o tema?
7.	É valorizado o conhecimento prévio do estudante?
Ficha Técnica do livro avaliado pelo grupo	
Obra	Investigar e conhecer: Ciências Da Natureza, 8º ano
Autores	Sônia Lopes
Editora	Saraiva
Ano/edição	1º /2015

Após fazer o estudo do livro, os licenciandos relataram que: com relação ao tema higiene e auto-estima, o livro não trazia nenhum tema relacionado ao assunto, porém

como já esperado, abordava alguns temas sobre sexualidade em um dos capítulos relacionados a vírus.

O tema não é abordado em nenhuma das formas acima perguntadas. O livro foca na morfologia dos órgãos sexuais, DST e métodos contraceptivos, mas não aborda sobre a higiene íntima e auto-estima. (Samatha)

Aborda sexualidade relacionada a contaminação por vírus, trabalha a temática da AIDS em duas páginas (134 e 135). (Lily).

O tema é abordado sem nenhuma discussão, apenas uma breve afirmação que patologiza a sexualidade. (Regina)

Há no livro apenas um questionário que trabalha com os sintomas do HIV (Lukke)

Com relação a avaliação do livro citado acima, cabe ressaltar que o mesmo não supre as necessidades que os alunos possuem sobre sexualidade, não contendo quase nenhum tema relacionado ao conteúdo, tratando sexualidade apenas relacionada ao HIV.

Nessa linha, salienta-se os dizeres de Carvalho et al. (2012, 0. 03):

Entretanto, para que seu papel seja exercido de forma exemplar, é preciso que os assuntos nele contidos tenham uma abordagem satisfatória, discutindo os principais aspectos inerentes a cada um deles e suscitando nos alunos uma reflexão crítica sobre a realidade na qual estão inseridos.

Contudo, o que foi observado e avaliado é que o livro não demonstra uma abordagem, de forma satisfatória, dos aspectos da sexualidade, dando ênfase apenas a sexualidade como doença.

Tabela 4 - Ficha Técnica do Livro (Preconceito e Teoria QUEER)

Ficha de perguntas para o livro acerca do Preconceito e Teoria QUEER	
1.	O tema é abordado?
2.	Atualidades a respeito do assunto
3.	Conceitos científicos
4.	Significado social
5.	Adequação ao nível dos alunos
6.	Ciência, tecnologia e sociedade.
7.	Linguagem clara e acessível?
Ficha Técnica do livro avaliado pelo grupo	
Obra	Investigar e conhecer: Ciências Da Natureza, 9º ano
Autores	Sônia Lopes
Editora	Saraiva
Ano/edição	1º /2015

Os licenciandos também teceram suas considerações acerca do livro. Vejamos:

No livro avaliado não foi encontrado nada referente ao tema preconceito e Teoria Queer. Ficamos com o livro do 9º ano no qual é abordado a parte de exatas da ciências. (Luna).

Não foi encontrado nada referente ao tema de sexualidade no livro. (Jeane)

O livro foca na química e na física, dando pouca ênfase na biologia, portanto não encontramos nada referente ao tema. Embora nesta fase em que os alunos estão em transição o tema deveria ser abordado com os mesmos. (Ester).

O tema, de relevância inquestionável, também não é abordado em outros livros didáticos de outras séries. Pouco se vê ou se lê sobre este tema em livros. Carvalho (2012) observou em sua pesquisa um verdadeiro descaso dos livros didáticos com os temas relacionados a gênero. O que apenas ratifica o citado pelos licenciandos sobre a falta de abordagem do tema nos livros didáticos.

Tabela 5 - Ficha Técnica do Livro (Exploração, Violência e Assédio Sexual)

Ficha de perguntas para o livro acerca da Exploração, Violência e Assédio Sexual	
1. Estrutura física	
I. Características do livro didático: ilustração com boa qualidade gráfica, atrativas e atualizadas;	
II. Presença de erro conceitual.	
2. Conteúdos	
I. Informações atualizadas;	
II. Conexão/articulação entre os conteúdos;	
III. Linguagem adequada aos alunos;	
IV. Interdisciplinaridade.	
3. Atividades propostas	
I. Contextualização dos exercícios;	
II. Atividades diversificadas	
4. Recursos adicionais	
I. Analogias utilizadas;	
II. Sugestões de bibliografias;	
5. Curiosidades	
Ficha Técnica do livro avaliado pelo grupo	
Obra	EJA: ensino Fundamental 8º ano
Autores	Obra coletiva, editora responsável: Virgínia Aoki
Editora	Moderna
Ano/edição	1º/2013

Os licenciandos também teceram suas considerações acerca do livro. Vejamos:

No livro não contém nada relacionado ao nosso tema na disciplina de Ciências, e acredito ser importante esse assunto está presente no livro desde o ensino básico até o final, lógico quede acordo com a idade. (Pepe)

Não encontramos nada relacionado ao tema, embora se tratar de um tema transversal, e que está presente na sociedade. (Buffay)

Não foi encontrado nada sobre o tema de abuso nem sobre sexualidade no livro, também tive a curiosidade de procurar em outros livros e também não encontrei. Isto me preocupa um pouco, tendo em vista que é diário que vemos em noticiários sobre abusos ocorridos com crianças ou mulheres. (Sara)

Este grupo analisou um livro do EJA de Ciências. Os alunos, em sua maioria adultos e cheio de experiências, com os quais poderiam ser abordados os temas de sexualidade de abuso com maior naturalidade, sequer é sequer citado nos livros analisados.

Vargas (2014, p. 64) defende que:

A violência sexual é um tema que, infelizmente, se apresenta como muito comum em nossa sociedade e, desta forma, de grande urgência em ser abordado nos LD.

Diante desta constatação cabe ao professor buscar métodos, fora do que está sendo proposto, para realizar com os alunos as atividades referentes ao tema, já que o mesmo não é abordado no livro.

Tabela 6 - Ficha Técnica do Livro (Papel da Mulher da Sociedade e Educação Sexual)

Ficha de perguntas para o livro acerca do Papel da Mulher da Sociedade e Educação Sexual	
1.	Os temas são trabalhados? Qual recebe maior ênfase?
2.	Há articulação entre os temas e capítulos?
3.	Como são introduzidos e desenvolvidos os temas?
4.	Quais são os tipos de avaliações?
5.	Há incentivos a interação professor-estudante e estudante-estudante nas atividades propostas?
6.	Há algum tipo de contextualização com práticas sociais?
7.	Possui interdisciplinaridade?
Ficha Técnica do livro avaliado pelo grupo	
Obra	EJA: ensino Fundamental 6º ano
Autores	Obra coletiva, editora responsável: Virgínia Aoki
Editora	Moderna
Ano/edição	1º/2015

Com relação ao livro analisado, os licenciandos relataram não encontrar o tema no livro. Contudo, encontraram algumas ilustrações que remetiam às discussões sobre o papel da mulher na sociedade. Vejamos:

Não foram encontrados no livro nenhum tema associado a sexualidade, até porque no 6º ano este tema não é trabalhado na escola, não está na grade curricular. (Alicia)

Não encontramos nada sobre o nosso tema no livro, porém lembro que no sexto ano geralmente se trabalha higiene pessoal, que pode ser iniciado trabalhar com sexualidade, mas também não encontramos este conteúdo no livro. (Heloá)

Cabe observar que é neste período que começam as transformações da criança para a adolescência. Transformações que muitas vezes eles não sabem exatamente como lidar, pois a "sexualidade é um processo contínuo, que existe desde a infância e perpassa por todas as fases de vida do ser humano até a sua morte. Porém, é na adolescência que ela se apresenta de forma mais expressiva". (VARGAS, p.46, 2014).

Assim, seria de suma importância a abordagem deste tema de forma simples e introdutória para que os estudantes pudessem lidar com as transformações da adolescência de forma natural.

Tabela 7 - Ficha Técnica do Livro (Sexualidade e Adolescência)

Ficha de perguntas para o livro acerca do Sexualidade e Adolescência	
1.	O tema está contido no livro?
2.	Há interdisciplinaridade?
3.	Quais atividades o livro propõe para trabalhar o tema com os alunos?
4.	As ilustrações são coerentes com tema?
5.	O tema é abordado de forma correta de acordo com a idade dos alunos?
Ficha Técnica do livro avaliado pelo grupo	
Obra	Investigar e conhecer: Ciências Da Natureza, 7º ano
Autores	Sônia Lopes
Editora	Saraiva
Ano/edição	1º /2015

No livro analisado por este grupo também não foi encontrado o tema de forma explícita, porém o grupo encontrou alguns temas que possibilitariam algumas associações. Por exemplo, em plantas e animais estava contido o tema de reprodução animal e vegetal.

Não encontramos o tema específico de educação sexual, porém quando estava tratando de reprodução das plantas e animais daria para fazer uma associação também a reprodução humana, embora fosse tratar do tema de forma mais biológica a mesma também é importante. (Laura)

O livro é muito bem estruturado com relação aos temas, imagens boas e coerentes, porém com relação a sexualidade não nada que nos remetesse ao tema. (Klaus).

Com relação ao conteúdo no livro didático, sabemos que o tema deve ser trabalhado como conteúdo programático no oitavo ano do ensino fundamental na disciplina de Ciências Naturais e este está geralmente presente no livro, porém de forma biológica não apresentando informações completas sobre as relações sociais. Geralmente o tema está voltado para aparelho reprodutor masculino e feminino, mudanças no corpo, enquanto os temas sociais são preteridos.

Assim, é importante contemplar no livro os conteúdos sociais relacionados a sexualidade como abuso, violência e gênero. Primeiro, por serem temas que são diretamente relacionados à vida dos alunos, permeiam as conversas, as dúvidas, está na ordem do dia nas mídias. Assim, cabe a escola definir como trabalhar estes temas no ano letivo.

Ainda tem-se conhecimento da resistência em abordar estes temas em livros didáticos já que a sociedade ainda não compreende a relevância do mesmo. Exemplo disso foi o caso de Rondônia onde os pais acionaram o Ministério Público - MP para retirar das escolas o livro didático que continha ilustrações de órgão sexuais.

O livro em questão era da série Apoema, da Editora do Brasil. Foi escrito pelas autoras Ana Maria Pereira, Margarida Santana e Mônica Waldheim e aprovado pelo Ministério da Educação - MEC.

Pais acionam MP para tirar de escolas livro com ilustração de órgãos sexuais

Demétrio Vecchioli
Colaboração para o UOL 01/04/2017 - 11h18



Figura 1 - Captura de Tela: Reportagem no sítio UOL onde os pais acionaram o MP para retirada de livro com ilustrações de órgãos sexuais

Deste modo, é importante a sensibilização dos pais, alunos e todos os profissionais da educação para a importância da abordagem do tema nos livros didáticos para que possa ser tratado de forma natural tendo em vista que é inerente ao ser humano. Claro que é necessário analisar como colocar este tema nos livros, como no caso supracitado, por

exemplo. Depreende-se que se estes temas já viessem sendo introduzidos desde o sexto período do ensino fundamental por exemplo, não causaria tanto rumores.

De acordo com os PCN (1998, p. 106):

[...] em estudos relativos à sexualidade, as informações devem ser claras e objetivas, combatendo preconceitos que atrapalham o desenvolvimento e valorizando o respeito ao próprio corpo, às vontades e às dúvidas, bem como o respeito ao corpo e aos sentimentos dos parceiros, na perspectiva do respeito mútuo e da convivência solidária.

Assim, se os livros didáticos trazem apenas a dimensão biológica, questiona-se como fazer para abranger informações que possam trabalhar com essas questões de respeito mútuo, preconceito. Tendo em vista que muitas vezes os professores tem o livro didático como único material de consulta, como poderiam os professora abordar os demais temas.

Vargas (2014, p. 80) alerta que:

Os conteúdos e temas abordados nos LDC podem interferir diretamente no que é estudado e discutido nas salas de aula. Se o professor só faz uso (o que não deveria, mas às vezes acontece) desse recurso didático, provavelmente algum assunto de grande urgência poderá deixar de ser abordado com os alunos.

Deste modo, fica a cargo do professor procurar formas de abordar este tema, neste trabalho é proposto algumas maneiras.

7.4. CONSTRUÇÃO DOS RECURSOS DIDÁTICOS PARA TRABALHAR COM OS TEMAS DE SEXUALIDADE NA ESCOLA

Após as discussões sobre os temas, a leitura dos textos, o estudo dos recursos para abordar o assunto e avaliação dos livros, foi proposto aos licenciandos que criassem ou adaptassem os recursos para atender às didáticas dos temas que escolheram para trabalhar na disciplina. Deste modo, cada grupo criou um recurso em conjunto com a pesquisadora.

Os grupos tinham encontros individuais, sob o monitoramento da pesquisadora, trazendo suas ideias e discutindo qual a melhor maneira de construir o recurso. A pesquisadora, quando oportuno, transmitia sua opinião sobre os recursos que os licenciandos teriam pensado em criar ou adaptar, buscando sempre as melhores ideias. Assim, foram definidos 03 (três) recursos e/ou métodos de trabalho de acordo com os temas em pauta.

Para trabalhar com abuso e violência sexual foi criado o jogo "que situação" (APENDICE 1) que busca enfatizar com os alunos os temas de forma dinâmica e completa, podendo ser aplicado a partir do 6º ano do Ensino Fundamental até o Ensino Médio.



Figura 2 - Fotografia: Caixa para cartas do jogo



Figura 3 - Fotografia: Cartas do jogo



Figura 4 - Fotografia: Cartas do jogo

Resumo do jogo: os alunos são divididos em grupos. Cada grupo deverá tirar três cartas de personagens, uma de ambiente/local, uma de situação problema (violências). Após, cada grupo deverá criar uma história fictícia ou real com as cartas tiradas. Em seguida, apresentar a turma. Cabe ao professor mediar uma discussão a cerca das histórias criadas pelos alunos, haja vista a grande possibilidade das histórias serem reais.

Para os licenciandos este tipo de recurso pode ajudar o professor a trabalhar qualquer tema, não somente os relacionados a sexualidade. Vejamos, a seguir, as opiniões de alguns dos participantes:

O jogo que criamos pode ser trabalhado com outros temas, basta trocar as cartinhas (Sara)

Este recurso é bem dinâmico podendo ser também adaptado pelo professor para que o mesmo possa ministrar suas aulas com outros temas também. (Sophia)

Esta é uma atividade que pode ser usada com crianças e com adultos, depende muito da mediação do professor. (Klaus)

Diante do exposto pelos alunos, este seria um recurso "bônus" para os professores trabalharem em sala de aula. Nessa ótica Mesquita (0000, p. 143) explica que "se perguntarmos a um professor que materiais didáticos utilizam em suas aulas de Ciências, as respostas, em sua maioria, farão referência a poucos itens: livro didático, quadro negro, vídeos".

Os licenciandos também acrescentam que o recurso pode trazer a baila as concepções dos alunos com relação às violências no ambiente em que vivem. Segundo os participantes do projeto, esta atividade também é importante para que os alunos e os próprios professores exercitem o saber ouvir, valorizando assim a vida do outro. Vejamos:

[...] é muito importante para que os professores possam escutar as histórias, as vivências e também as concepções dos estudantes com relação a sexualidade. (Sara)

Nessa linha Figueiró (2007, p. 07) corrobora tal entendimento ao afirmar que "educar sexualmente é criar oportunidades para o aluno expressar seus sentimentos, angústias e dúvidas, refletir sobre suas atitudes e rever preconceitos".

Para trabalhar com sexualidade e adolescência foi realizada uma metodologia diferenciada utilizando bastante do conhecimento prévio dos alunos, buscando discutir as dúvidas com relação às mudanças no corpo, emocionais e sociais de forma didática. Este recurso pode usado no 8º ano do Ensino Fundamental até o Ensino Médio, a depender da abordagem do professor.



Figura 5 - Fotografia: Modelo feito em sala (feminino)

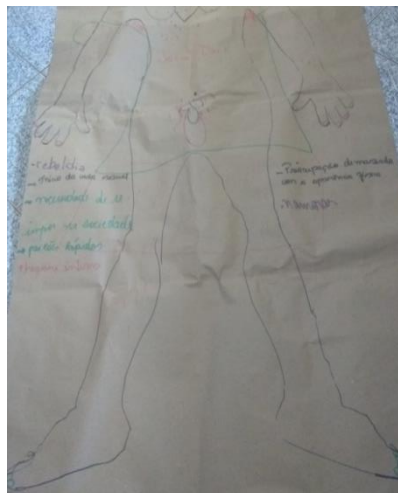


Figura 6 - Fotografia: Modelo feito em sala (masculino)

Resumo do método: Será posicionado no quadro 02 (dois) papéis pardos com o contorno do corpo humano, sem qualquer outro detalhamento. Após, os discentes serão indagados a dizer característica de um menino, onde será preenchido em um dos contornos do corpo, e de uma menina, onde também será preenchido no outro contorno do corpo. Na primeira etapa eles irão falar sobre as mudanças físicas, em seguida serão indagados sobre as mudanças emocionais, focando principalmente nos dilemas que a maioria dos jovens passa nesse período da vida.

Este recurso envolve o que a maioria os professores da área já trabalham em sala de aula, o aparelho reprodutor masculino e feminino e masculino. No entanto, a abordagem vai além da explicação do funcionamento do aparelho reprodutor, ele aborda

sentimentos, emoções, vivências, além da possibilidade de uma discussão sobre o conhecimento prévio dos alunos e dos conceitos que estes trazem com relação a sexualidade. Nessa linha, vejamos a seguir as opiniões do licenciandos:

Este recurso busca fazer com que os alunos compreendam o corpo como complexo que envolve sentimentos, emoções e também as relações sociais, amorosas estão completamente ligadas ao nosso corpo. (Ester).

Este recurso não está focado somente no aparelho reprodutor, fazendo com que possamos como futuros professores utilizar para poder saber também como os alunos compreendem o corpo humano, se puramente biológico ou se levam em consideração as relações sociais e culturais vivenciadas pelo ser humano. (Pepe).

Este recurso também pode fazer surgir diversas dúvidas nos alunos fazendo com que os professores passem explorar também outros aspectos da sexualidade, esclarecendo dúvidas e conversando mais sobre o tema. (Ragnar)

Com relação as opiniões dos licenciandos é possível inferir que uma abordagem da sexualidade pelo professor restrita à reprodução humana ou a transmissão de doenças é prejudicial pois os estudantes estão ansiosos e curiosos por mais conhecimento, uma vez que vivenciam isso no dia-a-dia.

Nessa linha, Kindel (2008, p. 05) elucida:

Ao ensinar-se sobre o Sistema Reprodutor dando ênfase apenas aos órgãos do sistema masculino e feminino e à reprodução em si, como se a sexualidade estivesse restrita a sua dimensão biológica, excluem-se outras explicações e outras formas de sexualidade como se não fossem também naturais.

Além disso, é importante responder aos questionamento dos estudantes numa abordagem amigável e preferencialmente numa conversação, e não simplesmente responder no intuito de podar os alunos com relação as demais dúvidas.

Embora muitos estudiosos de educação sexual enfatizem que só se deve responder ao que os alunos perguntam, Figueiró (2009) entende que cabe ao professor muito mais que simplesmente responder dúvidas. E de responsabilidade do educador conversar sobre as questões trazidas pelos alunos porque uma pergunta feita por um estudante pode abrir "leque" de questões a serem discutidas sobre sexualidade.

Para trabalhar com Teoria Queer, principalmente para que os estudantes possam conhecer a teoria e também trabalhar preconceitos. Foi construído o seguinte recurso para trabalhar a partir do 8º ano do Ensino Fundamental:



Figura 8 - Fotografia: Bloco com personagem



Figura 7 - Fotografia: Bloco com personagem

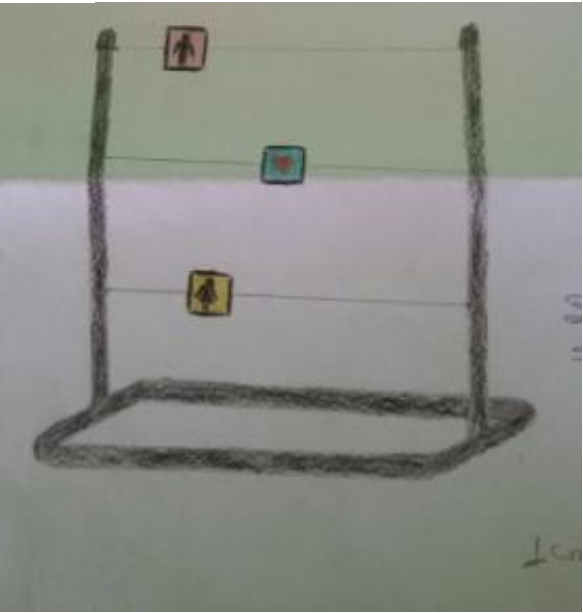


Figura 9 - Fotografia: Idealização do Recurso



Figura 11 - Fotografia: Bloco com personagem

Figura 10 - Fotografia: Bloco com personagem

Tabela 8 - Ficha dos Envelopes

Sou Homem	Sou Cisgênero	Sou Gay	Amarelo
Sou Homem	Sou Transgênero	Sou Pansexual	Roxo
Sou Homem	Sou Cisgênero	Sou Heterossexual	Azul
Sou Homem	Sou Transgênero	Sou Bissexual	Laranja
Sou Mulher	Sou Cisgênero	Sou Heterossexual	Vermelho
Sou Mulher	Sou Transgênero	Sou Gay	Branco
Sou Mulher	Sou Cisgênero	Sou Bissexual	Verde
Sou Mulher	Sou Transgênero	Sou Pansexual	Rosa

Resumo do recurso: Separar a turma em grupos, no máximo com cinco alunos. Em seguida distribuir em cada grupo duas peças aleatórias e pedir para que cada grupo coloque as peças na base. Depois escolher um integrante do grupo para girar as caixinhas na base. É importante observar as cores das faces que estão de frente com o aluno e anotá-las. (Exemplo: na primeira caixinha saiu a face de cor VERDE e na segunda caixinha saiu a face de cor AMARELA), pedir para cada grupo pegue os respectivos envelopes de acordo com as cores sorteadas. (Exemplo: como saiu VERDE e AMARELA, dê aos alunos os envelopes verde e amarelo), depois deste momento orientar os alunos a relacionarem as características dos dois envelopes (Exemplo a pessoa com as características do envelope VERDE relaciona-se com a pessoa do envelope AMARELO). Após este momento fazer uma discussão com cada par formado relacionando a Teoria Queer ao que os alunos estão observando.

Os estudantes relatam a importância deste recurso principalmente pelo fato de não terem encontrado nenhum outro para trabalharem diversidade na escola. Contudo, esclareceram que caso professor não saiba usá-lo poderá confundir ainda mais os alunos. Isso é evidenciado nos discursos dos licenciandos:

[...] o recurso é muito importante para trabalhar com o tema diversidade na escola, porém é necessário que o professor prepare o seu planejamento em cima do recurso, pois se não o fizer poderá confundir ainda mais os os alunos, podendo até passar o conceito errado. (Luna)

[...] pode ser que os alunos no começo caíam na risada, por exemplo quando cair nas caixas um homem com outro homem, ou uma mulher que se identifica fisicamente como homem, mas sentimentalmente se relaciona como mulher. (Petrus)

Nesse sentido, Figueiró (2009, p. 06) argumenta:

Risos podem acontecer durante este exercício, ou mesmo em outros, e é natural que aconteçam. O professor não deve inibir a espontaneidade do riso, mas propiciar que se manifeste, pois é uma forma de extravasar o constrangimento que, comumente, acompanha o falar sobre o assunto. Se permitidos, aos poucos, os risos esvanecem significativamente.

Em qualquer dos casos supracitado, faz-se necessário um bom planejamento da atividade pelo professor, principalmente quando for abordado questões relacionadas à sexualidade. Figueiró (2009, p. 07) elucida que "o professor deve ser a pessoa que cria as condições para o aluno aprender, ao invés de ser um simples transmissor de conhecimentos.

Este recurso também pode despertar nos alunos envolvidos, a vontade de participar ativamente no processo de explicação do conteúdo, seja por perguntas que lhe são lançadas, seja por exemplos que lhe são solicitados, além da possibilidade de participação com opiniões, colocação de dúvidas e expressão de sentimentos, que demonstraria um interesse maior pelo assunto (RONCA E ESCOBAR, 1984).

Nessa ínterim, Figueiró (2009, p. 20) afirma:

[...] não basta ensinar; é preciso viver e reaprender, constantemente, o respeito à diversidade e para dar conta disto, faz-se necessário acompanhar a dinâmica que vem se processando no campo da diversidade sexual.

Peres (2002), ressalta a emergência, desde a década de 1990, de pesquisas e publicações voltadas para os Estudos de Gays Lésbicas (*Queer Theory*), até mesmo por conta do aumento de grupos Gays e Lésbicos reivindicando direitos e participação na vida social e política da sociedade.

Ademais, com relação a equidade e preconceito os licenciandos criaram o recurso que trabalha não somente as questões de equidade das mulheres, mas também preconceito e valorização.



Figura 12 - Fotografia: Modelo de recurso feito pelo grupo

Narrativa criada na aplicação do recurso na disciplina:

Cláudia, negra, lésbica, 32 anos, moradora da Ceilândia enfrentou várias dificuldades durante a sua vida para conseguir chegar no cargo que ocupa, Deputada Federal. Na sua adolescência sofria muito racismo devido a sua cor, seu cabelo crespo e por sua condição sexual. Começou a trabalhar muito nova para ajudar no sustento de sua casa, seus pais eram muito pobres e emigraram do nordeste para tentar construir uma vida nova em Brasília, porém as condições eram bem diferentes quando chegaram para morar na periferia do Distrito Federal, localizada na Ceilândia, uma cidade com índice de violência e pobreza muito alto. Porém Cláudia, não aceitava ser tratada com diferença, não entendia porque as pessoas a julgavam pelo sua cor e por gostar de outras mulheres. Cláudia começou a construir movimentos contra o racismo ainda quando era secundarista, criou um coletivo de mulheres lésbicas contra as opressões que ela e outras mulheres também sofriam. Não se conformava em não ter representação na política, sempre que ela observava os quadros percebia que não havia mulheres negras e lésbicas representando no Congresso e na Câmara dos Deputados, chegou à conclusão que para ter políticas públicas voltadas para mulheres negras e lésbicas, ela deveria se engajar na política para tentar se eleger como deputada. Fez várias campanhas e conseguiu se eleger como Deputada Federal, lutando contra a desigualdade social, o racismo, LGBTfobia e para que as mulheres tenham as mesmas oportunidades que os homens no trabalho.

Resumo do recurso: No primeiro momento a turma é dividida em grupos de cinco ou seis pessoas. Em seguida professores apresentarão 4 (quatro) caixinhas que devem conter as seguintes características para sorteio: caixinha 1: Gênero (mulher Cis, mulher trans, mulher homossexual, mulher bi etc.); caixinha 2: Raça (negra, asiática, indígena, branca etc.); caixinha 3: Profissão (diarista, cuidadora de idosos, professora, médica, cobradora de ônibus,

deputada, dona de casa etc.); caixinha 4: Localidade (todas as cidades do Distrito Federal). Esse sorteio será feito em cada grupo. A partir das características sorteadas, os grupos irão desenhar os personagens. Olhos, boca, nariz e orelhas que devem ser feitos em recortes do papel panamá para serem colados posteriormente no papel inteiro. Após a confecção dos personagens, cada grupo deverá escrever a sua respectiva história, inserindo as características sorteadas. Os alunos serão livres para retratar a biografia do personagem desenhado. Em seguida, promover um debate sobre as histórias escritas pelos alunos.

Com relação a este recurso os licenciandos relatam que:

[...] importante para que os alunos percebam as diferentes pessoas que existem vivendo no mundo, que o papel da mulher na sociedade tem mudado bastante e a valorizar as pessoas por suas vivências. (Dandara)

Schmitz (1993) corroborar com esta afirmativa ao relatar que o recurso didático aproxima o aluno da realidade e contribui para sua aprendizagem. Outros alunos também ressaltam a importância do recurso acima ao dissertarem que:

O recurso pode ajudar os alunos a valorizarem suas próprias histórias. (Adriana B)

Este recurso permite tanto ao professor quando aos alunos, se despirem de seus preconceitos e conceitos sobre as relações humanas. (Samantha).

No ensino de sexualidade é de suma importância valorizar as relações humanas, o respeito mútuo. O professor não impor suas ideias ou opiniões, mas valorizar as vivências dos alunos. No entendimento de Leão (2009) discutir sexualidade em sala de aula faz-se necessário, contudo o professor primeiro teria que trabalhar seus preconceitos e valores morais para não impor aos educandos suas concepções pessoais. Segundo a autora, programas de imposição de opiniões com relação a sexualidade não costumam ser eficazes.

Nessa linha, os licenciandos também elucidam:

[...] este recurso dá aos estudantes a oportunidade de falar de expressarem suas ideias, tornando-se ativos nas aulas, fazendo com que os mesmo sintam-se mais interessados na aula". (Joana)

Sobre o assunto, Figueiró (2009, p. 08), também ressalta:

Muitos professores mostram-se surpresos ao constatar o quanto os alunos participam ativamente, se lhes é dada a oportunidade de falar, de perguntar e de expressar o que pensam e o que sentem. Isto deixa o professor mais tranquilo e à vontade, enriquece a aula e gera um trabalho descontraído e espontâneo, sem comprometer a seriedade e a qualidade. Esta forma de ensinar faz fugir, então, do padrão tradicional de aula dogmática, puramente expositiva.

Deste modo, faz-se importante aos professores enriquecer na escola estes espaços de diálogos com relação a outros temas sociais, buscando fazer com que os alunos possam ter uma aprendizagem mais voltada para ações no cotidiano.

Para trabalhar o tema de saúde íntima o grupo optou por um recurso para trabalhar com adultos do EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Resumo: Na parede serão colocadas 10 (dez) imagens de corpos com diferentes fisionomias (5 sendo corpos femininos e 5 corpos masculinos). Após, distribuir imagens de diversos tipos de órgão sexuais (7 imagens do sexo feminino e 7 do sexo masculino) e sentimentos (felicidade, tristeza, raiva etc.). Posteriormente os estudantes deverão colar os órgãos e os sentimentos nos corpos que julguem ser os correspondentes.

Para levar os estudantes a reflexão dos padrões, foi feito um gabarito acerca dos órgãos sexuais e sentimentos com suas respectivas fisionomias corporais. Vale salientar que esse gabarito foi elaborado com o intuito de problematizar as relações, de forma que foi desconsiderado os reais órgãos e sentimentos.

Um dos objetivos do projeto é promover a discussão com os estudantes sobre as relações que serão feitas por eles entre órgãos sexuais, fisionomias corporais e sentimentos, identificando os possíveis padrões sociais que os tenha influenciado em suas escolhas.

No término da atividade, será revelado aos estudantes o gabarito no intuito de levá-los a reflexão de que existem diversas relações entre órgãos sexuais, sentimentos e fisionomia, oportunidade em que será questionado quanto a relação entre higiene íntima com e auto estima e por meio desse questionamento associar como esses padrões e os cuidados da higiene íntima influenciam na auto-estima.

Nessa sentido, os licenciandos também preferiram suas opiniões:

Este recurso é muito importante para desconstruir um padrão de perfeição, auxiliando as pessoas a se aceitarem como são. (Lorena)

O recurso pode ser utilizado também para trabalhar com doenças sexualmente transmissível de forma a associar o tema ao que também está proposto nos currículos da secretaria. (Vênus)

Este pode ajudar a desconstruir estereótipos, quebrar tabus e discutir as diversidades de pessoas. (Regina)

Com relação observações supramencionadas, cabe enfatizar a importância de trabalhar com os temas já abordados por professores nas escolas como as doenças sexualmente transmissíveis. Contudo, fazendo este estudo de forma diferenciada, buscando associar outros elementos a estes temas como a questão dos padrões que tanto é imposto a sociedade, por exemplo.

Com relação à construção dos recursos cabe ressaltar a importância dos mesmos no estudo em qualquer tema. Os estudantes também ressaltam esta importância dos recursos para o tema sexualidade, não somente na escola, mas também na universidade.

Os recursos didáticos construídos podem contribuir para que os alunos não possam sentir-se mais a vontade em falar do tema, já que o mesmo é complicado de ser trabalhado em sala de aula. (Klaus, trecho retirado do diário).

Os recursos didáticos quando usados de forma correta são um subsídio muito bom para o professor poder realizar uma atividade em sala de aula, ainda mais com este tema. (Pepe, trecho do diário)

Se me perguntarem se prefiro trabalhar com ou sem recurso didático, lógico que vou responder com recurso didático, a questão é que para o tema quase não há recurso, pois os que existem são muito fracos com relação aos temas sociais, vemos no máximo um recurso ou outro que discutem o tema um pouco mais aprofundado. Mas por exemplo dos que pesquisei a maioria falava de colocar uma caixa para os alunos colocarem suas dúvidas. Particularmente acho este recurso bem fraco por diversos motivos, primeiro se o professor não souber conduzir antes esta atividade pode ser um fracasso. Além disso, me parece muito distante da relação professor aluno ter uma caixa para se colocar as dúvidas, isto apenas reflete o medo do professor de trabalhar este conteúdo. (Petrus, trecho retirado do diário)

Oportuno se faz ressaltar as citações dos licenciandos supracitadas com relação aos recursos didáticos. Sabe-se que muitas vezes um recurso pode facilitar a compreensão dos alunos com relação a diversos conteúdos, porém existem recursos que podem atrapalhar uma aula. Nessa linha Brando e Campos (2004, p. 901) ensina que "a existência do material didático não é a solução, pois o professor precisa saber utilizá-lo".

Deste modo, os recursos criados pelos licenciandos passaram por muitas pesquisas, leituras e discussões sobre cada produto criado, além de debates com a turma para decidir como usá-los, quais adaptações poderiam ser feitas para cada série, como poderia ser usados em outros conteúdos etc.

Caso o professor use de forma incorreta um recurso, poderá fazer com que o aluno aprenda um conceito errado, podendo transformar a sala de aula em algo totalmente diferente da proposta inicial. Deste modo é necessário fazer uma avaliação criteriosa do que e como será a abordagem na sala de aula.

Nessa linha, Lima e Almeida (2010) esclarecem que o professor precisa buscar a melhor maneira de trabalhar o tema com seus alunos, podendo ser com as mais variadas metodologias, observando sua turma, sua escola, ou seja, a realidade em que está inserido.

Ainda com relação opiniões dos licenciandos, deve-se atentar aquelas que desrespeitam a importância do recurso para o professor trabalhar o tema sexualidade em sala de aula. Dos recursos construídos, pode-se observar que muitos têm discussões e conversas

com os alunos sobre o assunto abordado, trazendo para a realidade dos estudantes e fazendo com que os mesmos possam se expressar sem precisar de uma caixa para fazer estas conversas, pois depende da mediação do professor.

Para Lima e Almeida (2010) essas discussões entre os adolescentes podem ser um recurso válido, tendo em vista que muitos jovens passam pelas mesmas situações e gostam de compartilhar sua experiências fora do ambiente familiar.

Os licenciandos acrescentam que trabalhar este tema em sala de aula é por vezes complicado porque os mesmos não possuem uma formação que lhes proporcionam subsídios para abordar o conteúdo nem os materiais que podem ser utilizados. Silva (2004) acrescenta que a introdução da educação sexual nos currículos do ensino superior é fundamental e urgente.

Os licenciandos relatam ainda em seus diários que :

Os recursos didáticos criados na disciplina auxiliam na abordagem na aula facilitando a interação e participação dos alunos. (Samantha)

Os recursos didáticos auxiliam o professor a ministrar a aula, pois existem poucos recurso para trabalhar com estes temas mais sociais, porque é fácil achar um recurso para trabalhar aparelho reprodutor, mas para a Teoria Queer por exemplo não tem. (Dagnar)

Os recursos didáticos são importantes primeiro para a chamar a atenção do aluno para o tema e também para auxiliar o professor a ter uma relação mais próxima dos alunos. (Lukke).

A confecção de materiais didáticos é suma importância para criar mecanismos e ferramentas de tornar a educação sexual mais lúdica e abrir as portas da sala de aula para este tema que muitas vezes é esquecido ou ignorado nas escolas. (Petrus)

Deste modo, fica evidenciado que os debates em grupos e as conversas em sala de aula são de suma importância para a melhor participação dos estudantes. É esse abordagem que "possibilita aos alunos entrarem em contato com diferentes posicionamentos para, a partir daí, formar suas próprias opiniões e se preparar para tomar decisões próprias". (FIGUEIRÓ, 2009, p. 09).

Além disso, nos dizeres de Oliveira (2007, p. 104):

Essa atividade faz com que os alunos são estimulados a compartilhar com o grupo suas experiências de vida e os conteúdos afetos à sexualidade daí apreendidos. Não devem estar, portanto, limitados a ouvir aceitar e assimilar os conteúdos transmitidos pelo professor ou por qualquer outro integrante do grupo de alunos.

Deve-se também levar em consideração que a maioria dos recursos produzidos traz algumas referências a relações de gênero. Não somente na escola este tema tem sido

negligenciado ou esquecido por muitos professores, mas na universidade o tema também tratado de maneira superficial nas disciplinas.

Figueiró (2009, p. 14) afirma:

Ter relações de gênero como um dos blocos de conteúdo é imprescindível para assegurar o êxito da Educação Sexual. Tal conteúdo merece ser considerado o esteio de todo o processo educativo voltado às questões da sexualidade.

Assim, pode-se afirmar que a gama de recursos que podem ser construídos é imensa, podem ser utilizados desenhos, vídeos, modelos, jogos, filmes, músicas, cenas de novelas, livros de literatura, pesquisas, manchetes de revistas e de jornais. (FIGUEIRÓ, 2007).

Cabe ao professor ou a qualquer profissional planejar adequadamente o uso dos recursos que já existem ou criar novos recursos para os temas aos quais os recursos são escassos ou não se aplicam ao público ao qual pretendem trabalhar.

Importante também salientar, neste ponto, que estes recursos não irão resolver todas as questões do ensino de sexualidade na escola. Cabe a instituição de ensino criar espaços para serem trabalhados estes temas ao longo de todo o ano e em todas as disciplinas, e também fora da sala de aula.

Deste modo, é preciso que os alunos tenham "várias oportunidades de ver, rever, discutir e tornar a discutir um tema, pois educar sexualmente é um processo formativo, portanto longo". (FIGUEIRÓ, 2009, p. 16).

Portanto, considerando o professor e o futuro professor como um profissional que constrói o saber em sua prática cotidiana, os modelos de recursos propostos na pesquisa são apenas ideias e sugestões. Será a reflexão durante a atuação de cada profissional que assegurará o avanço constante na forma de ensinar sobre sexualidade.

7.5. CONTRIBUIÇÃO DA PROPOSIÇÃO PARA OS LICENCIANDOS EM CIÊNCIAS NATURAIS

O futuro professor de Ciências formado pela Universidade busca ansiosamente por uma formação que compreenda muito mais que o próprio conhecimento, mas uma formação que o torne capaz de transformar o ambiente que estiver inserido.

Dentro deste processo de buscar por uma formação completa, cabe a universidade dar oportunidade para que o mesmo possa ter experiências com os diversos

assuntos, dentre eles os relacionados a sexualidade, uma vez que este precisa estar preparado para a prática docente após sua formação, buscando em sala de aula superar conflitos, selecionar as metodologias de ensino adequadas e experienciar o cotidiano escolar em todas as suas esferas.

Diante disto, trabalhar o tema de sexualidade nos processos de formação inicial de professor ciências ganha muito importância, tendo em vista que o mesmo vai se deparar com estas questões desde o primeiro momento em sala de aula.

Os licenciandos também reforçam a importância de trabalhar o tema:

Tendo em vista que os temas relacionados a sexualidade estão sempre relacionados ao professor de ciências, logo é necessário que os graduandos, devem estar preparados para trabalhar com este tema, porém para isto corra é preciso que tenham disciplinas voltadas para esta área tão importante, pois esta disciplina de recursos didáticos me deu muito embasamento, não somente teórico mais prático, me fez sair do mundo das ideias e partir para o que é realmente concreto. Além disso, a mesma abriu novos horizontes, pois eu passei a perceber diversas falas minhas que eram completamente ofensivas, atitudes e olhares que hoje procuro me policiar. (Mag, trecho do diário)

Penso que esta disciplina deveria ser obrigatória, pois foi a primeira vez que eu realmente vi uma disciplina voltada para o trabalho em sala de aula do tema de sexualidade, pois já havia feito uma disciplina em que o tema era sexualidade, mas foi muito superficial e não me deu quase nenhum subsídio para o trabalho em sala de aula. (Pepe, trecho do diário)

Se aprendemos física, química e biologia, por que não aprender sobre sexualidade? Afinal, os temas transversais devem ser trabalhados na escola. (Regina, trecho tirado do diário)

A disciplina contribui com propostas concretas para trabalhar com o tema de sexualidade em sala de aula, me sinto mais liberto para conversar, debater, refletir os temas junto aos estudantes. (Lily, trecho do diário)

A disciplina contribuiu, primeiro para uma mudança de pensamento meu sobre o tema, até porque no início pensava como muitos professores, de que este tema não era coisa de se trabalhar em escola e sim por um profissional da saúde, hoje após as aulas começo a ter uma nova compreensão sobre o tema, tendo a visão de que não somente é papel do professor trabalhar o tema em sala de aula, mas uma obrigação. (Lukke, trecho do diário)

É perceptível a importância da disciplina na comunidade acadêmica, principalmente porque, na minha opinião, é bastante falha a abordagem de questões de gênero e sexualidade no curso de ciências naturais, nos deixando inseguros com relação a abordar o tema. Poderia ser disciplina obrigatória, pois o curso é voltado para o futuro professor de ciências que irão trabalhar com crianças e adolescentes, onde surgirão dúvidas relacionadas a este tema, portanto me sentir satisfeita com a abordagem da disciplina e pretendo dar continuidade no estudo do tema. (Luna, trecho do diário)

Por meio das conversas, das apresentações leituras e escrita do diário sobre o tema, penso que esta disciplina incentiva a reflexão sobre o tema e estimulou a criação dos recursos didáticos. (Vênus, trecho do diário)

Contribuiu para minha formação como cidadão, responsável por influenciar opiniões quando estiver em sala, também fez com que eu quebrasse bastante preconceitos e conceitos que eu tinha, precisava ser obrigatória uma disciplina no curso sobre este tema. (Laura, trecho do diário).

Diante do exposto pelos alunos podemos inferir que a disciplina contribuiu com subsídios teóricos, por meio de textos e discussões acerca dos temas envolvidos, e também trouxe grande contributos ao proporcionar a oportunidade de receber informações sobre a temática, fazendo os mesmos rever suas próprias opiniões.

Nessa linha, Figueiró (2009, p. 15):

A Educação Sexual tem a ver com o direito de toda pessoa de receber informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual e, também, com o direito de ter várias oportunidades para expressar sentimentos, rever seus tabus, aprender, refletir e debater para formar sua própria opinião, seus próprios valores sobre tudo que é ligado ao sexo.

Com o projeto, os graduandos puderam rever seus conceitos e, conseqüentemente, poderão praticar o que aprenderam com seus futuros alunos, não impondo suas opiniões ou crenças, pois "em virtude dos adolescentes geralmente não apresentar uma opinião formada sobre a sexualidade, eles podem adotar como sua a opinião do professor, devido à procura de seus próprios parâmetros". (LEÃO, 2009, p. 95).

Ademais, acrescentamos os ensinamento de Figueiró (2009, p. 18):

Toda e qualquer iniciativa de educar sexualmente seja funcional, é necessário que os professores tenham fortalecido em si a atitude de reconhecimento de que é função da escola, também, ensinar sobre sexualidade para os alunos, não porque os pais, na maioria das vezes, não sabem fazê-lo; não apenas porque existem problemas sociais ligados à vivência da sexualidade, como gravidez na adolescência e contaminação por DST e Aids; mas, sobretudo, porque é função da escola como parte do processo de formação integral do educando.

Assim, faz-se necessário que o futuro professor carregue consigo a responsabilidade de introduzir, conduzir e trabalhar o tema de sexualidade na escola, e que além da formação inicial o mesmo deve está em constante formação, pois a sociedade está em constante transformação e é preciso está preparado para estas mudanças inclusive com relação à educação sexual.

Com relação a questão da insegurança e da falta de abordagem do tema na universidade, é compreensível essa postura tendo em vista que o processo formativo dos professores nas licenciaturas não os prepara para abordar questões relacionadas a sexualidade, deixando-os preocupados e com este sentimento de insegurança. (FIGUEIRÓ, 2003).

Deste modo, muito mais que contribuir para os graduandos subsídios para se trabalhar sexualidade no âmbito escolar esta disciplina, buscou-se formar cidadãos críticos

capazes de discutir o tema, refletir e agir com relação ao que está ocorrendo na sociedade, buscando uma transformação real e concreta. Não se pode fugir dessa responsabilidade, afirmando incapacidade ou dificuldade de tratar sobre esse assunto, porque é uma realidade dos jovens (MAESTRO, 2009, p. 35).

Diante dos relatos dos estudantes com relação a disciplina ser obrigatória e a falta de ser abordado o tema em outras disciplinas ou em outros espaços dentro da universidade, faz-se necessário que a universidade assuma efetivamente seu papel na formação dos indivíduos.

Nesse ínterim, Diniz (2015, p. 04):

Formar indivíduos que (re) pensem e (re) produzam conhecimentos desvinculados de preconceitos próprios, preparando profissionais completos, que saibam discutir e trabalhar naturalmente questões como a sexualidade que fazem parte não só do cotidiano escolar, mas do indivíduo como um todo.

Portanto, quando a formação inicial de professores está voltada também para a educação sexual, segundo Figueiró (2011), ela contribui para o desenvolvimento pessoal e profissional do docente e para a melhoria da qualidade do ensino. Entretanto, como relatado pelos estudantes, o que se evidencia é que pouco se trabalha com os assuntos relacionados à educação sexual.

Deste modo a falta de preparo dos futuros profissionais que atuarão no cenário escolar, e os mesmos deverão abordar este assunto, precisando, portanto estar preparado, justifica a necessidade de disciplinas específicas para o tema sexualidade nos cursos de licenciatura. (LEÃO, 2009)

Deste modo, é preciso estar atentos aos modelos de currículo para a formação docente. Segundo Bonfim (2009) é necessário analisar de forma mais crítica os currículos, buscando construir algo capaz de atender a formação dos professores de formar interdisciplinar, envolvendo os conteúdos de sexualidade, que também é um conteúdo de ciências.

7.6. O TEMA DE SEXUALIDADE COMO EIXO NORTEADOR DA DISCIPLINA OFERTADA

No decorrer da disciplina foram trabalhados diversos temas relacionados à sexualidade Muitos desses temas não são trabalhados na escola, ou até mesmo na sociedade, como o caso da Teoria Queer que surgiu nos Estados Unidos, na década de 1980, do encontro

entre uma corrente da filosofia e dos estudos culturais, que problematizaram concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação (MISKOLCI, 2009).

A Teoria Queer foi um dos temas que mais aprendi pois eu só tinha ouvido falar, mas não compreendia do que se tratava de verdade. Eu pensava outra coisa completamente diferente. (Petrus, trecho do diário.)

Eu nunca nem tinha ouvido falar sobre teoria Queer, e quando foi falado na sala de aula eu tomei um susto, até procurei pesquisar mais, quando dividiram os grupos eu fiz questão de ficar com este tema, pois era algo novo para mim. (Luna, trecho do diário)

Talvez as surpresas em relação ao tema tenha se manifestado porque no país as investigações envolvendo a sexualidade, segundo Louro (2001), geralmente são predominadas sobre mulheres ou gênero, dando pouca atenção as sexualidades não reprodutivas. Assim, pouco se tem de produção sobre o tema traduzida para a Língua Portuguesa.

Nesse contexto, destaca Louro (2001, p. 02):

Não há como ignorar as 'novas' práticas, os 'novos' sujeitos, suas contestações ao estabelecido. A tradição pragmática leva a perguntar: que fazer? A aparente urgência das questões não permite que se antecipe qualquer resposta; antes é preciso conhecer as condições que possibilitaram a emergência desses sujeitos e dessas práticas.

Deste modo, a Teoria Queer tende a ser associada ao estudo do desejo e da sexualidade envolvendo múltiplas práticas sociais, sendo reconhecida como resposta crítica a globalização de modelos de identidade ao feminismo liberal e a cultura gay, como uma teoria resistente à imposição de um regime de normatização. (MISKOLCI, 2009)

Diante desta realidade, no âmbito escolar, os professores mostram-se perplexos e desafiados por questões que lhes parecem sem respostas seguras. Assim, existe a necessidade de mudanças com relação ao tema a ser trabalhado em sala de aula e também dentro da universidade.

Outro tema abordado na disciplina foi o abuso sexual. Este que propiciou uma discussão acirrada do que seriam estes abusos, quem eram as vítimas e como isto poderia acontecer.

Rezende (2011, p. 05) conceitua:

Compreende todo ato ou jogo sexual, de relação heterossexual ou homossexual, no qual o agressor esteja em estágio de desenvolvimento psicosssexual mais adiantado do que a vítima, tendo como finalidade estimulá-la sexualmente e/ou para obter estimulação sexual, através de práticas impostas às crianças e adolescentes pela violência física ameaças ou indução de sua vontade.

Atualmente "o abuso sexual está sendo um tema de grande destaque, devido ao mesmo enfatizar a violência sexual contra crianças e adolescentes". (OLIVEIRA e CRUZ,

2015, P. 02). Este destaque é dado na mídia, porém nas escolas o mesmo não é trabalhado, ou é tratado de forma superficial. Isto pode ser evidenciado na fala da graduanda abaixo:

O tema de abuso sexual nas escola, eu mesmo nunca escutei nada na escola e olha que só tenho 22 anos, não faz tanto tempo que sai da escola. (Sara)

Faz-se necessário que o professor também insira este tema em sala de aula tendo em vista que o que se nota "é que as crianças e adolescentes expostos a esse tipo de violência apresentam comportamentos diferenciados e sofrem um impacto social em suas vidas". (OLIVEIRA e CRUZ, 2015, p. 02).

Deste modo é preciso ter consciência do papel que o professor poderá ter na vida dessa criança, antes ou depois de sofrido o abuso.

Outras falas estão muito além do conteúdo, estão relacionadas as vivências, as mudanças de concepções com relação ao conteúdo, a falta de conhecimento sobre o tema e a urgência em se abordar o mesmo em sala de aula desde muito cedo.

Na aula do tema sobre abuso sexual, eu sinceramente sai pela primeira vez da zona de conforto, pois foi muito mais que uma aula, me sentir indignada e ao mesmo tempo essa aula me deu força para lutar contra isto. Penso que minha filha tinha que ouvir falar deste assunto desde criança. (Alicia, trecho do diário)

E se eu tivesse ouvido falar do que era abuso sexual desde criança não teria passado por tudo que passei, até hoje carrego os resquícios dos abusos que sofri, principalmente nos que tange as relações com outras pessoas. (Sara)

Diante das opiniões, infere-se a importância da abordagem do tema não somente no ambiente escolar, mas também familiar, pois como evidenciado pelos graduandos, pode ocorrer em muitas outras crianças.

Nessa linha, Oliveira e Cruz (2015, p. 02) destacam:

Crianças e adolescentes que foram abusadas sexualmente tendem a apresentar uma diferente visão do mundo, ou melhor, por terem sofrido esse tipo de violência, podem se tornar adultos com problemas de relacionamento com outras pessoas.

Outro tema discutido na disciplina foi a associação de saúde íntimas com auto-estima. Conforme Freire e Tavares (2011, p. 185) a auto-estima está diretamente relacionada ao bem-estar da pessoa. Acerca disso, os autores elucidam que "é identificado como uma característica nos indivíduos mais felizes". Partindo deste pressuposto, os graduandos buscaram associar a saúde íntima à auto estima e também às questões de desconstruções de estereótipos, buscando também trabalhar as Doenças Sexualmente Transmissíveis - DST.

Inicialmente os licenciandos relataram grandes dificuldades da busca por recursos para o estudo do tema:

Não encontramos nenhum texto sobre o tema, associando saúde íntima a auto estima. (Vênus)

Está muito complicado encontrar o tema em texto, só encontramos sobre saúde íntima da mulher e ainda assim não faz nenhuma menção a auto estima. (Ragnar)

Após relatarem as dificuldades, os mesmos começaram a fazer suas próprias associações, tendo em vista que a saúde íntima está completamente ligada a auto estima, e também a sexualidade, como por exemplo:

Uma boa saúde íntima é essencial para o nosso bem estar e para desfrutarmos de uma vida sexual plena. Quando nem tudo vai bem nessa área, vários aspectos do nosso dia a dia são afetados e isso pode resultar em consequências físicas e emocionais. (Lukke).

[...] às vezes o mau odor por exemplo, pode ser sinal de uma DST, e a pessoa nem sabe, acabam as vezes se isolando, trazendo grandes danos a sua auto estima e ao seu bem está. (Lily)

O fato de não terem encontrado textos ou materiais para trabalhar este tema na sala de aula, ou fora dela, justificou a necessidade de serem efetuadas mais pesquisas sobre o tema, buscando demonstrar sua importância na vida do ser humano e também do cuidado com o corpo.

Outro tema evidenciado na disciplina foi equidade de gênero. O conceito de equidade ganha força significativa com a filosofia de Aristóteles ligado a justiça no âmbito jurídico e se aplica a população em geral quando refere-se a equidade de gênero. Aristóteles atribui a equidade uma ideia com grau de importância acima do que é considerado como lei considerando-o primordial a uma sociedade. Vejamos:

O homem que escolhe e pratica tais atos, que não se aferra aos seus direitos em mau sentido, mas tende a tomar menos do que seu quinhão embora tenha a lei por si, é equitativo; e essa disposição de caráter é a equidade, que é uma espécie de justiça e não uma diferente disposição de caráter. (ARISTÓTELES, 1978, p. 136).

Aristóteles trata o equitativo como justo. Segundo o filósofo, aquele que pratica equidade pratica a justiça. Tendo como função prevalecer o que é justo garantindo a todos o que é de direito, seja material ou intelectual, em uma proporção equivalente ao sujeito dentro de suas limitações. Havendo proporção entre o bem comum e o bem individual.

A ideia defendida pelo filósofo pode ser aplicado ao ambiente escolar quando relacionado ao preconceito existente em relação aos diversos tipos de gêneros presentes e constituídos com a identidade ao longo do processo de ensino aprendido.

A equidade de gênero abrange a necessidade de justiça entre todos os gêneros existentes na sociedade atual. É necessário adaptar, com frequência, as práticas sociais

predeterminadas a cada cidadão de forma imparcial, garantindo a todos a oportunidade de desfrutarem igualmente o que é oferecido para a sociedade como um todo. Os graduandos ainda associam a equidade ao preconceito:

Preconceito e equidade tem tudo a ver, e nós precisamos lutar por nossos direitos como mulher. (Dandara)

Deste modo, a falta de equidade leva a prática de preconceito e discriminação baseados em padrões estabelecidos pela minoria como uma espécie de lei que deve ser seguida por todos. Nessa linha, outra graduanda relata:

A discussão deste tema em sala de aula é necessário para os estudantes tanto homens quanto mulheres compreendam que possuem os mesmos direitos. (Ester)

Assim, a escola muitas vezes forma e define como a sociedade irá se comportar no futuro. Esta, em conjunto a família, "determinam" o que é certo ou errado, e em vários momentos destina lugares para cada membro da sociedade, usando estereótipos previamente definidos. Um equívoco quando se trata de um local que deveria ser imparcial e educativo.

Segundo Bento (2008, p. 131):

É um equívoco falar em "diferença ou diversidade no ambiente escolar", como se houvesse o lado da igualdade, onde habitam os/as que agem naturalmente de acordo com os valores hegemônicos e os outros, ou diferentes. Quando de fato a diferença é anterior, é constitutiva dessa suposta igualdade. Portanto, não se trata de "saber conviver", mas ter claro que a humanidade se organiza e se estrutura na e pela diferença. Se tivermos essa premissa clara, talvez possamos inverter a lógica: não se trata de identificar o estranho como o diferente, mas de pensar que estranho é ser igual e quanta violência é cometida para se produzir o hegemônico transfigurado em igualdade natural.

É então importante a mediação do professor quanto à igualdade e equidade de gênero. Construir com os alunos conhecimentos que fogem do padrão de delimitar espaço de todos.

E também foram discutidos temas como adolescência e sexualidade, com relação a este tema, os graduandos também relataram que o mesmo é importante tendo em vista que o público alvo do professor de ciências são os adolescentes. Vejamos:

Sexualidade e adolescência são um dos temas que teoricamente é mais trabalhado na escola, embora sejam somente as mudanças físicas em sua maioria, aqui na disciplina estamos vendo adolescência para a além do corpo biológico, mas estamos procurar trabalhar com as relações emocionais, culturais e sociais. (Catherine, trecho do diário)

Este tema escolhido pelo nosso grupo, parece simples porém ao aprofundarmos os estudos percebemos que é muito complexo e diria até difícil de se trabalhar em sala de aula, a disciplina me fez enxergá-lo de maneira mais clara. (Klaus)

A adolescência é um período muito importante e não pode ser levadas em consideração somente as mudanças físicas. Segundo Bretas (2011, p. 02) a adolescência "é

considerada a transição entre a infância e a idade adulta, caracterizada por intenso crescimento e desenvolvimento que se manifesta por marcantes transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais.

Deste modo, ao abordar o tema em sala de aula, deve-se levar em consideração os múltiplos aspectos associados a adolescência e a sexualidade, buscando fazer com que os estudantes possam passar por estas mudanças de forma natural.

Com relação ao tema central, pode-se abordar aqui a reação inicial dos estudantes ao saberem que o tema da disciplina seria sexualidade. Vejamos:

Muito importante trabalhar este tema na universidade, tendo me vista que pouco se é discutido este tema nas disciplinas, tirando a disciplina de didática da qual o meu grupo fez um mini-curso com o tema, não tive outra disciplina que abordasse este tema. (Petrus)

Esta disciplina da qual o graduando se refere é ofertada para os alunos no quarto semestre do curso de Ciências Naturais. Os mesmos devem montar um mini-curso e aplicar nas escolas, e um dos temas mais utilizados pelos grupos tem sido a educação sexual. Este tipo de iniciativa também corrobora com a importância de se ofertar mais disciplinas com este tema para subsidiar as práticas realizadas pelos alunos.

Diniz et al. (2015, p. 04) entende:

[...] ainda não há uma disciplina que trate da sexualidade humana, assim como não existem muitas iniciativas para criá-la. Dessa forma, os professores, que não receberam uma formação.

Trabalhar com temas relacionados a sexualidade na universidade é relevante diante da realidade escolar em que os estudantes buscam incessantemente por respostas face aos questionamento e determinações que sociedade está lhes impondo.

Desse modo, questiona-se: se estes temas são negligenciados dentro das próprias universidades, como fazer com que os mesmos sejam tratados nas escolas? Como exigir do professor que o mesmo trate do tema se ele não teve contato com o assunto em sua formação? Como exigir que o mesmo não coloque para os alunos suas opiniões e preconceitos, se eles não tiveram a oportunidade de confrontá-los antes?

Deste modo, como professores, precisamos tratar dos temas relacionados a sexualidade de forma dinâmica e com conteúdos voltados para a realidade atual, buscando formar alunos conscientes dos acontecimentos sociais e culturais, capazes de agir diante de questões como relações de gênero, abuso sexual, saúde e preconceitos.

Nessa linha, Oliveira (2007, p. 103) afirma:

Quando esta educação sexual de que estamos tratando trabalhar com o fornecimento de informações, não deverá abordar somente conteúdos relacionados à biologia do sexo, mas também, informações relativas ao contexto social em que a sexualidade é moldada, limitada e exercida. Assim, deverão ser abordados conteúdos como o preconceito, as negociações de poder que envolvem as relações sexuais, as desigualdades entre os sexos, a determinação cultural que estabelece os papéis de "homem" e de "mulher" dentro da sociedade e a sua influência nas relações sexuais, a negação social e cultural do prazer feminino e a afirmação do masculino, a "passividade" feminina e a "atividade" masculina e tantos outros conteúdos geralmente esquecidos em prol do privilegiamento de informações ligadas à reprodução.

7.7. UM OLHAR ACERCA DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS – SEXUALIDADE EM FOCO

Foram desenvolvidas diversas atividades ao longo da disciplina, estas buscaram focar não só nos conteúdos relacionados a sexualidade, mas também nas diversas estratégias de ensino que poderiam ser exploradas e adotadas de acordo com os temas desenvolvidos na disciplina. Deste modo, na presente investigação buscamos fazer uma análise das atividades por blocos escolhidos pelos graduandos da disciplina, sendo divididos em: discussões dos temas, trabalho em grupo, seminários e diário de bordo.

Discussões e debates foram uma das primeiras atividades realizadas. Os graduandos leram textos relacionados aos temas e na sala de aula eram provocados debates e discussões sobre os temas. Vejamos:

Os debates em sala, fizeram com que eu me confrontasse com muitas coisas que eu achava que estava correto e quando entrei em contato com outro ponto de vista, acabei mudando de opinião com relação ao que eu pensava. (Pepe, trecho do diário)

As discussões em sala de aula me trouxeram subsídios para trabalhar com o tema, porque tinham muitos colegas que muitas vezes davam ideias de novas leituras ou outros conceitos que não aparecia na nossa fala, nem em nossos textos. (Sara, trecho do diário)

Os debates em sala de aula, muitas vezes me tiravam da zona de conforto, por vezes em que ouvi as experiências dos meus colegas com vários dos assuntos abordados, eu ficava me colocando no lugar deles e isso me fazia repensar muitas coisas. (Sophia, trecho do diário)

Assim relacionando as opiniões dos graduandos acima com o debate, é uma das estratégias indicadas para se trabalhar com o tema de sexualidade. Figueiró (2009, p. 08) afirma:

Consiste em dispor os educandos, na classe como um todo, para debater e trocar ideias com seus colegas sobre o tema em estudo. É isto que possibilita aos alunos entrarem em contato com diferentes posicionamentos para, a partir daí, formar suas próprias opiniões e se preparar para tomar decisões próprias.

Deste modo, a estratégia mostra-se eficaz para ser trabalhada com temas relacionados a sexualidade. O mesmo também pode ser utilizado com outros temas, bastando o professor planejar como realizar a atividade, buscando a participação dos estudantes.

Outra estratégia utilizada foram os trabalhos em grupo.. As atividades em grupo proporcionaram aos graduandos o trabalho em equipe, buscando valorizar as diferentes opiniões ao passo que aprendiam a respeitar os diferentes tipos de pessoas envolvidas nas atividades. Os alunos expuseram suas opiniões sobre essas atividades:

São boas para podermos associar ideias diferentes. (Luna)

Trabalhar em grupo muitas vezes é difícil, quando não estamos preparados para aceitar outras ideias que não sejam as nossas. (Petrus)

As atividades em grupo, nos fazer interagir com os colegas que possuem diferentes opiniões, nos ajudam a respeitar os diferentes tipos de opiniões. (Buffay)

É por meio dos trabalhos em grupo que os professores melhoraram a interação entre os membros das equipes, propiciando relações de trocas de experiências e de conhecimentos. (SILVA e LEAL, 2010, p. 03).

Outra estratégia foi as apresentações dos seminários. Cada grupo, após as leituras dos textos e estudos dos materiais, deveriam apresentar um seminários com os pontos principais dos textos e também com os materiais encontrados pelo grupo.

Este tipo de atividade é considerada por Araújo et al. (2015, p. 03) uma das "diferentes técnicas de ensino coletivo, que tem como método a interação, o diálogo e a parceria dos alunos, enfatizando a troca de conhecimentos e a discussão como meta para atingir vários níveis cognitivos". Deste modo:

A estratégia de apresentação por seminários pode ser utilizada para diferentes propósitos, entre elas a identificação de problemas; a análise de diferentes aspectos; a apresentação de informações relevantes; a recomendação de pesquisas essenciais para resolução de problemas; o acompanhamento do avanço das pesquisas; a apresentação de resultados aos membros do grupo. (ARAÚJO et al., 2015, p. 04).

Uma outra estratégia utilizada na disciplina foi a do diário de bordo. Segundo Alves (2013, p. 224):

Pode ser considerado como um registro de experiências pessoais e observações passadas, em que o sujeito que escreve inclui interpretações, opiniões, sentimentos e pensamentos, sob uma forma espontânea de escrita, com a intenção usual de falar de si mesmo.

Registra-se que esta é exatamente a ideia do projeto. O objetivo era que o licenciandos, ao escreverem o diário, pudessem se expressar de forma mais livre associando

os temas das disciplinas as suas vivências, apesar das opiniões contrárias de alguns dos participantes:

Um dos pontos negativos da disciplina, foi a escrita do diário, pois não sou muito fã de escrever, e isso demanda tempo, um tempo que eu disponho pouco. (Janaína)

A escrita do diário foi muito complicado, pois tinha que ter um tempo a mais em casa. (Dandara)

Diante do exposto, Alves (2013) corrobora que embora a escrita do diário contribua significativamente para a formação do professor, muitos docentes podem se opor a essa atividade pelos mais diversos motivos, como a falta de tempo ou mesmo falta de vontade fazer os registros. Contudo, os que aceitam este desafio descobrem um caminho difícil, mas proveitoso de desenvolvimento pessoal e profissional.

As contribuições do diário de bordo vão além do âmbito profissional, como relatados pelos alunos:

O diário foi uma parte da disciplina em que mais gostei, pois me fez fazer uma reflexão sobre minhas vivências com relação a sexualidade. (Jeane)

O diário de bordo me fez lembrar muitas coisas que passei na vida com relação a sexualidade que escrevi muitas vezes com lágrimas, pois foram coisas pesadas. Mas ao mesmo tempo foi como um peso tirado das costas. (Sara)

Nunca tinha trabalhado com diário de bordo e achei muito bom, pois muitas vezes aquilo que eu não conseguir expor em sala de aula eu escrevia em meu diário, assim eu me sentia de alguma maneira participando também de todo o processo. (Regina)

Por fim, todas as estratégias foram pensadas para que os estudantes pudessem refletir o tema de forma mais profunda e que também realizassem uma reflexão sobre suas próprias vivências.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho foi possível realizar a aplicação da disciplina de forma bem dinâmica com a participação efetiva dos estudantes durante todas as atividades, mostrando comprometimento com o tema e com a disciplina. Os recursos didáticos construídos são de grande valia para os professores poderem utilizar em sala de aula para trabalhar tema nas escolas e a escrita do diário trouxe aos alunos uma reflexão sobre suas práticas pedagógicas de também sobre suas ações cotidianas com relação ao tema.

Ainda assim, o ensino de sexualidade nas escolas ainda precisa evoluir muito no Brasil, com a efetivação deste estudo foi possível observar que ainda precisamos muito como professores de formação com relação a temas tão próximos a nós, como os relacionados à sexualidade.

Após a realização desta pesquisa, também foi possível perceber que os estudantes de licenciatura em Ciências Naturais possuem muito interesse em trabalhar com sexualidade em sala de aula, porém não se sentem preparados, pois este é pouco trabalhado na universidade. Se formos falar de modo geral, o tema de sexualidade não é tratado de forma natural na escola, na família, na universidade, o que torna o estudo do tema muito relevante, para que estes medos e aflições dos professores e também dos alunos sejam ao menos reduzidos.

Outro ponto importante foi a ausência de estratégias que visem fomentar o assunto de maneira crítica, na qual os educandos possam refletir mediante as vivências do dia a dia. Existem muitos Recursos e estratégias para aparelho reprodutor masculino e feminino, porém nossos alunos buscam ir muito além do corpo, eles querem conhecer também sobre sentimentos, sobre relações sociais e anseiam por discutir em sala de aula temas que estejam associados ao que eles vivenciam e que muitas vezes não conseguem compreender simplesmente com suas vivências, precisando assim de um mediador que pode ser o professor.

Deste modo, cabe defender a construção das atividades propostas na disciplina como um passo importante para fomentar os acervos de materiais didáticos, pois os mesmos proporcionam a interação do conhecimento científico com as vivências dos alunos, permitindo a reflexão sobre preconceitos, respeito, conhecimento do próprio corpo e também dos padrões conferidos diariamente pelo meio em que estão inseridos.

Tendo em vista, os dados obtidos, conclui-se que a educação sexual deve estar continuamente presente no ambiente escolar. Além disso, o trabalho pedagógico nesta área

não deve está unicamente associado à disciplina de ciências, mas igualmente nos demais campos do conhecimento, pois este tema é transdisciplinar e também deve ultrapassar os muros da escola.

Pode-se compreender também que quando se trata de educação sexual, o professor deve considerar primordialmente a singularidade do indivíduo, buscando intervir de modo que a sua participação seja ativa no processo de construção do conhecimento. Apesar das limitações nas escolas públicas, em evidência a falta de materiais e estrutura física, o professor pode adotar métodos que se constituam eficazes e simples para o desenvolvimento no ambiente de sala da aula. As estratégias construídas pelos licenciandos durante a disciplina e até mesmo as que foram usadas na mesma, cumprem sua função em relação a esses aspectos e podem ser pontos iniciais para a discussão dos temas de sexualidade na escola.

A formação inicial é uma etapa muito importante na vida do futuro professor seja de ciências ou de qualquer outra disciplina, deste modo, esta formação também deve acompanhar este mundo contemporâneo, que se transforma a cada dia, e os temas relacionados a sexualidade estão na ordem do dia, é evidente a presença deles na vida de todos, não é possível mais deixá-los de lado ou simplesmente trata-lo superficialmente.

Pensando neste tema na atualidade onde cada dia mais os adolescentes possuem curiosidade sobre sexualidade, observo que a sociedade tem vindo no fluxo contrário, colocando cada vez mais proibições, principalmente na escola, onde iniciativas de trabalhar o tema tem sido barradas fortemente por diretores, pais e até mesmo professores. Assim, faz-se necessário que pesquisas como esta sejam ainda mais divulgadas para subsidiar ações envolvendo o tema nas escolas ou nas universidades.

Este trabalho contribuiu imensamente para minha formação como professora e pesquisadora, porque eu mesmo tinha medo de trabalhar com o tema, foi um desafio gigantesco, porém muito importante na minha formação, pois pude aprofundar meus conhecimentos sobre a área que embora eu já trabalhe desde 2009, com o passar da disciplina eu percebi que assim como muitos eu também só trabalhava com a parte biológica da sexualidade, deste modo, o processo de construção e de realização da disciplina, foi antes uma reflexão minha, uma mudança minha: mudança de fala, de quebra de preconceitos e de medos meus, para depois junto aos discentes aprendermos, buscando refletir o tema de forma natural.

Deste modo espera-se que este estudo sirva de eixo norteador para que os temas de sexualidade possam ser introduzidos dentro da universidade de forma mais contínua, mesmo que não seja como disciplina obrigatória ou optativa, mas que esteja inserido de alguma forma

na formação inicial dos professores dando subsídios para que os mesmos possam trabalhar com o tema em sala de aula.

Ainda temos muito a pesquisar sobre o tema e pretendo continuar a estudar o assunto, agora aprofundando mais nas questões de violências como abuso sexual e violência contra a mulher, pois após a oferta da disciplina, a leitura dos textos, os depoimentos dos alunos em seus diários, pude perceber o quanto estas estão inseridas em nossas vidas e necessitam de mais ênfase nos estudos relacionados a elas.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. C.; SILVA, L. B. Juventude e sexualidade. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

ALVES, F. C. Diário – um contributo para o desenvolvimento profissional dos professores e estudo dos seus dilemas. Instituto politécnico de Viseu. Disponível em www.ipv.pt/millennium/millennium29/30. Acesso em 25 de outubro de 2017.

ARAÚJO, Francisco Rafael de et.al. Aprendizagem e desenvolvimento de competências em formação avançada. Seminários temáticos como estratégia interdisciplinares. 2015.

ARISTÓTELES. Tópicos; Dos Argumentos Sofísticos. Trad. de Leonel Vallandro e Gerad Bornhein. São Paulo: Abril cultural, 1978.

BARDI, Juliana; CAMPOS, Luciana Maria Lunardi . PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA TEMAS DE ORIENTAÇÃO SEXUAL NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL . 2004. 911 p. trabalho de conclusão de curso (Licenciada em Ciências Biológicas)- IB/UNESP, Botucatu, 2004.

BARRETO, Mônica Ismerin; ARAÚJO, Maria Inêz Oliveira. Professores e professoras de ciências de Aracajú- SE frente à homossexualidade. Reflexão e ação, v.24, n.1,p.157-176, 2016.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais:*

Pluralidade Cultural, orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília:

MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual – temas transversais. Brasília, v. 10, 1998.

BRETAS, J. R. S. et al. Aspectos da sexualidade na adolescência. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 16, n. 7, 2011. Disponível em .Acesso em: 28 setembro 2017.

BONFIM, C. R. S. Educação sexual e formação de professores de Ciências Biológicas: contradições, limites e possibilidades. 267 f. Tese - (doutorado) - Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas SP, 2009.

CARVALHO, Isaiane da Silva; COSTA JÚNIOR, Pedro Bernardino da; NETO, Alcides Viana de Lima; FREITAS, Isamar Noemia de; ARAÚJO, Rosineide Dantas Torres de. A

sexualidade em livros didáticos de ciências do 8º ano do ensino fundamental: uma abordagem satisfatória? *Adolesc. Saude*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 29-36, jul/set 2012.

CIAFFONE, Adriane Costa e Rocha ; GESSER, Marivete. Integração Saúde e Educação: Contribuições da Psicologia para a Formação de Educadores de uma Creche em Sexualidade Infantil. *Psicol. cienc. prof.* [online]. vol.34, n.3. 2014.

COSTA, A. P. (2009). As concepções de sexualidade de um grupo de alunas do curso de Pedagogia: uma análise a partir do recorte de gênero. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo.

DINIZ, B. L. R. ; CIRINO, M. M ; HEREDERO, E. S. . Formação inicial em educação sexual: percepções de professores de Biologia de um Instituto de Educação Secundária de Guadalajara (Espanha). In: X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, guas de Lindóia - SP. 2015.

DINIZ, B. L. R. ; CIRINO, M. M ; HEREDERO, E. S. Percepções de professores de biologia de um instituto de educação secundária de guadalajara (espanha) sobre a formação inicial educação sexual. Universidade Estadual de Maringá 2015: [s.n.], 2015. 11 p. Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/643.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

DUQUE, Tiago. Professora, vem ver! O Paulo vai ter neném!": gênero, sexualidade e formação de professores/as. Educação. Santa Maria . v. 39. n. 3 . p. 653-664 . set./dez.2014.

FRISON, L. M. B. Desafios da orientação sexual no contexto escolar. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, n.32, p. 207-218, 2002.

FIGUEIRÓ, M. N. D. (2006). *A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites*. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Marília.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: Como ensinar no espaço da Escola. In: Educação Sexual: Múltiplos Temas, Compromissos Comuns. Mary Neide Damico Figueiró (org.). Londrina: Eduel, 2009

FIGUEIRÓ, M. N. D. Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível. Campinas: Mercado das Letras, 2006.

FILHO, Julio de Mesquita. Material didático no ensino de ciências. Disponível em: http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47362/1/u1_d23_v10_t06.pdf
Acesso em: 10 mar. de 2017

KINDEL, Eunice Aita Isaia. Do aquecimento global às células-tronco: sabendo ler e escrever a biologia do século XXI. In: Mullet, Nilton. P. ET alii (orgs.) **Ler e escrever: compromisso do ensino médio**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Núcleo de Integração Universidade & Escola, UFRGS, 2008. p 91-102

LANDO, R.L.(2010). Metodologia da problematização como encaminhamento da temática sexualidade na escola : implicações para formação inicial de professores. Dissertação(Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática). Universidade estadual de Londrina.

LEÃO, A.M.C. Estudo analítico-descritivo do curso de pedagogia da Unesp-Araraquara quanto a inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos. 343f. tese (doutorado em educação escolar), Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2009.

LIMA, E. S. ALMEIDA, G. B. . Educação sexual e prática pedagógicas. In: IV Colóquio de História: Abordagens Interdisciplinres sobre a História da Sexualidade, 2010, Recife. FASA/Unicap, 2010. p. 723-733.

LISBOA, T. K.; MANFRINI, Daniele Beatriz . Cidadania e eqüidade de gênero: políticas públicas para mulheres excluídas dos direitos mínimos. Revista Katalysis, Florianópolis/SC, v. 8, n.1, p. 67-77, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. Teoria QUEER - Uma Política Pós-identitária para a Educação, **Estudos Feministas**, 2/2001.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MAÍSTRO, Virginia Iara Andrade. Desafios para elaboração de projetos de educação Sexual na escola. In FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação Sexual: Em busca de Mudanças. Londrina: UEL, 2009.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MELO, Glenda Cristina Valim de; Rocha, Luciana Lins; Silva Júnior, Paulo Melgaço da. Raça, gênero e sexualidade interrogando professores(as): perspectivas queer sobre a formação docente. Unisul, Tubarão, v. 7, n. 12, p. 237 – 255, Jun./Dez. 2013.

MISKOLCI, R. **A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**, Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182 A.

OLIVEIRA, Dora Lúcia de. Sexo e saúde na escola: isto não é coisa de médico? In: Meyer, Dagmar E. Estermann (org.) **Saúde e sexualidade na escola**. (Cadernos Educação Básica; 4). Porto Alegre: Mediação, 2007. p. 97-109.

OLIVEIRA, Ilmara de Jesus; CRUZ, Cleide Ane Barbosa da. Abuso Sexual: uma reflexão sobre a violência contra crianças e adolescentes. Revista Científica do ITPAC, Araguaína, v.8, n.1, Pub.2, Janeiro 2015.

PERES, William Siqueira. Sexualidades, adolescência e educação. Londrina, 2002.

Apostila.

QUIRINO, Glauberto da Silva; ROCHA, João Batista Teixeira da. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 43, p. 205-224, jan./mar. Editora UFPR. 2012.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. A Educação Sexual na escola: algumas possibilidades didático-metodológicas (UFPR) 2004.

SCHMITZ, E. Fundamentos da Didática. 7. ed. São Leopoldo: UNISINOS, 1993. 175p.

SILVA, L. R. G. (2010). Sexualidade e orientação sexual na formação de professores: uma análise da política educacional. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo.

SILVA, R. C. P. Pesquisas sobre formação de professores/educadores para abordagem da educação sexual na escola. 2004. 194f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SILVA, Fátima Soares da ; LEAL, Telma. É EM GRUPO OU INDIVIDUAL, PROFESSOR? A prática de trabalho em grupo no Centro de Educação da UFPE sob duas óticas: docente e discente. 2010.

SILVA, S.P. Gênero e sexualidade na formação docente continuada e nos espaços escolares: uma análise do curso GDE na UFMA. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.

TEIXEIRA, Anderson Vichinkeski. A Equidade na Filosofia do Direito: apontamentos sobre sua origem aristotélica. **Revista Espaço Acadêmico n°128**. Jan. 2012.

VARGAS, Juliana Ribeiro; CARVALHO, Rodrigo Saballa. Problematizando discursos heteronormativos de professores/as dos anos iniciais do ensino fundamental: algumas questões para pensar a formação. Espaço acadêmico. Agost, 2016.

VARGAS, Leila Alves . Sexualidade nos livros didáticos de ciências e percepção de professores sobre o tema (Bom Jesus do Itabapoana - rj). 2014. 106 p. dissertação (Pós-Graduação em Cognição e Linguagem do Centro de Ciências do Homem)- Universidade Estadual do Norte Fluminense, CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ, 2014. Disponível em: <<http://www.pgcl.uenf.br/2018/pdf/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Leila%20Alves%20Vargas.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

10. APÊNDICES

Apêndice 1 – termo de consentimento livre e esclarecido

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa **sexualidade: uma proposta metodológica para formação inicial de professores** de responsabilidade de Luana Maria Oliveira, aluna do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Universidade de Brasília, sob orientação dos Professores Dr.^a Alice Melo Ribeiro e Dr.^a Maria de Lourdes Lazzari Freitas.

A pesquisa tem como objetivo conhecer a visão de licenciandos em Ciências Naturais, sobre disciplinas e materiais conhecidos pelos mesmo, com relação ao tema de sexualidade na Universidade de Brasília campus UnB- Planaltina. Para isso, será aplicada uma entrevista semiestruturada individualmente.

Espera-se com essa pesquisa conhecer as percepções dos licenciandos acerca do tema, para que posteriormente se desenvolva uma disciplina sobre educação sexual e construção de material didático sobre o tema de sexualidade. A participação na pesquisa não oferece nenhum tipo de risco ao participante, sendo-lhe garantido o sigilo quanto à sua identidade.

Salienta-se que a sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração financeira. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pelo estudo e a outra com você.

Considerando que todas as dúvidas foram esclarecidas, a proposta e os procedimentos envolvidos no estudo foram apresentados, solicito o seu consentimento, expressando seu interesse e autorização.

Eu, _____, aceito participar dessa pesquisa.

Brasília ____/_____/2018.

Assinatura do participante
Ensino de Ciências

Luana Maria Oliveira (Mestranda do Programa de Pós-Graduação em
Telefone: (61) 99336-3240. E-mail: luhh_miranda@hotmail.com

Apêndice 2- Ementa da disciplina

Curso	Licenciatura em Ciências Naturais
Professores Responsáveis	Luana Maria Oliveira
Horário de aulas e Atendimento aos alunos	Diurno: segunda: 14:00 às 16:00. Atendimento aos alunos: 2af – 16:00/18:00
Local	Universidade de Brasília – Campus Planaltina
Ementa	Educação sexual no Ensino Fundamental. Currículos e o ensino de sexualidade. Importância da educação sexual na Universidade, na escola e na sociedade. Seminários. Recursos didáticos como mecanismos para o ensino de sexualidade. Desenvolvimento/ elaboração de recursos didáticos.
Metodologia de Ensino	Aulas expositivas, Seminários, Trabalhos em sala de aula e via Moodle.
Avaliação	<ul style="list-style-type: none">• Estudos Individuais – 50% da nota (Análises e ensaios).• Trabalho final (Sequência didática) – 50%.✓ Produção do material – peso 3.✓ seminários – peso 2

Bibliografia Complementar	<p>BARRETO, Mônica Ismerin; ARAÚJO, Maria Inêz Oliveira. Professores e professoras de ciências de Aracajú- SE frente à homossexualidade. <i>Reflexão e ação</i>, v.24, n.1,p.157-176, 2016.</p> <p>BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998</p>
(Esta bibliografia não é exaustiva. Outros textos serão sugeridos durante o semestre)	<p>BONFIM, C. R. S. Educação sexual e formação de professores de Ciências Biológicas: contradições, limites e possibilidades. 267 f. Tese - (doutorado) - Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas SP, 2009.</p> <p>DUQUE, Tiago. Professora, vem ver! O Paulo vai ter neném!?: gênero, sexualidade e formação de professores/as. <i>Educação. Santa Maria</i> . v. 39. n. 3 . p. 653-664 . set./dez.2014.</p> <p>FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: Como ensinar no espaço da Escola. In: <i>Educação Sexual: Múltiplos Temas, Compromissos Comuns</i>. Mary Neide Damico Figueiró (org.). Londrina: Eduel, 2009</p> <p>VARGAS, Juliana Ribeiro; CARVALHO, Rodrigo Saballa. Problematizando discursos heteronormativos de professores/as dos anos iniciais do ensino fundamental: algumas questões para pensar a formação. <i>Espaço acadêmico</i>. Agost,2016.</p>
Bibliografia	

Apêndice 3- Cronograma da disciplina

Semana	De	Aula/Conteúdo
1 ^a .	06/03	Apresentação da disciplina, Cronograma e Avaliação da disciplina. Construção da ementa.
2 ^a .	13/03	Apresentação Inicial de cada estudante/ escolha dos textos
3 ^a .	20/03	Estudos individuais (não presencial)
4 ^a .	27/03	Apresentação grupo 1 e 2
5 ^a .	03/04	Apresentação grupo 3 e 4
6 ^a	10/04	Apresentação grupo 5
7 ^a	17/04	Análise do conteúdo e atividades no livro didático
8 ^a	24/04	Apresentação dos materiais encontrados de cada tema 10 minutos cada grupo
9 ^a	01/05	Feriado
10 ^a	08/05	Encontro com grupo 1
11 ^a	15/05	Encontro com grupo 2
12 ^a	22/05	Encontro com grupo 3
13 ^a	29/05	encontro com grupo 4
14 ^a	05/06	Encontr ocom grupo 5

15 ^a	12/06	Apresentação do material grupo 1 e 2
16 ^o	19/06	Apresentação do material grupo 3 e 4
17 ^o	26/06	Apresentação do material grupo 5 avaliação da Disciplina



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
Instituto de Ciências Biológicas
Instituto de Física Instituto
de Química
Faculdade UnB Planaltina
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências
Mestrado Profissional em Ensino de Ciências

**RECURSOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE
SEXUALIDADE: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA
FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS NATURAIS**

LUANA MARIA OLIVEIRA

1. INTRODUÇÃO

A sexualidade, no ensino de ciências, foi por muito tempo deixada de lado ou apresentada aos estudantes de forma equivocada, associando a sexualidade apenas aos conceitos relacionados à anatomia humana, reprodução e DSTs, como se somente ao afirmar à um adolescente que a AIDS é uma doença sexualmente transmissível fosse o suficiente para que ele tomasse consciência da importância de se cuidar e entender a responsabilidade envolvida na relação sexual (Brasil, p.34, 1997) .

Atualmente um movimento referente à educação sexual vem crescendo no âmbito educacional no sentido de evidenciar a sexualidade como algo pertencente à natureza humana, bem como reconhecer que “os valores, os afetos, as questões de gênero, a estrutura da personalidade, as competências sociais e relacionais dos indivíduos” (PONTES, p.37 2011), entre outros temas importantes também estão intrinsecamente associados à sexualidade.

É sabido que existe ainda uma dificuldade muito grande dos educadores em falar sobre e trabalhar temas relacionados à sexualidade em sala de aula, e tal embaraço pode ser devido à bagagem pessoal do próprio educador, com questões relacionadas ao constrangimento, medo da reação dos pais dos estudantes por se tratar de um tema que ainda é um tabu para muitas pessoas, ou até mesmo por questões religiosas. Além da objeção de alguns educadores, infelizmente encontramos pais que também são adversos ao tema e se posicionam contra esse tipo de discussão na escola, o que contribui para a desinformação e ‘desorientação’ desses adolescentes, favorecendo a perpetuação do ciclo de “falta de educação” sexual.

Uma alternativa encontrada em meio a tais obstáculos é o uso de recursos didáticos como ferramenta para abordar os temas relacionados à sexualidade em sala de aula, contribuindo para uma maior assimilação dos conceitos apresentados, bem como favorecendo a “quebra do gelo” ao proporcionar um ambiente relaxado, e abrir espaço para o diálogo, para a discussão de temas mais sérios, e para o esclarecimento.

Abaixo seguem materiais didáticos para os seguintes temas

TEMA

Sexualidade/Adolescência

Cuidados com a saúde íntima e suas implicações na vida/
Auto Estima

Exploração, violência e assédio sexual.

Preconceito

Teoria QUER

Papel da mulher na sociedade/Educação Sexual.

Como trabalhar o tema em sala de aula

PRECONCEITO E EQUIDADE

Abordaremos a metodologia em um processo de aproximadamente oito horas. Podendo ser dividido em quatro aulas duplas ou com um formato de minicurso com duração máxima de uma semana dividindo, assim, as horas pré-determinadas. A abordagem será dividida em quatro passos: Construção do Personagem; Produção Textual; Apresentação; Abordagem científica à respeito do assunto. No primeiro momento deve-se dividir a turma em grupos de 5 ou 6 pessoas, em seguida, os/as educadores (as) apresentarão 4 caixinhas que devem conter as seguintes características para sorteio.

- Caixinha 1: Gênero (mulher Cis, mulher trans, mulher homossexual, mulher bi etc) Caixinha 2: Raça (negra, asiática, indígena, branca etc) ;
- Caixinha 3: Profissão (diarista, cuidadora de idosos, professora, médica, cobradora de ônibus, deputada, dona de casa etc)
- Caixinha 4: Localidade (todas as cidades do Distrito Federal).

Esse sorteio deverá ser feito em cada grupo, a partir das características sorteadas, os grupos irão desenhar os personagens. Olhos, boca, nariz e orelhas que devem ser feitos em recortes do papel panamá para serem colados posteriormente no papel inteiro. Após a confecção dos personagens, cada grupo deverá escrever a sua respectiva história, inserindo as características sorteadas. Os alunos serão livres para retratar a biografia do personagem desenhado da forma que acharem melhor.

No segundo momento, cada grupo irá contar a história da sua personagem. Sendo analisado a maneira como foram inseridos as características sorteadas e como os estudantes se posicionam através das histórias, podendo ser impessoal ou não. Esperamos que neste momento algumas histórias retratem a própria realidade dos alunos envolvidos em sua confecção. Em seguida os/as educadores (as) devem iniciar um debate apontando os dados sobre equidade de gênero e preconceito. Por último os mediadores da atividade trabalharão com material expositivo para melhor compreensão dos alunos à respeito da realidade do tema, preconceito e equidade, na sociedade atual. Apresentando gráficos, conceitos, fatos para que haja ao final uma conscientização geral sobre o tema abordado.

Materiais:

- Papel Panamá
- Tesoura
- Tintas variadas
- Pinceis
- Cola
- Lápis

CUIDADOS COM A SAÚDE ÍNTIMA E SUAS IMPLICAÇÕES NA AUTOESTIMA.

Na parede serão colocadas 10(dez) imagens de corpos com diferentes fisionomias (5 sendo corpos femininos e 5 corpos masculinos). Distribuir imagens de diversos tipos de órgão sexuais (7 imagens do sexo feminino e 7 do sexo masculino) e sentimentos (felicidade, tristeza, raiva...). Posteriormente os estudantes deverão colar os órgãos e os sentimentos nos corpos que julguem ser os correspondentes.

Para levar os estudantes a reflexão dos padrões foi feito um gabarito (Figura 01 do Apêndice) acerca dos órgãos sexuais e sentimentos com suas respectivas fisionomias corporais. Vale salientar que esse gabarito foi elaborado com o intuito de problematizar as relações, de forma que foi desconsiderado os reais órgãos e sentimentos.

Discutir com os estudantes as relações que serão feitas por eles entre órgãos sexuais, fisionomias corporais e sentimentos, identificando os possíveis padrões sociais que os tenha influenciado em suas escolhas. Será revelado aos estudantes o gabarito e a partir disso levá-los a reflexão de que existem diversas relações entre órgãos sexuais, sentimentos e fisionomia.

Será finalizado com o questionamento “Será que há relação entre higiene íntima com o as discussões que forem feitas nos momentos anteriores?” por meio desse questionamento e da atividade associar como esses padrões e os cuidados da higiene íntima influenciam na autoestima.

Para a realização desta atividade foram escolhidas imagens da internet. Os critérios de escolhas foram que as pessoas das figuras não fossem famosas e que fossem comuns ao dia-a-dia dos estudantes.

Cinco diferentes fisionomias corporais masculinas (figuras 01, 02, 03, 04 e 05) foram escolhidas para a realização da atividade.



Figura 01: Rapaz Gordo. Fonte <https://it.depositphotos.com/11101436/stock-photo-surprised-fat-man-with-a.html>.



Figura 02: Homem Hippie. Fonte <http://thehive.com/2011/09/15/sweet-haircut-bro-23-photos/>.



Figura 03: Homem Bombado. Fonte <http://videofotosdahora.blogspot.com.br/2013/12/fortoes-mais-bombados-do-mundo.html>.



Figura 04: Homem Japonês. Fonte http://www.culturajaponesa.com.br/?page_id=355.



Figura 05: Homem Musculoso. Fonte http://desciclopedia.org/wiki/Neg%C3%A3o_que_atropelou_Hitchhiker_e_enfrentou_Leatherface.

Cinco distintas fisionomias femininas (figuras 06, 07, 08, 09 e 10) foram escolhidas.



Figura 06: Mulher com Anorexia. Fonte <http://noticias.r7.com/saude/pesando-apenas-25-kg-anorexica-e-vista-como-modelo-por-adolescentes-18122012>.



Figura 07: Mulher Hippie. Fonte <https://br.pinterest.com/joyupnorth1/everything-hippie>.



Figura 08: Mulher com Cabelo Curto. Fonte <https://pt.depositphotos.com/118821694/stock-photo-punk-blonde-female-with-tattoo.html>.



Figura 09: Mulher Fitness. Fonte <http://modafeminina.biz/moda-fitness/dicas-de-roupas-para-ginastica>.



Figura 10: Mulher Gorda. Fonte <https://sougordinhasim.wordpress.com/2017/02/21/nao-esnobe-uma-mulher/>.

Diferentes tipos de órgãos sexuais masculinos (figura 11) e femininos (figuras 12 e 13), em que no verso de cada imagem terão suas descrições conforme se encontra na legenda. Foram utilizados desenhos ao invés de imagens reais para a demonstração.

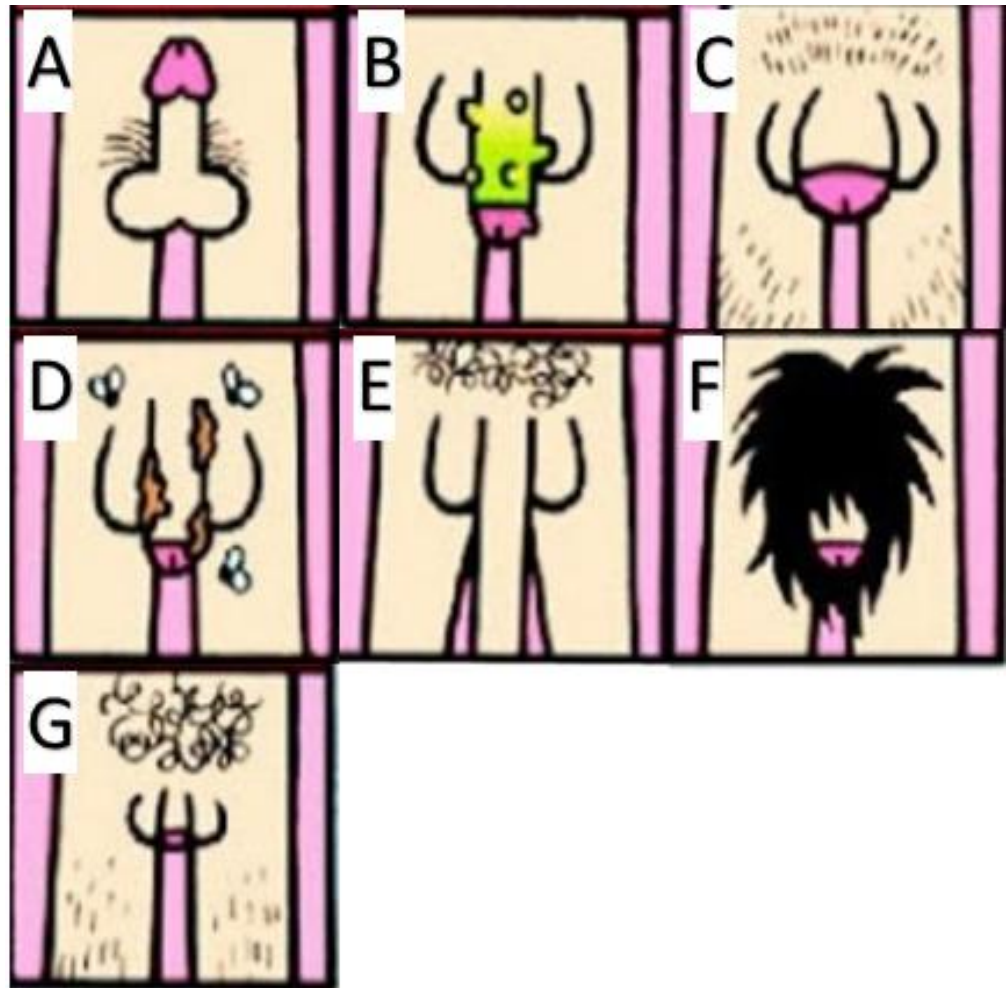


Figura 11: A - Pênis Normal; B - Pênis Doente; C - Pênis Grosso; D - Pênis Sujo; E - Pênis Avantajado. F - Pênis Peludo. G - Pênis Pequeno. Fonte <http://njudeu.blogspot.com.br/2013/02/tipos-de-pinto.html>.

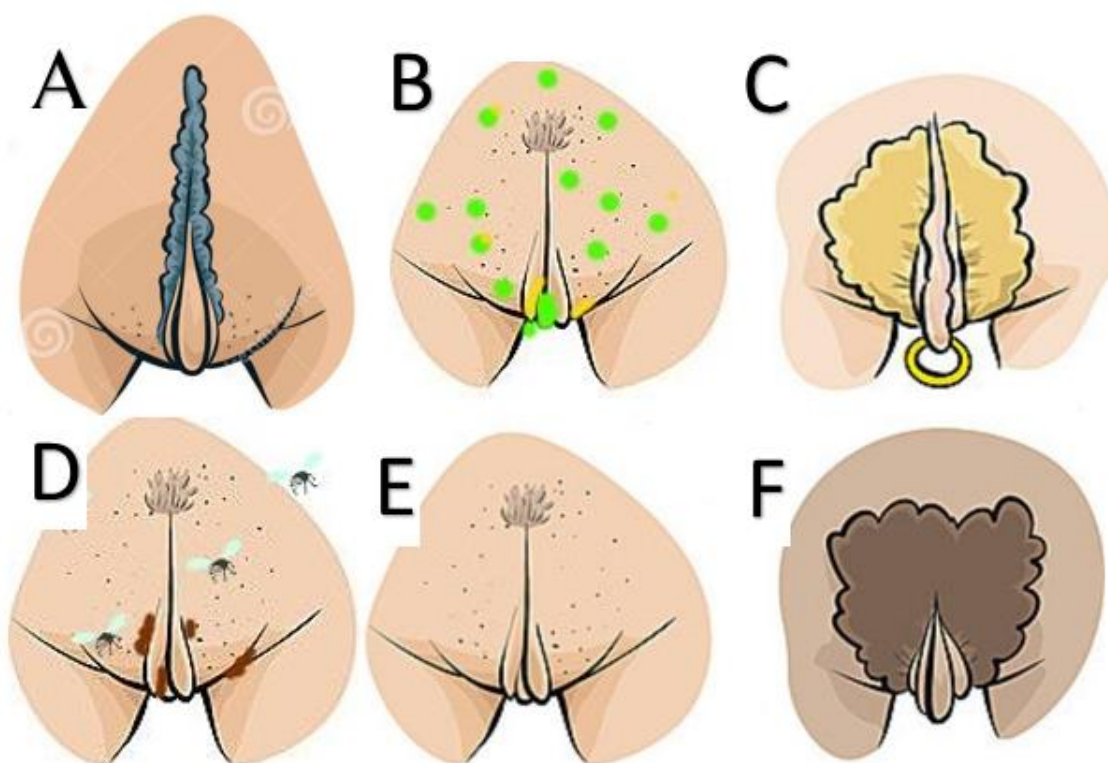


Figura 12: A - Vagina Com Pelos Coloridos; B - Vagina Doente; C - Vagina Com Piercing; D - Vagina Suja; E - Vagina Normal; F - Vagina Avantajada. Fonte <https://pt.dreamstime.com/ilustra%C3%A7%C3%A3o-stock-vaginas-dos-desenhos-animados-image41987048>.



Figura 13: Vagina Peluda. Fonte <http://gambiarradodia.blogspot.com.br/2013/09/evolucao-das-patas-de-camelo.html>.

Os sentimentos serão impressos em papéis e recortados em tiras, ficando respectivamente: 5 de felicidade, 3 de tristeza, 3 de depressão, 3 de raiva, 2 de ansiedade, 2 de angústia e 2 de medo.

Todas as imagens de órgãos sexuais e os sentimentos deverão ser relacionadas as imagens das fisionomias da forma que os estudantes acharem melhor.

Apesar de este recurso didático ser elaborado para o ensino de jovens e adultos (EJA), tal recurso pode ser aplicado na modalidade de ensino médio ou o superior. Pois os conteúdos

são assuntos relevantes para desmistificar padrões e aumentar a autoestima do público alvo dessas duas outras modalidades, promovendo dessa forma uma visão mais diversificada.

ABUSO SEXUAL

Para abordar este tema podem ser usados várias estratégias combinadas

Estratégia 1

Objetivos Gerais

O objetivo desse projeto é potencializar o entendimento do aluno acerca da Violência Sexual, abordando seus diversos temas como Abuso Sexual e suas especificidades e Exploração Sexual e suas especificidades.

Objetivos Específicos

- Compreender o que os estudantes entendem por Violência Sexual, bem como suas possibilidades de acontecimento.
- Conceituar Violência Sexual, Abuso Sexual e Exploração Sexual.
- Demonstrar que tais situações são diferentes, e infelizmente podem ocorrer em qualquer lugar e com qualquer pessoa, sem distinção de gênero, cor, raça, condição sexual, etc.

METODOLOGIA

O assunto será introduzido com a utilização do jogo “Que situação!”, desenvolvido por nós e adaptado de um jogo já existente que foi criado por nossa colega de trabalho Poliana Lima. Com a aplicação desse jogo, espera-se observar o que os alunos entendem por violência sexual, seus conceitos e conhecimentos adquiridos anteriormente.

Ao desenvolver a nossa sequencia didática, decidimos utilizar de recursos audiovisuais, como vídeos e projeções, a fim de tornar mais interessante para os alunos e facilitar a apropriação do conhecimento acerca desse assunto, para que, dessa forma, eles passe a ter um pensamento crítico quanto as atitudes que envolvam essas situações.

Junto as atividades iremos alertar aos alunos sobre a importância de procurar pessoas e instituições competentes, afim de auxilia-los caso sejam vítimas de quaisquer uma dessas situações.

As escolhas das atividades a serem desenvolvida pelos alunos foram pensadas para que contemplem o dia a dia deles e, assim, tornar as abordagens mais próximas a realidade dos alunos, para demonstrar que os abusos sexuais não então apenas em casos tão extremos como o estupro.

Por fim as atividades foram idealizadas para tornar o assunto mais lúdico e atrativo para os alunos e, dessa forma, que possam compreender, e não apenas decorar, que nossas atitudes, mesmo que seja reprodução do que viemos na sociedade, não podem ser consideradas como algo natural quando está prejudicando e impedindo a liberdade e a saúde de outras pessoas.

ESTRATÉGIA 2

Iniciar a aula pedindo que os estudantes elaborem uma história dentro da temática proposta, a partir das situações sorteadas, dando início ao jogo “Que Situação!”;

-Após o desenvolvimento da atividade de criação da história, dentro dos grupos, dar início ao debate;

- Pedir que os estudantes leiam as histórias criadas por cada grupo;

-Durante as leituras, dar início à mediação do debate, abrindo a discussão acerca das possibilidades de modificação e também de resolução das situações criadas pelos grupos;

-Após o debate, dar início à aula expositiva com auxílio do slide previamente elaborado, conceituando Violência Sexual, Abuso Sexual e Exploração Sexual, abordando todos os subtópicos envolvidos em cada tema, bem como os tipos de abuso e exploração sexuais, a importância da denúncia nesse tipo de situação, etc.

-Durante a exposição do tema utilizar alguns vídeos, selecionados previamente, que abordem os tópicos de forma a sensibilizar os estudantes para o tema.

RECURSOS UTILIZADOS

-Jogo “Que situação!”;

- Papel A4;
- Projetor e computador;
- Slide “Violência Sexual: Abuso e Exploração”;
- Vídeos:
 - “2 minutos para entender a cultura do estupro”;
 - “Câmera escondida mostra o assédio que uma mulher sofre na rua”;
 - “Pai, me ajude_ nasci menina”;
 - “AIB : Rape - It's Your Fault”.

ESTRATÉGIA 3

- Iniciar a aula lembrando alguns conceitos apresentados na aula anterior;
- Pedir que os estudantes se dividam nos mesmos grupos formados anteriormente;
- Distribuir as letras das músicas selecionadas de forma que cada grupo receba uma letra;
- Pedir que os estudantes identifiquem em suas letras, possíveis situações onde o autor da letra evidencia ou incentiva a prática de algum tipo de violência sexual, tendo por base os conceitos que eles já aprenderam acerca do tema;
 - Após a identificação das situações, orientar os grupos para que eles façam a “correção” das letras, reescrevendo os trechos das músicas da forma como eles acharem mais pertinente;
- Pedir que os grupos apresentem as letras modificadas para os colegas;
- Feita a apresentação das músicas, redistribuir as histórias produzidas na aula anterior para os grupos de forma não aleatória, onde cada grupo receberá a sua própria história;
- Pedir que os estudantes, a partir dos conhecimentos que já possuem acerca dos temas, reescrevam suas histórias, encontrando uma solução para o problema criado pelos mesmos, e modificando as partes da história que acharem pertinentes modificar.

-Encerrar a aula com um debate, para que os grupos exponham suas histórias, e assim possamos discutir um pouco mais sobre o tema, bem como sobre as saídas encontradas pelos grupos para as suas situações.

RECURSOS UTILIZADOS

-Letras das músicas: (Sugestões)

-“Nosso sonho – Claudinho e Buchecha”

-“Ciumento eu – Henrique e Diego”

-“Vai tomar dormindo – Mc Roba Cena”

-“Maria Chiquinha – Sandy e Júnior”

-“Vai dar essa zorra hoje – Bonde Quebra Tudo”

-“Vidinha de Balada - Henrique e Juliano”

-etc.

- Jogo “Que Situação!”;

-Papel A4.

ROTEIRO DO JOGO

“Que Situação!”

Materiais:

- Cartas com os personagens;
- Cartas com os lugares/ambientes;
- Cartas com as situações;
- 3 caixas confeccionadas para o sorteio das cartas

Regras do Jogo:

-A turma será dividida em grupos com até 5 estudantes;

-Após a divisão dos grupos será realizado o sorteio das cartas, onde um participante de cada grupo vem até as caixas e pega (aleatoriamente) 2 cartas na caixa de personagens, 1 carta na caixa de lugares e 1 carta da caixa de situações.

-Na sequencia os estudantes irão, em seus grupos, elaborar um história de acordo com as condições sorteadas nas cartas, envolvendo os personagens, lugar e situação do jogo, levando em consideração o que eles entendem sobre o tema.

- Após a elaboração da história, abrir um debate para que os alunos façam a exposição das histórias e discutam com a ajuda dos outros grupos, possíveis soluções para as situações abordadas.

- Recolher as histórias dos grupos para uso posterior.

- Após o compartilhamento de conceitos acerca do tema, através de aula expositiva, devolver as histórias para cada grupo, a fim de que, a partir dos conceitos novos, eles possam reescrever suas histórias, modificando o que acharem pertinente, e encontrando uma solução para a situação criada por eles.

TEORIA QUEER

Algumas estratégias para trabalhar com tema, tomando sempre cuidado com a idade do publico.

Estratégia 1

METODOLOGIA

Inicialmente foi idealizado um recurso para trabalharmos a teoria QUEER, com o objetivo de alcançarmos estudantes do 8º ano do ensino fundamental e/ ou ainda a Educação de Jovens e Adultos.

Foi realizado um encontro com a professora, para mostrarmos o andamento da proposta educacional. O que nos possibilitou alterações significativas ao projeto inicial, isto posto logo após o encontro o grupo se reuniu para que fossem decididos os detalhes da produção e direcionar os participantes.

Foram divididas as produções dos planos de aula direcionando-os para o objetivo final de abranger em todos a teoria QUEER e seu aprofundamento de forma apropriada ao público alvo e produzido o recurso o qual foi usado para introdução e coleta do que os mesmo já sabem sobre o tema, ainda que não denominado teoria lhes possibilitando a produção de

uma historia com determinadas características já determinadas os tornando produtores e detentores do conhecimento.

DURAÇÃO

- 45 minutos.

OBJETIVOS

- Sensibilizar o aluno para com os diferentes tipos de identidade de gênero.
- Discutir sobre casais ditos “diferentes” na sociedade moderna.
- Indagar sobre a reprodução biológica na perspectiva de diferentes identidades de gênero.

MATERIAIS

- Base (anexo 1);
- Peças (anexo 2);
- Envelopes;
- Fichas contendo características (anexo 3);

PROCEDIMENTO

1. Separar a turma em grupos, no máximo com cinco alunos;
2. Distribuir em cada grupo duas peças aleatórias;
3. Pedir para que cada grupo coloque as peças na base;
4. Escolher um integrante do grupo para girar as caixinhas na base.
5. Observar as cores das faces que estão de frente com o aluno e anotá-las.

(Exemplo: na primeira caixinha saiu a face de cor VERDE e na segunda caixinha saiu a face de cor AMARELA);

6. Pedir para cada grupo pegue os respectivos envelopes de acordo com as cores sorteadas. (Exemplo: como saiu VERDE e AMARELA, dê aos alunos os envelopes verde e amarelo);

7. Orientar os alunos a relacionarem as características dos dois envelopes (Exemplo a pessoa com as características do envelope VERDE relaciona-se com a pessoa do envelope AMARELO);

8. Solicitar que os alunos respondam a duas perguntas:
 - a. Esse casal possui atração entre eles?
 - b. Esse casal pode se reproduzir?

Possíveis adaptações: Ao invés de colocar as peças na base podemos usar fichas contendo as cores, assim os alunos podem escolher duas fichas e, conseqüentemente duas cores ao qual indicarão quais características trabalharão nesta atividade.

Características que estarão nos envelopes

SOU HOMEM	SOU CISGÊNERO	SOU GAY	AMARELO
SOU HOMEM	SOU TRANSGÊNERO	SOU PANSEXUAL	ROXO
SOU HOMEM	SOU CISGÊNERO	SOU HETEROSEXUAL	AZUL
SOU HOMEM	SOU TRASNGÊNERO	SOU BISSEXUAL	LARANJA
SOU MULHER	SOU CISGÊNERO	SOU HETEROSEXUAL	VERMELHO

SOU MULHER	SOU TRANSGÊNERO	SOU GAY	BRANCO
SOU MULHER	SOU CISGÊNERO	SOU BISSEXUAL	VERDE
SOU MULHER	SOU TRASNGÊNERO	SOU PANSEXUAL	ROSA

ESTRATÉGIA 2

1) Dizer aos alunos que ocorrerá uma ampla discussão sobre sexualidade e que esta poderá ser aprofundada (de acordo com os temas pelos quais a sala apresentar maior interesse). Para isso, eles utilizarão folhas de papel A4, nas quais escreverão suas possíveis dúvidas e/ou sugestões. Cada aluno deve colocar quantos papéis desejar na urna.

2) O professor deverá combinar com os alunos um tempo específico para a redação das questões a serem colocadas na urna.

3) Após o prazo estabelecido, o professor ressaltará a importância da discussão, enfatizando a não utilização de nomes pejorativos, bem como a não exposição de colegas da sala.

A atividade se iniciará com o professor retirando um papel da caixa e lendo o questionamento ou sugestão. Em seguida, o professor devolve o questionamento para a sala, procedendo assim até o final, a fim de que a resposta seja uma produção coletiva, de todo o grupo, o que permitirá o surgimento das discussões.

RECURSOS DIDÁTICOS

Urna (caixa de sapato encapada, com uma fenda na tampa, para que os alunos coloquem suas perguntas), folhas de papel A4, lápis e/ou caneta.

DESENVOLVIMENTO

Nesta aula, faremos uma introdução do que é transexualidade, que muitos alunos já devem ter escutado falar, mas muitos de fato não sabem do que se trata, em seguida vamos mostrar quadrinhos da cartunista Laerte Coutinho, onde os mesmos deverão confeccionar o seu próprio quadrinho.

RECURSOS DIDÁTICOS

Papel tesoura, canetinha, lápis de cor, revista cola.

Anexos

LAERTE COUTINHO:



QUADRINHOS DE LAERTE:





ESTRATÉGIA 3

TEMA: QUEBRANDO PARADIGMAS DA SOCIEDADE

PÚBLICO ALVO

- 8º anos do Ensino fundamental e EJA.

OBJETIVO

- Quebrar os padrões impostos pela sociedade em relação as diferentes condições sexuais.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Vídeo (O babado da Toinha).
- Debate

DESENVOLVIMENTO

O vídeo será passado para os alunos em sala de aula em um data show. Ao término do mesmo, se iniciará um debate sobre o que os alunos entenderam e a opinião de cada um a respeito do objetivo da aula.

RECURSOS DIDÁTICOS

Vídeo (O Babado da Toinha), computador e datashow.(<http://www.narrativasartesanais.com.br/o-babado-da-toinha>)

ESTRATÉGIA 4

TEMA: A TEORIA QUEER

PÚBLICO ALVO

- 8º anos do Ensino Fundamental e EJA.

OBJETIVO

- Identificar características da teoria QUEER.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Apresentar o espaço ocupado por homossexuais, travestis, transexuais, hermafroditas.

DESENVOLVIMENTO (40 MINUTOS)

PARTE: RODA DE CONVERSA

Inicialmente será realizada uma roda de conversa, onde o professor questionará os alunos: O que é entendido por teria queer? As pessoas exercem o mesmo espaço na sociedade? É possível pessoas homossexuais, trans e travestis ocuparem o mesmo espaço que pessoas normativas? O objetivo dessa atividade é de conhecer as concepções prévias dos alunos em relação ao tema.

PARTE: AULA DIALOGADA COM O AUXÍLIO DE FOTOGRAFIAS

A instrução com fotografias tem o objetivo de apresentar pessoas denominadas famosas de gêneros variados. Será utilizado fotografias que apresentem para os alunos, um pouco mais sobre a vida dos famosos mostrados nas imagens. A cada imagem, o professor questionará os/as estudantes se conhecem aquela imagem e se poderiam descrevê-la, considerando as características perceptíveis nas imagens.

ATIVIDADE FINAL: CARTA

Em seguida, o professor irá propor que os alunos escrevam uma carta direcionada à algum famoso que foi apresentado. Essa atividade tem o objetivo de discutir o que foi entendido sobre o tema e expor as curiosidades que tenham surgido em relação à vida e trajetória do famoso.

EDUCAÇÃO SEXUAL

ESTRATÉGIA 1

Recursos

- Papel pardo;
- Canetões;
- Quadro branco;
- Pinceis para quadro branco;

Metodologia

Será posicionado no quadro branco dois papeis pardos com o contorno do corpo humana, terá somente o contorno sem nenhum detalhe. Diante disso os discentes serão indagados a dizer característica de um menino, onde será preenchido em um dos contornos do corpo, e uma menina, onde será preenchido no outro contorno do corpo.

Na sequência os alunos irão dizer quais são as mudanças que ocorre no corpo de um menino e uma menina durante a adolescência, na primeira etapa eles vão falar sobre as mudanças físicas, mas vamos indaga-los também sobre as mudanças emocionais, focando principalmente nos dilemas que a maioria passa nesse período da vida.

Avaliação

Ocorrerá mediante a participação, o trabalho em equipe e desempenho nas atividades propostas.

Recursos

- Cópias das situações a analisadas;

Metodologia

A turma será dividida em grupos com até 5 componentes, cada grupo receberá uma situação hipotética (anexo) que pode ocorrer durante a fase da adolescência e eles deverão analisar essa situação de modo a ver qual é a melhor solução. O grupo discutirá a sua situação e depois irão expor para a turma a situação e a solução que eles tiveram, e a turma irá expor a opinião gerando um debate em cada situação.

Anexo

Situação 1: João pegou AIDS (uma doença sexualmente transmissível e sem cura) aos 20 anos de idade. Em um dia João precisou fazer uma viagem internacional, na hora de realizar o embarque ele precisou declarar as doenças que tem, ao declarar que ele tem AIDS, uma companhia aérea se recusou a vender uma passagem para ele.

Situação 2: João e Maria começaram a namorar a 1 ano e a 3 meses atrás eles começaram a ter relações sexuais e até agora não usaram nenhum método contraceptivo. Eles têm medo de ir a uma farmácia ou a um posto de saúde porque acham que todo mundo vai ficar sabendo que eles estão transando. Todo mês ficam nervosíssimos, morrendo de medo da menstruação de Jade atrasar

Situação 3: Lena e Felipe estão transando há seis meses. O método que estão usando é a tabelinha, só que, mesmo marcando tudo direitinho na sua agenda e sendo super regulada, Lena está muito insegura. Ela acha que Felipe poderia usar a camisinha, já que é fácil de comprar e assim ela não vai dar bandeira em casa. Acontece que Felipe é terminantemente contra, pois ele acha que a camisinha o bloqueia.

Situação 4: Maria e João namoram há 2 anos e a mais de 1 ano eles mantêm relação sexual. Maria toma pílula e ela acha que não precisa de nenhum outro método contraceptivo, mas João acha que eles deveriam utilizar a camisinha também.

Situação 5: João conheceu Maria há 3 dias e teve relação sexual com ela. João está despreocupado em relação a gravidez e doenças sexualmente transmissíveis, visto que ele utilizou camisinha somente durante a penetração.

Recursos

- Ovos

Metodologia

Cada estudante receberá um ovo, e eles deverão dar o nome e determinar o gênero “filho”, eles deverão cuidar como se fosse um recém-nascido, deverão criar uma certidão de nascimento, eles deverão levar seu “filho” a todos os lugares que eles forem e até fazer uma cama. Ao período de uma semana os alunos deverão levar os seus “filhos” e um diário onde vão contar as histórias ocorridas com o “bebê”.